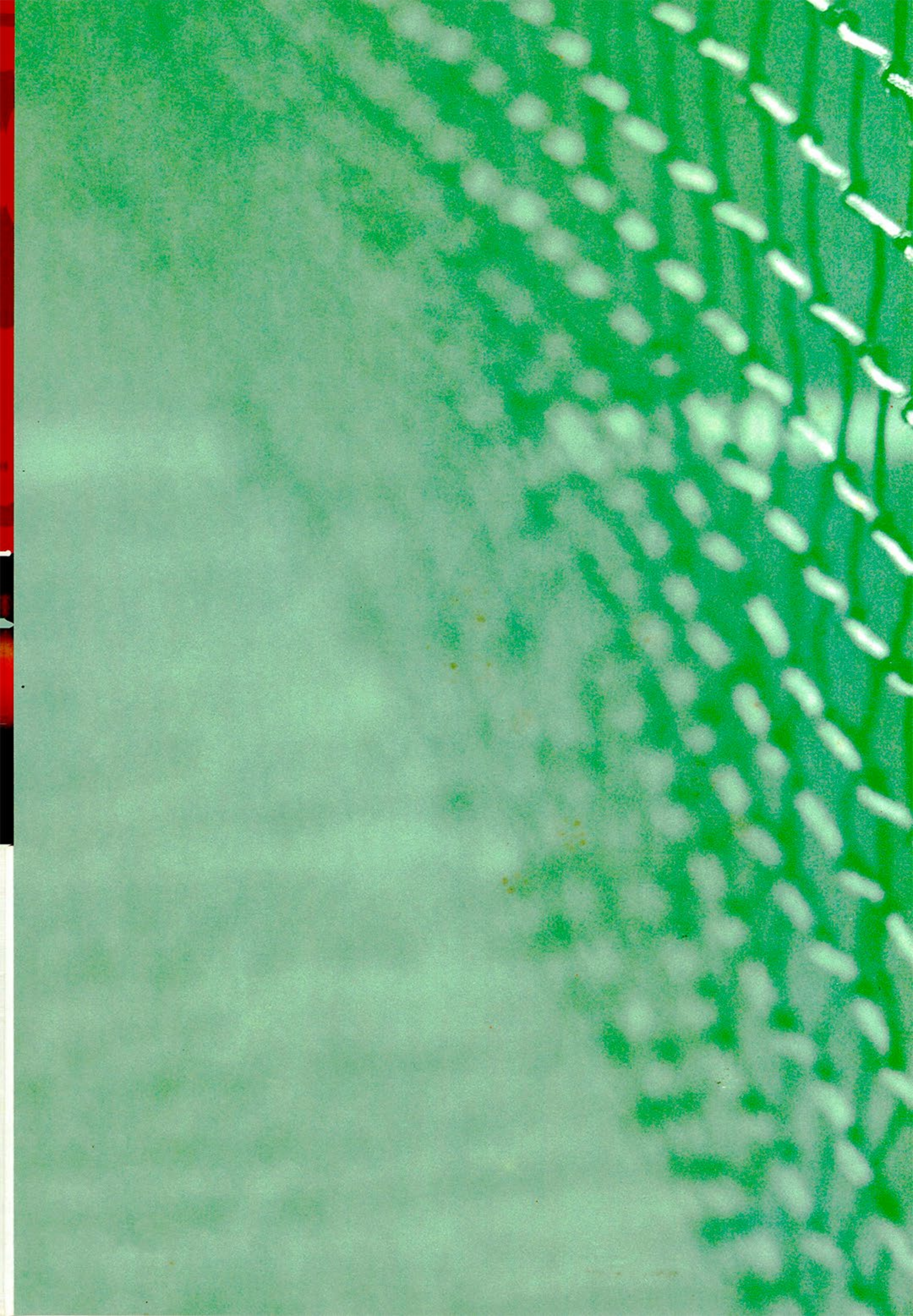




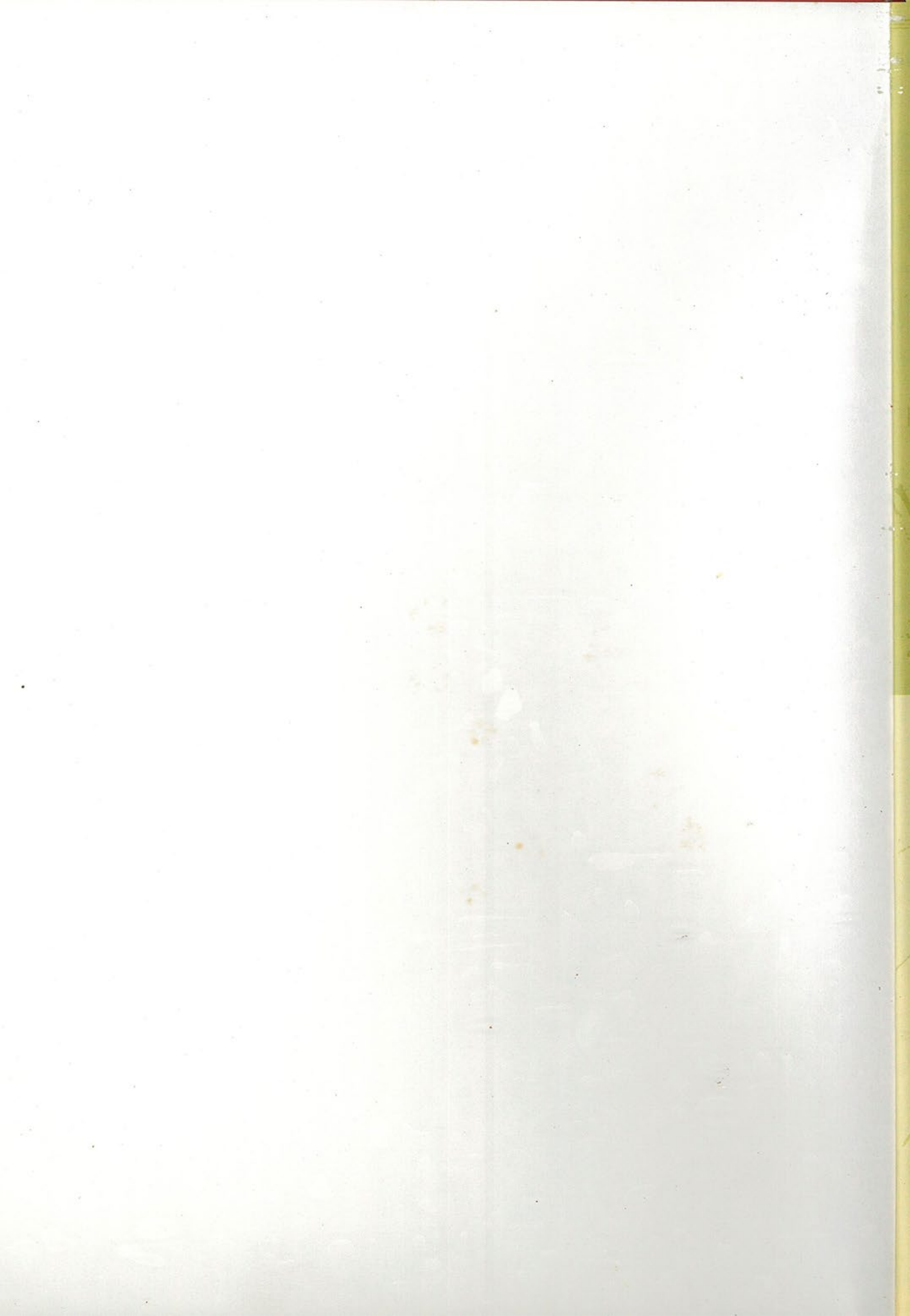
Club Athletico Paulistano
Corpo e alma de um clube centenário

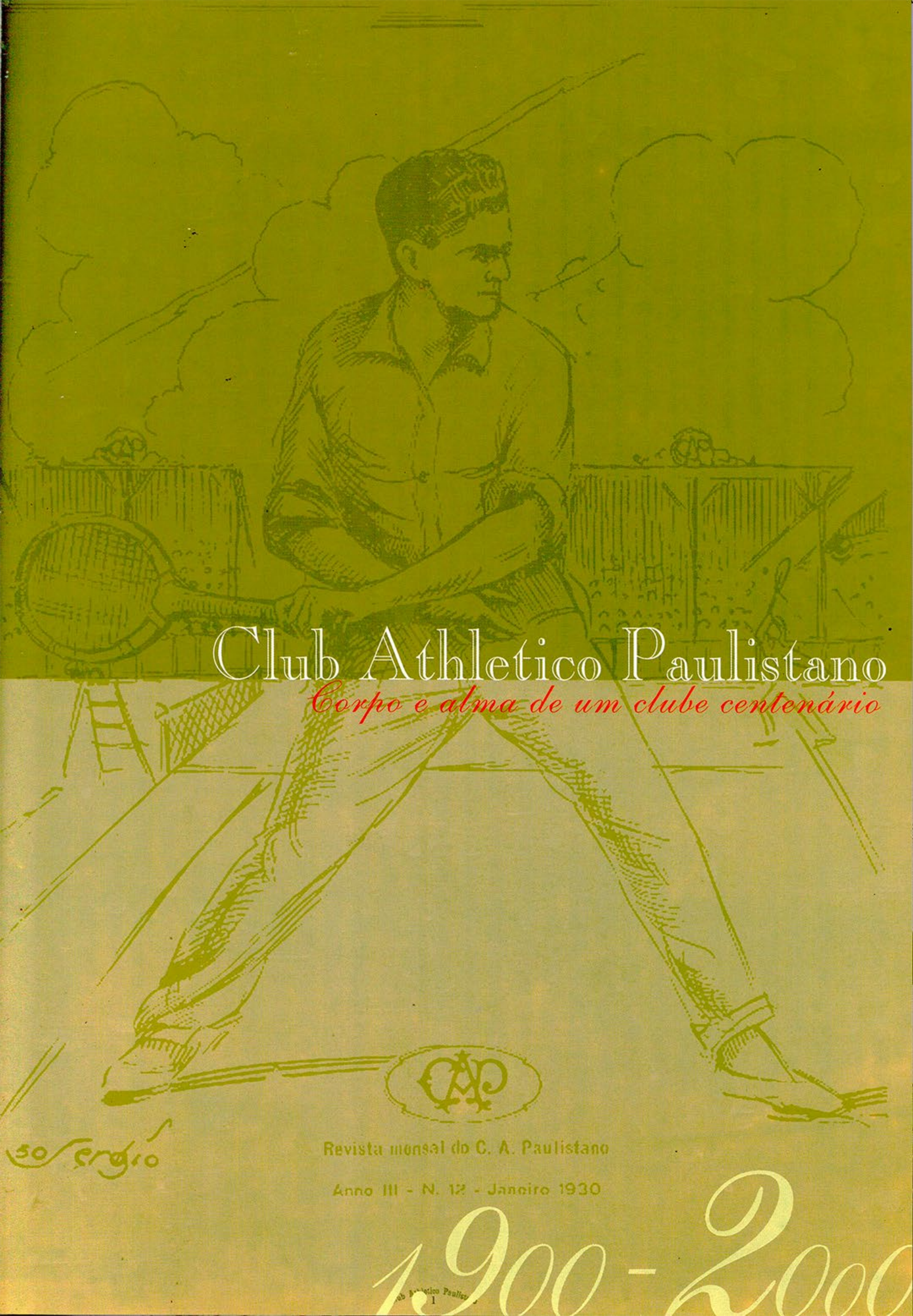
1900-2000











Club Athletico Paulistano

Corpo e alma de um clube centenário



Revista mensal do C. A. Paulistano

Anno III - N. 12 - Janeiro 1930

so Sergio

1900 - 2000

TEXTO

Ignácio de Loyola Brandão

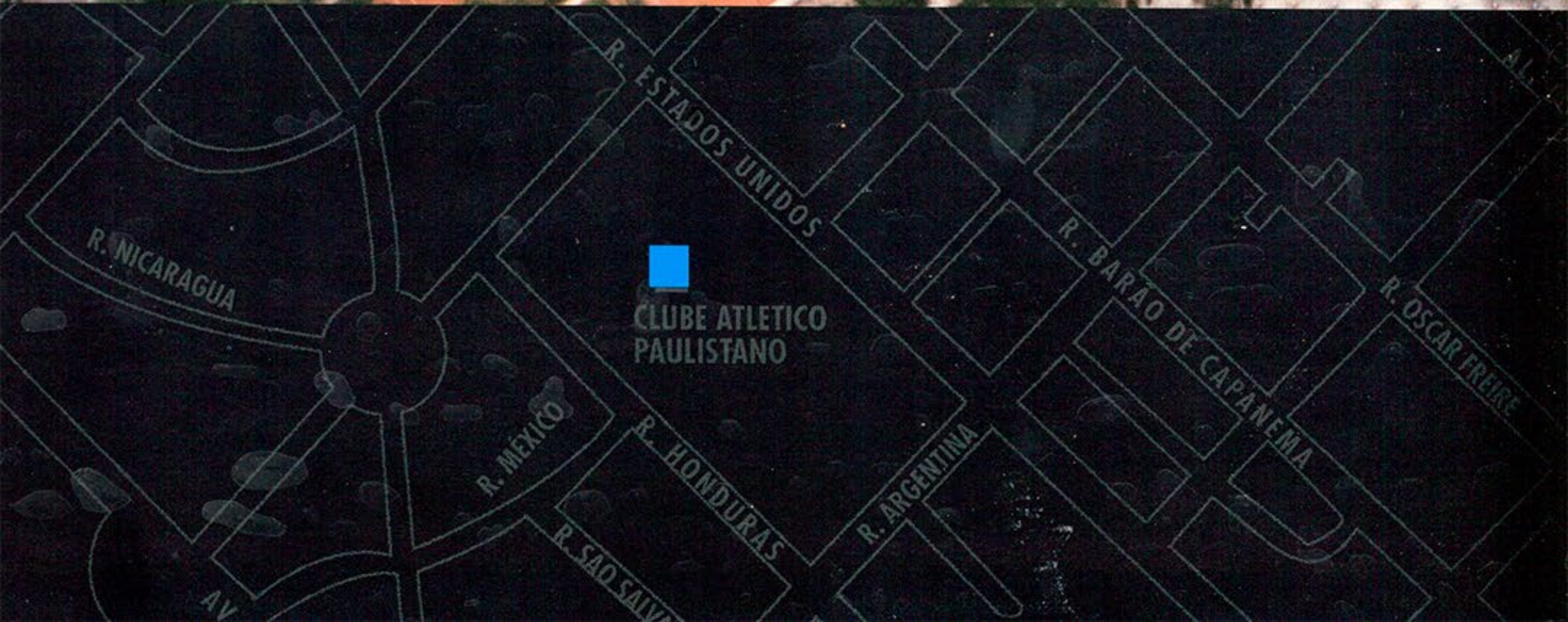




*Construção da
sede antiga, 1917*



Club



Athletico Paulistano





EDITOR
Alexandre Dórea Ribeiro

COORDENAÇÃO EXECUTIVA
Andréa Di Pace

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Elizabeth Azevedo

TEXTO
Ignácio de Loyola Brandão

DESIGN
Suli E. Kabiljo

FOTOGRAFIAS
Romulo Fialdini

REPRODUÇÃO DE FOTOS
João Caldas

PESQUISA
Hera Pesquisa e Consultoria Histórica

PREPARAÇÃO
Mário Vilela

REVISÃO
Norma Marinheiro

FOTOLITO
Prata da Casa

GRÁFICA
Pancrom

APOIO
Silvana Fontanelli
(Museu do Club Athletico Paulistano)

SUMÁRIO



Carta do Presidente	11	Raqueles de caixote	70
Introdução	13	Paulistano, alma da cidade	71
1900 - Desponta o novo século. São Paulo se moderniza, surge o Paulistano	16	Vidas ligadas ao clube	73
Proibido vaiar	21	O espírito de cidadania	74
A primeira bola de futebol brasileira	23	Uma religião chamada Paulistano	76
Inferiores, muitos. Iguais, poucos	24	Testemunha das mudanças sociais	79
Matches aos domingos e feriados	25	Arquitetura da modernidade	81
Mulheres no court disputam o mix-double	26	Ginásio, prêmio na Bienal	82
As belas do five-o'clock tea	27	Lembranças de bailes e festas	83
Pioneiro na "vitória moral"	28	O último baile de debutantes	86
Renascimento	30	Chuva de bolas brancas e vermelhas	87
Inaugurado sob o signo da poesia	34	Quem nunca foi ao mingau?	88
Revanche que demorou doze anos	37	Acreditando, a voz aparece	88
Nenhuma penalidade aplicada	39	Pré-história da assessoria de imprensa	90
O título jamais igualado	40	História vivida	90
Clube que lutou pela ética	42	Preocupação social	91
Excursão à Europa. 1925 o Brasil soube onde fincar o pé	44	Remo, uma vítima da cidade	92
Os jogadores	47	O pioneirismo sempre leve sabor	94
Nasce o Torneio Vermelho e Branco	49	Ritmo de uma cidade	98
Transatlântico em pleno mar	50	O CAP nas Olimpíadas	100
Na moderna piscina, mais homens do que mulheres	51	Cartão de visita	102
Mulher vai à piscina a que horas?	56	A efervescência do Cultural	103
Termina o futebol, mantém-se o brio	58	Talentos literários do clube	107
Canchas rubras do nobre esporte	59	Mudando a cara de uma entidade	108
Momentos	60	Caminhando para o novo século	111
Tio Antônio, o "dono" do Glorioso	60	O CAP e a união de clubes	111
A saga Pinheiro Dória	62	2000	113
Esquecer o mundo	64	O cotidiano	114
Energia que envolvia e estimulava	64	Ponto de equilíbrio	132
O sonho: jogar à noite	66	Visgo: algo que prende	134
A vida tranqüila de um clube	66	Garagem, a obra do século	136
Peso dos pesos	67	A árvore e a permanência	140
A tradição do frontão	68	Lista de Presidentes	142



Um livro que comemorasse o centenário do glorioso Club Athletico Paulistano poderia ser uma resenha de todos os feitos sociais, esportivos e culturais alcançados nestes cem anos de existência, mas seria um livro enorme, maçante, de interesse restrito.

Assim, resolvemos fazer um livro leve, com crônicas que falam de pessoas, de momentos interessantes, repleto de fotografias. É um registro do espírito de nosso clube, onde a sua bandeira, a todo dia desfraldada, é - e zelaremos para que sempre seja - símbolo de civilidade e alegre convivência.

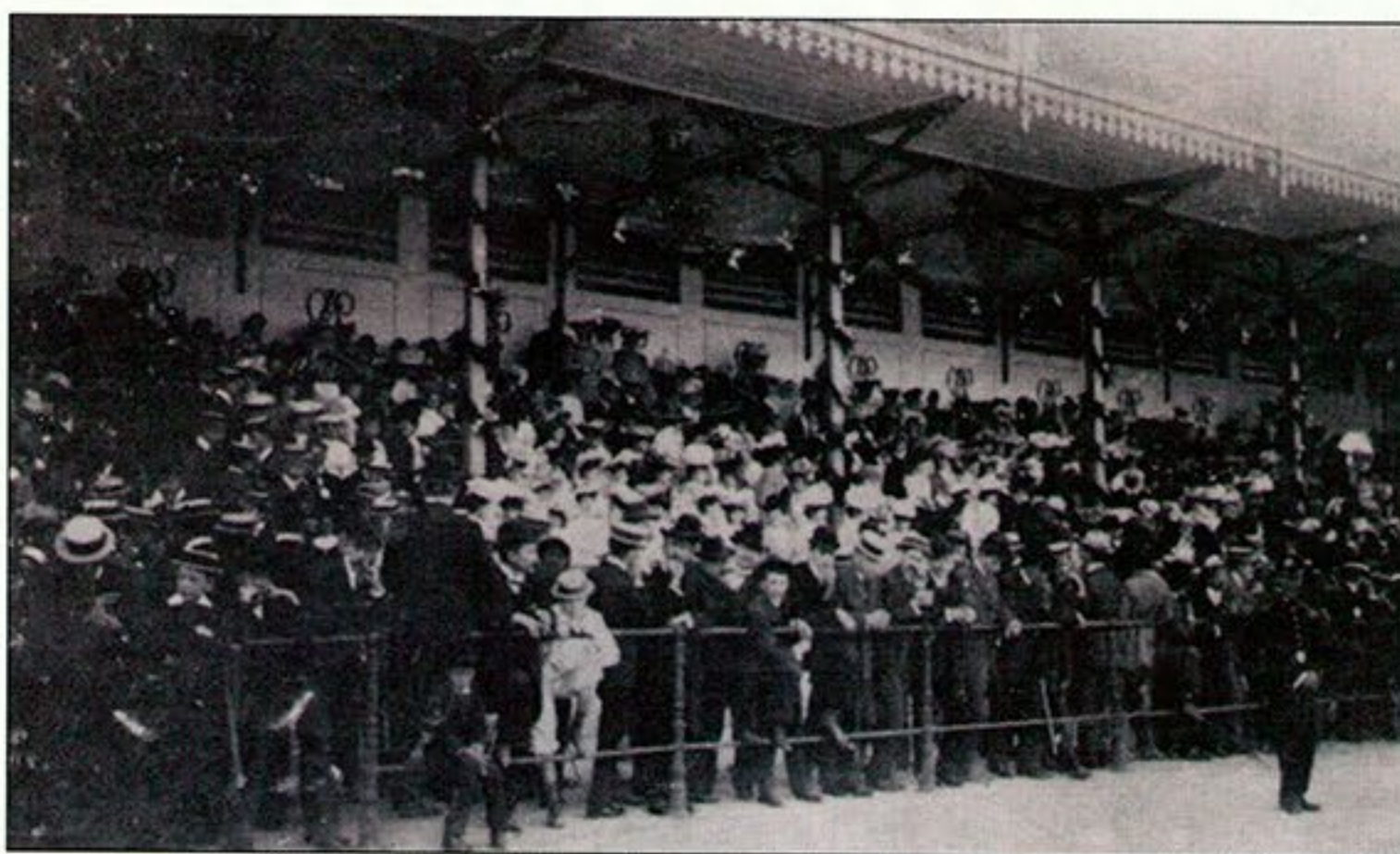
Este é o nosso jovem Paulistano, iniciando o seu segundo centenário.

José Manuel Castro Santos

Presidente



O carro foi deixado na alameda Santos, e Carlito Aranha e Maurício Monteiro desceram a rua Augusta, a pé, os finos sapatos mergulhando aqui nos pedriscos, ali em tufo de grama que afundavam na água. O Jardim América, empreendimento da City, não passava de um charco deserto. Toda a região era pantanosa, úmida. De tal modo inóspita que Maurício, antes de ver o lote, aproveitou para praticar um pouco de tiro ao alvo. Tinham sido encarregados de uma missão: avaliar um terreno entre as ruas Honduras e Estados Unidos. Washington Luís, na época prefeito de São Paulo, foi quem deu a indicação sobre o lugar. Ele sabia que o Paulistano estava em situação delicadíssima. Ao completar quinze anos, o clube se via sem sede e com apenas cento e poucos sócios, depois de ter abrigado a elite da cidade. Verdade que um pequeno grupo tentava fazer respiração boca-a-boca. Esse esforço quase sobre-humano levava o time a ganhar a Taça Jockey Club, no campeonato de 1916, goleando o São Bento por 9 x 0. Isso equívaleu a dar descargas elétricas para reativar um coração.



*Velódromo,
início do século*

Por quinze anos; a partir de 1900, o Paulistano tinha vivido e crescido no velho Velódromo. Porém, aproveitando um momento em que a área estava sendo urbanizada, o Velódromo começou a ser loteado para venda. A pista de ciclismo, o campo de futebol, as arquibancadas e vestiários, as quadras de tênis, a piscina, tudo deveria desaparecer. Também o clube? O entusiasmo tinha se evaporado. Para piorar, o campeonato de futebol estava para começar, havia jogos programados para o Paulistano, só que não existia o time.

CLUB ATHLETICO PAULISTANO

Nº 14 Rs. 50\$000

Recebi do socio Snr. Virgilio
Aguiar a quantia acima de
cincoenta mil réis correspondentes a sua joia
de entrada.

S. PAULO, 12 de Dez de 190 0

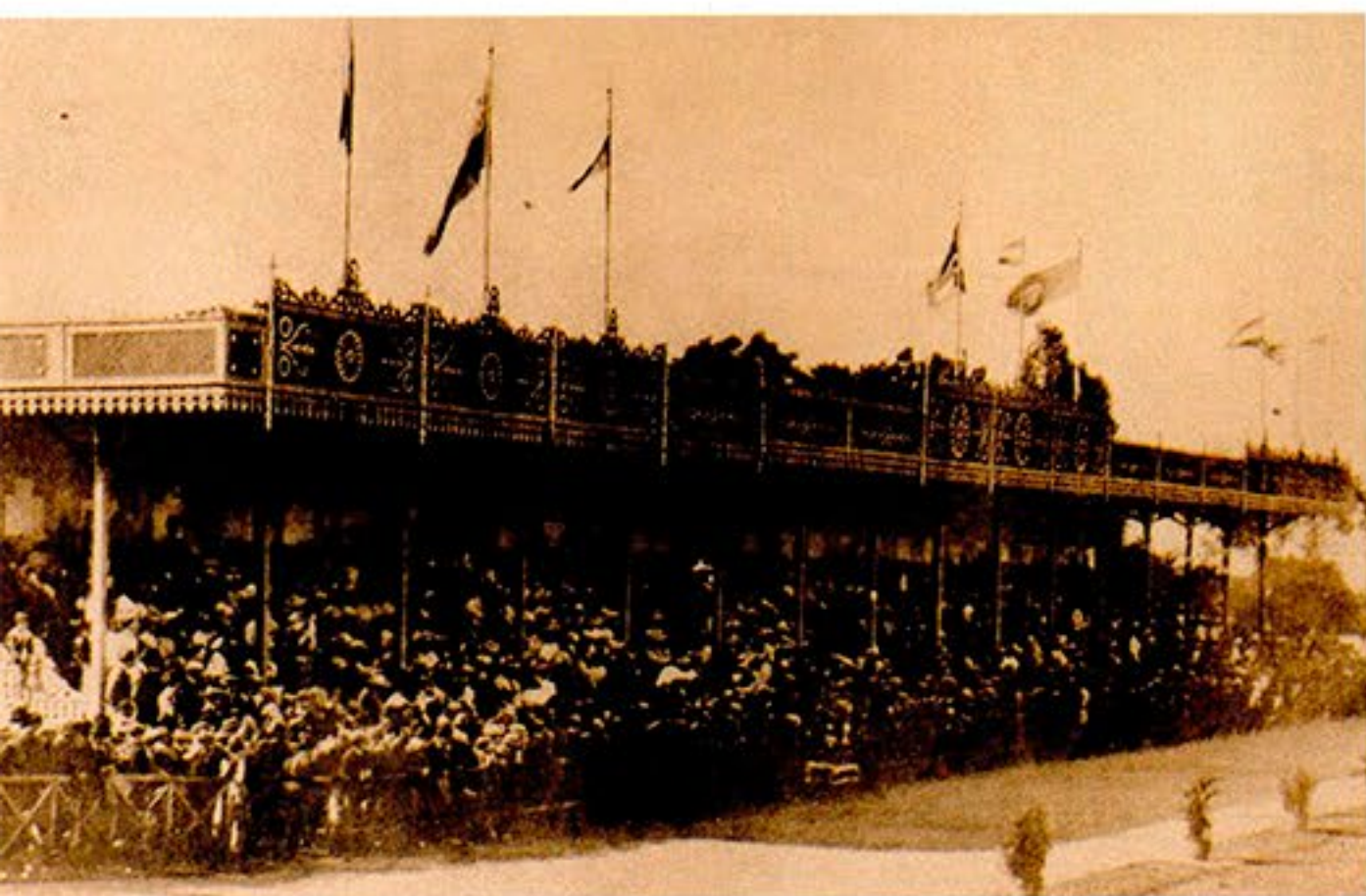
O 1.º THESOUREIRO,
U. Prado Netto
At

Recibo de pagamento da jóia do clube, 1900

Um grupo de inconformados reuniu-se disposto a se mobilizar. Entre outros, João de Barros, Fernão de Moraes Salles, Luís Novaes de Barros, Alfredo Ellis Júnior, Luiz Fernando do Amaral e Manoel Carlos Aranha, o Carlito. Inquieto, o grupo esperava uma reação da diretoria. Seria mesmo o fim do Paulistano? O vazio estendia-se no futuro.

Era preciso ir à luta, não se admitia dissolver o clube. Carlito teve um encontro com Antônio Prado Júnior e convenceu-o a sair na frente. A legião dos trinta sócios remanescentes elegeu Prado presidente, com a incumbência de evitar o naufrágio. O time foi inscrito no campeonato. Às escuras. Era a equipe de um clube "inexistente". Nem havia onde treinar. Quem salvou a situação foram o São Bento, da Vila Mariana, e o Palestra, do Parque Antarctica, que cederam seus campos. No entanto, Carlito conseguiu apenas nove jogadores. Fazer o quê? Treinava-se com os nove, que eram levados no carro de Carlito, uma Berliet 22, numa operação que ele denominava "entrega em domicílio".

No dia do primeiro jogo de 1916, no campo da Floresta, na Ponte Grande, contra os onze jogadores do Santos Futebol Clube, Carlito arriscou uma manobra desesperada. Viu na assistência o Cyro Bueno, antigo beque do Paulistano, e implorou. Cyro foi para o gol. O jogador que faltava foi arrebanhado no infantil, Mário Andrada e Silva. Final: Paulistano 3 x 1.



Velódromo, 1906

Imediatamente, todos viram nisso um bom agouro. O renascimento. Os sócios começaram a voltar, mais animados. O campo do Parque Antarctica foi alugado, assim como uma sede, provisória, na rua São Bento. Mas um clube que tinha apenas uma saleta apertada e não dispunha de uma sede na qual as pessoas pudessem se reunir, dançar, beber, praticar esportes, não passava de sonho, fantasia. Ainda mais quando, ao se olhar para trás, projetavam-se lembranças douradas, memórias de agitação e efervescência social, e se ouvia o grito que muitas tardes ecoara por todo o centro da cidade: "Aleguá, guá, guá". Mas o que tinha sido esse passado tão fulgurante a ponto de despertar inconformidades?

Retornemos no tempo. Pequenas crônicas relatarão momentos do clube em diferentes circunstâncias, destinadas principalmente a mostrar a existência de uma mística que leva à formação do espírito Paulistano, quando os sócios fazem do clube a extensão de suas casas, parte integrante de suas vidas. Aqui as pessoas se encontram, se reúnem, se divertem e se distraem, aqui namoram, casam, aqui filhos e netos crescem. Mística tão forte e envolvente que permeia logo a alma dos novos sócios. Aqui teremos *insights* da história do Brasil, da cidade (o clube foi definido por um sócio como "a alma de São Paulo") e de como os esportes se desenvolveram e mudaram radicalmente. Por fim, lança-se o olhar para o cotidiano do Paulistano hoje e conclui-se com uma visão de futuro. Este não é um livro que fale de recordes ou resultados de atletismo. Ele tenta definir a essência do CAP, a maneira pela qual seu coração funciona, uma vez que funciona em sintonia com o coração de cada sócio. São fragmentos buscados em diferentes momentos da história. Os personagens foram escolhidos por amostragem e não com o intuito de privilegiar este ou aquele. Cada um sintetiza uma vivência que é a de milhares de frequentadores. Colocados lado a lado, iluminam a trajetória de um clube que faz cem anos acompanhando a história de sua cidade e do esporte brasileiro.

1900

Desponta o novo século,
São Paulo se moderniza,
surge o
Paulistano

Competição ciclística no início do século



No final do século XIX, assistindo a um jogo entre o Mackenzie Colégio e o Internacional, Sílvio Penteado, Renato Miranda, Ibanez de Moraes Salles e Olavo Paes de Barros, jovens da sociedade paulistana, entreolharam-se entusiasmados: "Bem que poderíamos ter isso no Velódromo!" Não havia nada mais em moda que o Velódromo, mandado construir em 1892, por Veridiana Prado, dona de um palacete em Higienópolis, ponto de convergência da gente bem. Ela possuía uma chácara na Consolação, próximo à igreja, e decidiu criar ali o Velódromo, obra do arquiteto favorito da elite, Tommaso Gaudenzio Bezzi, o mesmo do Museu do Ipiranga. Ali funcionava o Veloce Club Olimpic Paulista, do qual fazia parte Antônio Prado Júnior, que era neto de Veridiana e corria com o pseudônimo de Odarp. O ciclismo era coqueluche (na pronúncia cantada do paulistano, dizia-se *cóq luche*), e as corridas de bicicletas eram muito concorridas. Nos finais de tarde, dezenas de pessoas, pedalando, cruzavam-se pelas ruas ajardinadas dos



Campos Elíseos, porque isso era normal e elegante, segundo os cronistas do tempo. Pedalando, trocavam os *potins* do dia. A elite era quem tinha condições de importar as bicicletas, com suas altas rodas dianteiras, definidas pela imprensa como "supérfluos velocípedes de procedência francesa e italiana".

Naquele momento, existiam na cidade quatro clubes de *football*: o São Paulo Athletic Club (Spac), organizado pelos ingleses; o Germania, de origem alemã; o Internacional; e o Mackenzie Colledge. A "bola jogada com os pés", um esporte bastante novo, vinha provocando curiosidade e interesse junto ao público. Tudo tinha começado com Charles Miller, brasileiro, filho de um engenheiro inglês da São Paulo Railway (depois Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, hoje CPTM), que, após ter estudado na Inglaterra, onde aprendeu o novo esporte e se apaixonou por ele, regressou ao Brasil em 1894, trazendo na mala duas bolas de futebol, uma bomba para enchê-las, um par de chuteiras e um livro de regras. Miller, depois marido da célebre pianista Antonieta Rudge, tornou-se sócio do Spac e conseguiu convencer um grupo de amigos a aderir ao *football*. Ele próprio funcionário da São Paulo Railway, arrebanhou adeptos na ferrovia, na São Paulo Gas Company e no London Bank, formando times que jogaram pela primeira vez na várzea do Carmo, a 14 de abril de 1895. Para os jogos poderem começar, precisavam espantar as vacas que pastavam ali. Oficialmente, foram as primeiras partidas de futebol no Brasil. O esporte da "bola nos pés" logo se difundiu e conquistou os clubes. Organizaram-se campeonatos. Expressões e palavras novas ganharam o vocabulário cotidiano: *team, match, kick, forward, yard, pass, shoot, goal, goal keeper, captain, half-time, center forward, full back*.*

A cidade tinha 240 mil habitantes e deslumbrava os jovens que vinham da província para aqui estudar. Caldeira Brant chamou-a de "uma Paris em ponto pequeno", com seus cafés, confeitarias e restaurantes. O coração localizava-se no Triângulo, que abrigava a elite financeira, refúgio da aristocracia cafeeira endinheirada. Delimitado por três ruas, a São Bento, a Quinze de Novembro (antiga Imperatriz, a mais elegante da cidade) e a Direita, o Triângulo era o reduto de lojas elegantes, vitrines decoradas e iluminadas, comércio

de roupas, calçados e acessórios importados. Ali ficavam os melhores hotéis. A avenida Paulista, inaugurada em 1891, e o viaduto do Chá, em 1892, eram o orgulho dos paulistanos. Ramos de Azevedo pontificava na arquitetura. Os burros que puxavam os bondes logo seriam substituídos pela eletricidade, e a iluminação pública, ainda a gás, em breve seria elétrica. Os divertimentos eram escassos; resumiam-se a teatros, circos mambembes, parques, festas religiosas, recepções e encontros nas confeitarias, restaurantes. Os clubes eram uma alternativa social, muito concorridos.

Os ingleses jogavam críquete, e da Espanha veio a pelota basca, que se tornou extremamente popular. O golfe era jogado pelos escoceses no morro dos Ingleses, e praticava-se o remo num límpido Tietê. Finalmente, chegara o *football*, que, em poucos anos, se tornaria uma febre.

Certa noite de novembro, na Rotisserie Sportsman, uma das mais chiques do Triângulo, aqueles rapazes que tinham pensado em levar o futebol ao Velódromo foram abordados por Arnaldo Pacheco Silveira, que buscava sócios para o Spac. No entanto, outra idéia foi levantada no mesmo momento. Em lugar de pertencerem a clubes de ingleses ou alemães, por que não fundarem um clube paulistano? Assim, no dia 30 de novembro de 1900, na rua São Bento, 61, realizou-se uma assembléia para eleger a primeira diretoria de uma entidade que nasceu com São Paulo penetrando na modernidade. A data foi registrada pelo jornal *Correio Paulistano* e resgatada no relatório da diretoria do Paulistano em 1922 (correspondente a 1921). Já existiam o automóvel e o telefone, vivia-se o esplendor das estradas de ferro, São Paulo tinha uma Bolsa de Valores. A história da agremiação estaria sempre interligada aos momentos históricos da cidade. O nome foi logo definido: Club Athletico Paulistano.

* Os bastidores da história do *football* foram restaurados por John Mills numa biografia de Charles Miller. Também contribuiu para a difusão do futebol no Brasil o alemão Hans Nobling, fundador do Germania.



*O Triângulo, esquina da
rua São Bento com a
Quinze de Novembro,
1905*

Rotisserie Sportsman, 1900



Proibido **vaiar**



A primeira diretoria do Paulistano teve Bento Pereira Bueno, então secretário do Interior, como presidente. Plínio da Silva Prado era o vice. Sampaio Viana e Horácio Spínola, secretários. Martinho Prado e Renato Miranda, tesoureiros. Ao conselho pertenciam João da Costa Marques, Luís Fonseca, Luís Prado, Paulo Barros de Aguiar, Numa de Oliveira, Mário Sérgio Cardim, Clóvis Glycério, Guilherme Wright. A sede social ficou localizada na rua Boa Vista, num primeiro andar. E a esportiva? Já que a idéia tinha sido introduzir o futebol no Velódromo, por que não usá-lo? Após negociações, dona Veridiana Prado aceitou a proposta de um "aluguel" mensal de 250 mil-réis. Nessa altura, o novo clube contava com 59 sócios.

Os primeiros jogos no Velódromo aconteceram num campo improvisado, demarcado a cal, estacas e barbante. Em seguida, veio uma reforma. O campo de futebol foi construído no centro da pista de ciclismo, e arquibancadas de madeira foram erguidas, podendo abrigar, a princípio, 2 mil pessoas, capacidade depois ampliada para 5 mil. Ficavam lotadas nos dias de jogos. Nessas arquibancadas, a família Prado dispunha de um camarote reservado. Plínio da Silva Prado, que estudara nos Estados Unidos e participara de campeonatos universitários, trazia na memória as cores da Universidade Harvard, branco e vermelho, as mesmas dos uniformes dos esportistas. Deu a idéia, e a sugestão foi aceita. Branco e vermelho tornaram-se as cores do Paulistano.

As blusas, de mangas compridas, e os calções, pelos joelhos, eram brancos. Na cintura, uma faixa vermelha. O primeiro time se compunha de

Olavo Paes de Barros, Renato Miranda, Jorge Miranda Júnior (Tutu), Jorge Mesquita, Oscar da Costa Marques, João da Costa Marques, Thiers da Costa Marques, Clóvis Glycério, Ibanez de Moraes Salles, Renato B. Cerqueira, Edgard de Barros, Álvaro Rocha, Guilherme Rubião e Geraldo P. Jordão. Tutu era famoso pelos munhecaços com que defendia as bolas que vinham para seu gol.

O grito de guerra "Aleguá, guá, guá" também nasceu da influência americana. Renato Miranda contou das torcidas animadíssimas dos times de Massachusetts, onde estudara. Para ele, eram um jogador a mais, de grande força. Algumas noites na Rotisserie inspiraram os jovens. Juntaram o *allez* francês ao inglês *go* e acrescentaram um termo indígena, *ack*, que também significa "avante". Portanto, aleguá conclamava: "Avante, avante, avante!" Grito ouvido nas tardes paulistanas, em dias de jogo. Não apenas no estádio, mas nos bondes, ruas, cafés e bares, nas casas. O Paulistano era o único a ter um grito de guerra. Ir aos jogos era programa, inclusive para as mulheres, que vestiam suas melhores *soirées*, usavam chapéus e levavam sombrinhas, acessórios da elegância. E, claro, acompanhantes. Mulheres não saíam sozinhas. Poucos anos antes, elas nem sequer podiam entrar em lojas, sob pena de serem rotuladas de levianas. Fotos da época mostram homens enfarpelados, colarinho duro, colete, cravo na botoeira, chapéu-coco ou palheta. Na entrada, um letreiro determinava: "Proibido vaiar". Os jornais faziam a cobertura social e esportiva. Ao nascer, o Paulistano demonstrava conhecer, intuitivamente, marketing e promoção – fatores que demonstravam sua modernidade.

*Com o gol de Ibanez Salles,
o Paulistano conquistou seu
primeiro título paulista, 1905*



A primeira bola de futebol brasileira



Taça Casemiro da Costa, o 1º troféu de futebol disputado no Brasil - 1902

Os jogos aconteceram ao longo do ano de 1901. No entanto, aqui entra em cena outro personagem importante na história do futebol, Antônio Casemiro da Costa, um homem que se formou na Europa e jogou futebol na Suíça. Foi ele quem convenceu o sapateiro Caetano Lizzaroni, da rua Ipiranga, a fabricar a primeira bola de futebol brasileira. Casemiro trouxe a idéia de uma liga que tivesse a incumbência de organizar os campeonatos e torneios e zelar pelos regulamentos. Assim nasceu, a 14 de dezembro de 1901, a Liga Paulista de Futebol, em reunião que teve Renato Miranda, Otávio de Barros e João da Costa Marques como representantes do Paulistano. O clube começava a escrever a história do futebol brasileiro. No primeiro jogo oficial, a 3 de maio de 1902, o Paulistano foi derrotado por 4 x 0 pelo Spac, derrota que não impediu o time de chegar à final, disputando o título com os mesmos ingleses diante de uma platéia de 4 mil pessoas. Recorde de público e de bilheteria. Os dois times estavam com doze pontos ganhos e três perdidos. Mais experientes, os ingleses venceram outra vez.



Primeiro time do Paulistano, 1902

Paulistano e Spac seriam, por anos, rivais temíveis, em disputas sempre acirradas. Somente em 1905 o destino seria alterado. No último jogo, a 1º de novembro, o Paulistano, enfim, venceu o Spac por 1 x 0, gol de Ibanez de Moraes Salles. Havia uma nova taça em jogo, a Álvares Penteados.

Em 1904, na inauguração do campo do Fluminense, no Rio de Janeiro, o Paulistano vencera duas vezes, por 3 x 0 e por 2 x 0. No entanto, no ano seguinte, o clube ganhou outro rival inflamado, a Associação Atlética das Palmeiras, que nasceu de uma dissidência entre Jorge Mesquita, o capitão do time do Paulistano, e a diretoria do clube, presidida por Numa de Oliveira. O futebol ainda era uma criança, mas já surgiam os problemas que depois seriam uma constante em praticamente todos os clubes. Mesquita acusou a diretoria de interferir em seu trabalho, obrigando-o a escalar não os melhores, e sim os protegidos. O time foi solidário a seu capitão e deixou o CAP na mesma hora.



Time do Paulistano na inauguração do campo oficial do Fluminense, 1904

Inferiores, muitos. Iguais, poucos.



Prova de motociclismo
São Paulo-Jundiaí, década de 20

Numa de Oliveira e Antônio Prado Júnior estendiam suas vistas para o futuro. Se o Paulistano queria crescer, não era possível continuar vivendo de um esporte único. Reformas modificaram a feição do Velódromo. O campo de futebol foi refeito, as arquibancadas e os vestiários pintados de novo, construiu-se um "grande tanque de natação" nos fundos, bem como quatro quadras de tênis. E também se preparou uma pequena cancha para o jogo da pelota. Os oficiais franceses Raul Négrel e André de la Brousse, depois de terem visitado o clube, declararam ao jornal *O Estado de S. Paulo* em 5 abril de 1905: "Poucos são os clubes esportivos europeus, e visitamos os melhores, que dispõem de uma sede nas condições desta; inferiores, há muitas; iguais, muito poucas".



Competição no Velódromo, 1914

Matches

aos domingos e feriados

O *Estadão*, 1º de maio de 1905, relata as festas de inauguração do Velódromo reformado. O dia começara nublado, mas o sol saiu por volta de uma da tarde, e todo mundo correu, lotou (povoou, na linguagem da época) as arquibancadas. As competições foram interclubes. Com muitos prêmios (aqui assinalados entre parênteses), aconteceram corridas para meninos até oito anos (caixa de soldados de chumbo), para meninas até doze anos (dedal de ouro), para meninos até catorze anos (relógio de prata), de cem jardas (estojos de toalete), de quarto de milha (portacartão), de 340 metros com obstáculos, de meia milha, de 120 jardas com obstáculos (relógio de mesa), de 340 metros, de salto em distância, salto em altura (cigarreira de prata) e salto com vara (estojo de cigarreira e fosforeira), corrida de bicicleta (medalhas de ouro), corrida de três pernas (duas bengalas). O Paulistano conquistou dois primeiros lugares, o Spac um primeiro lugar, o Internacional dois segundos lugares, e o Germania nada menos que sete primeiros lugares e um segundo. As competições começavam a marcar o Paulistano como associação esportiva.



Cigarreira

Foi no clube a recepção a Elihu Root, secretário de Estado americano, que visitou São Paulo em 1906. Ramos de Azevedo projetou uma tribuna de honra especial para a ocasião. Em campo, paulistas versus cariocas, chamados então de fluminenses. Derrotados os paulistas, os cariocas exultaram; iniciava-se com o futebol a rivalidade que perdura ainda hoje. O novo time montado pelo Paulistano não parecia à altura. Tanto que passou a amarguar segundo, terceiro e quarto lugar nas classificações, o que levou Antônio Prado Júnior a usar outro recurso que no futuro seria comum: trocar de técnico. Ele foi à Inglaterra e trouxe sir John Hamilton, preparador do Fulham Football Club, de Londres. Apesar do título de cavaleiro, o inglês veio, viu e nada produziu. O que ele mais gostava era de contemplar as moças que freqüentavam o Velódromo. Iniciando a tradição de efemeridade que é a maior característica do futebol de hoje, o inglês ficou pouco tempo e partiu, alegando incompatibilidade com o clima.

Mulheres no court

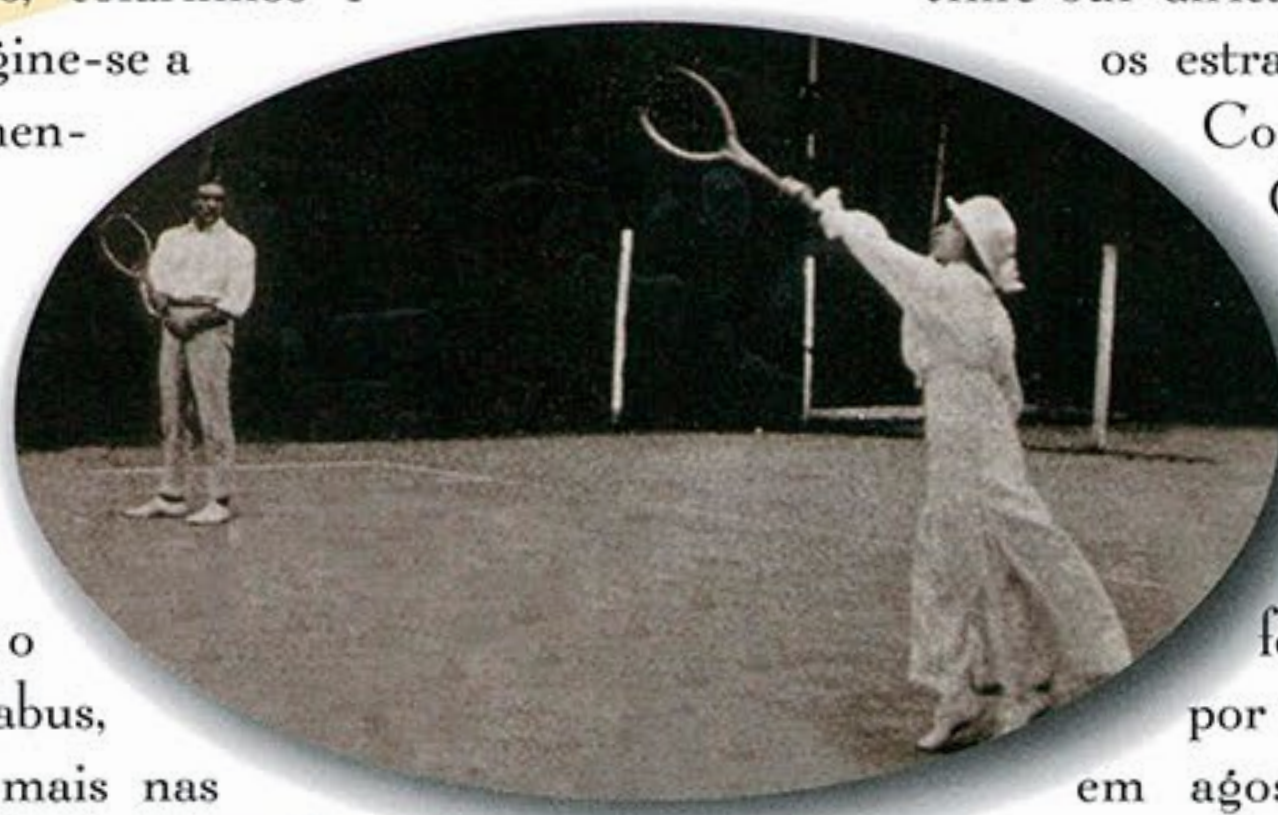
disputam o mix-double

Como desde 1903 existia uma taça, a Prado Júnior, destinada aos torneios de tênis, em 1904 foi criada uma Comissão de Jogos para estruturar a organização dos exercícios esportivos. Em 1907, abriu-se o tênis às mulheres, apesar da resistência masculina e da ironia que reinava na sociedade. Elas jogavam com saias pelo tornozelo, blusas de mangas compridas, colarinhos e punhos e chapéu. Imagine-se a dificuldade de movimentos e o calor.

Apesar do preconceito, que excluía as mulheres dos esportes e recomendava apenas boas caminhadas, o Paulistano rompeu tabus, incluindo-as mais e mais nas atividades esportivas. No tanque de 28 por vinte metros, os sócios disputavam torneios internos de natação, e também no paredão de pelota as taças eram só para os sócios. Há notícias de um time de rúgbi montado em 1905; já o atletismo se desenvolveu somente quase

no final da primeira fase do clube, em 1914, com Amadeu Saraiva, um campeão, o primeiro atleta do Brasil a usar sapatos de preços (importados) nas competições.

O ano de 1906 foi o do primeiro jogo internacional realizado no Velódromo, contra um time sul-africano. Resultado: 6 x 0 para os estrangeiros. Em 1910 veio o Corinthians da Inglaterra. O Paulistano, apesar de reforçado com alguns jogadores do Americano, perdeu por 5 x 0, mas a rival Associação Atlética das Palmeiras também foi derrotada pelos ingleses por 2 x 0. A coisa melhorou em agosto, quando vieram os uruguaios. Final: 3 x 3. Já os argentinos, em 1912, ao saírem de campo levaram na bagagem quatro gols, contra os três que marcaram. Os portugueses, em 1914, ganharam por 1 x 0. Quanto aos italianos, em 1914, perderam duas vezes, por 1 x 0 e por 5 x 1.



Tênis no Velódromo, 1914



Partida com os sul-africanos, 1906



Velódromo, 1914

As belas do five-o'clock tea

No entanto, havia uma coisa em que o Paulistano era imbatível: reunir gente bonita, elegante, os que contavam e comandavam a cidade, o estado, o país. A cada jogo, os jornais se referiam às mulheres: "Como sói sempre acontecer, às senhoritas coube a maior dose de entusiasmo nos lances mais interessantes do jogo [...] gritinhos expressivos bem demonstravam o entusiasmo de que se achavam possuídos os elementos femininos". No Paulistano se encontravam o mundo financeiro, a elite cafeeira, os formadores de opinião. Embora houvesse *garden parties* em todos os clubes, as que recebiam maior atenção da imprensa eram as do Paulistano. Havia diariamente uma crônica longa, detalhada, embrião das futuras colunas sociais que adquiriram formato moderno a partir da década de 50. Assunto recorrente eram as reuniões, os *five-o'clock teas* ou os *garden parties* do Paulistano, quando as pessoas se juntavam para jogar tênis, croqué, diabolô, pingue-pongue, pelota, peteca. Sempre se destacava que o Velódromo apresentava "um lindo

aspecto pelo movimento desusado que ali se notava, sobretudo pela presença de inúmeras senhoritas, que emprestavam à reunião uma alegria singular". Na altura de 1908, assinalava-se que os diferentes jogos entre famílias traziam benefícios para a educação física das moças, sendo ainda "um elemento moral". A convivência entre rapazes e moças nos exercícios quebrava a "monotonia das atividades". Sem as mulheres, essas atividades se tornariam "até embrutecedoras". Os exercícios "para senhoras e senhoritas" eram às segundas e sábados, das oito às dez da manhã. No *five-o'clock tea*, rapazes se entregavam ao diabolô, "esse jogo tão febril e rapidamente propagado por toda a parte". "Gentis senhoritas e distintos rapazes, por sua vez, jogavam a peteca, considerada por muitos como nacional e que tem a vantagem de cansar menos." No alto da pista, junto ao bosque de Pinheiros, nas partidas de pingue-pongue, "o sexo forte sempre foi derrotado". Críquete, tênis, barra. Por toda a parte, atividades.

Taça Jockey Club de futebol vencida

pelo CAP em 1913, 16 e 17



Pioneiro na "vitória moral"

Se na fundação o Paulistano tinha 59 sócios, três anos depois eles eram 166 e, na altura de 1912 para 1913, mais de trezentos. O aluguel do Velódromo subira, em 1907, de 250 para quatrocentos mil-réis. A manutenção e as reformas minaram as finanças do clube. Em 1905, o saldo de caixa foi de 8301\$838. Entre 1906 e 1908, relatos dão conta de que o clube viveu modestamente. As dívidas cresceram de tal modo que, em 1910, o saldo do clube era de 927\$400, pouco mais de um décimo do que havia em caixa cinco anos antes. Tempos de revolução nos usos e costumes. Novos padrões internacionais e o cinema começavam a modificar as atitudes, principalmente das mulheres. Início dos movimentos feministas; surgem revistas especializadas que "fazem a cabeça" das mulheres e

Time de futebol de 1915.
Destaque para Rubens Salles
(sentado ao centro)



anúncios dirigidos para o novo segmento consumidor: tinturas de cabelos, lingerie, reguladores hormonais como A Saúde da Mulher. As saias sobem, os decotes são tímidos, porém avançam, o corpo começa a se libertar. Uma crise econômica se esboça e atinge seu apogeu em 1915, com o preço do café aviltado e o pânico nas praças. Na Europa, iniciara-se a Primeira Guerra Mundial. Acentua-se o movimento imigratório da Europa para o Brasil. Uma crise interna se esboçou lentamente no Paulistano. Parecia haver um desinteresse crescente, inexplicável. Os sócios, gradualmente, afastavam-se. Em 1912, o Paulistano fez parte da seleção Paulista que jogou contra os argentinos, e a partida ficou na história por ter sido a primeira em que Friedenreich (na época jogador do Mackenzie) atuou defendendo o Brasil.

Os argentinos foram derrotados por 4 x 3, após vigorosa reação dos paulistas que perdiam por 3 x 1. Seis anos depois, El Tigre pertenceria ao time do Paulistano. Em 1913, Paulistano, Palmeiras e Mackenzie romperam com a Liga Paulista e fundaram a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), presidida por Antônio Prado Júnior. Nesse ano, o Paulistano sagrou-se campeão da Taça Jockey Club, o primeiro título da nova entidade. No ano seguinte, o último jogo do campeonato seria disputado entre o São Bento e o Paulistano.

O empate garantiria o título ao Paulistano. Faltando sete minutos para o término, o juiz deu a partida por encerrada, quando o São Bento vence por 2 x 1, sendo portanto o campeão. Diante do protesto do CAP, dias depois houve uma reunião da Apea. Como a decisão foi favorável ao Paulistano, com a Apea tendo assumido o erro, o clube, em vez de melar o campeonato, deu-se por satisfeito com a "vitória moral" (uma tradição no futebol do futuro), confirmou os pontos e o título do adversário, entregou-lhe a taça e o convidou para um jogo amistoso beneficente.

Quando se anunciou que o Velódromo seria desapropriado para a urbanização daquela área da cidade, uma ducha gelada atingiu o clube. O desânimo foi de tal monta que não houve nem o menor protesto. Uma pequena nota de jornal comentou que se destruíam dois patrimônios da cidade, o Velódromo e o Paulistano, para abrir uma rua de necessidade duvidosa, a Nestor Pestana. Ainda hoje, essa curtíssima rua é um mistério da urbanização daquela área. Na apatia, as mensalidades do Paulistano foram deixando de ser pagas, sócios se afastaram. O aleguá se calou, o silêncio dominou as tardes de domingo. De tal modo que, em 1915, o presidente José Carlos de Macedo Soares dirigia uma entidade que tinha apenas quinze membros e não possuía sequer uma sede. Estava, se não morta, em coma profundo.

Vista do Velódromo, década de 10



Construção das primeiras quadras de tênis no Jardim América, 1917



Renascimento

'Reformulação arquitetônica com o término do futebol, 1930



Retornemos ao início deste livro. Agora, estamos já no segundo período da história do clube. Depois de uma reação vigorosa, o Paulistano revive, ganha forças, os sócios começam a voltar. Carlito Aranha e Maurício Monteiro avaliam a propriedade à venda no Jardim América, também conhecido como Bairro América. O lote é bom, a dúvida é a região. Verdade que ela vem sendo incorporada pela City, companhia com um currículo considerável. Verdade também que a indicação do prefeito Washington Luís, mais tarde governador, depois presidente, era suficiente: alguma coisa ia acontecer no Jardim. O terreno, de 23 mil metros quadrados, não era um retângulo perfeito. O ideal seria acrescentar os 4 mil metros pertencentes a um vizinho, Polycarpo Pinto Correia. E, se um dia fosse possível comprar uma área de 13 mil metros que ia até a rua Argentina, poucos clubes poderiam igualar tal espaço. O problema era a existência de uma rua que cortava esse terreno, a das Guianas. O preço do lote principal, delimitado pelas ruas Colômbia, Honduras e Estados Unidos, era de 150 contos de réis à vista, ou 240 prestações mensais de 1074\$650.

Nessa altura, agosto de 1916, o quadro tinha crescido para um total de 104 sócios. Em dezembro, seriam 238. A confiança no Paulistano voltava. O dinheiro das mensalidades, mais o aluguel do campo a outros times, mais as rendas dos jogos, ajudaria a pagar. Antônio Prado Júnior empenhou seu prestígio e conseguiu levantar 146 contos de réis entre os sócios. Foram emitidas apólices internas, a cem mil-réis cada uma, resgatáveis no prazo de dez anos. Muitos não resgataram tais apólices: doaram ao clube, recebendo o diploma de Fundador. Um empréstimo de cinquenta contos de réis, feito pelo coronel Bento Canabarro, completou a quantia necessária para adquirir os dois terrenos. O terceiro seria, mais tarde, objeto

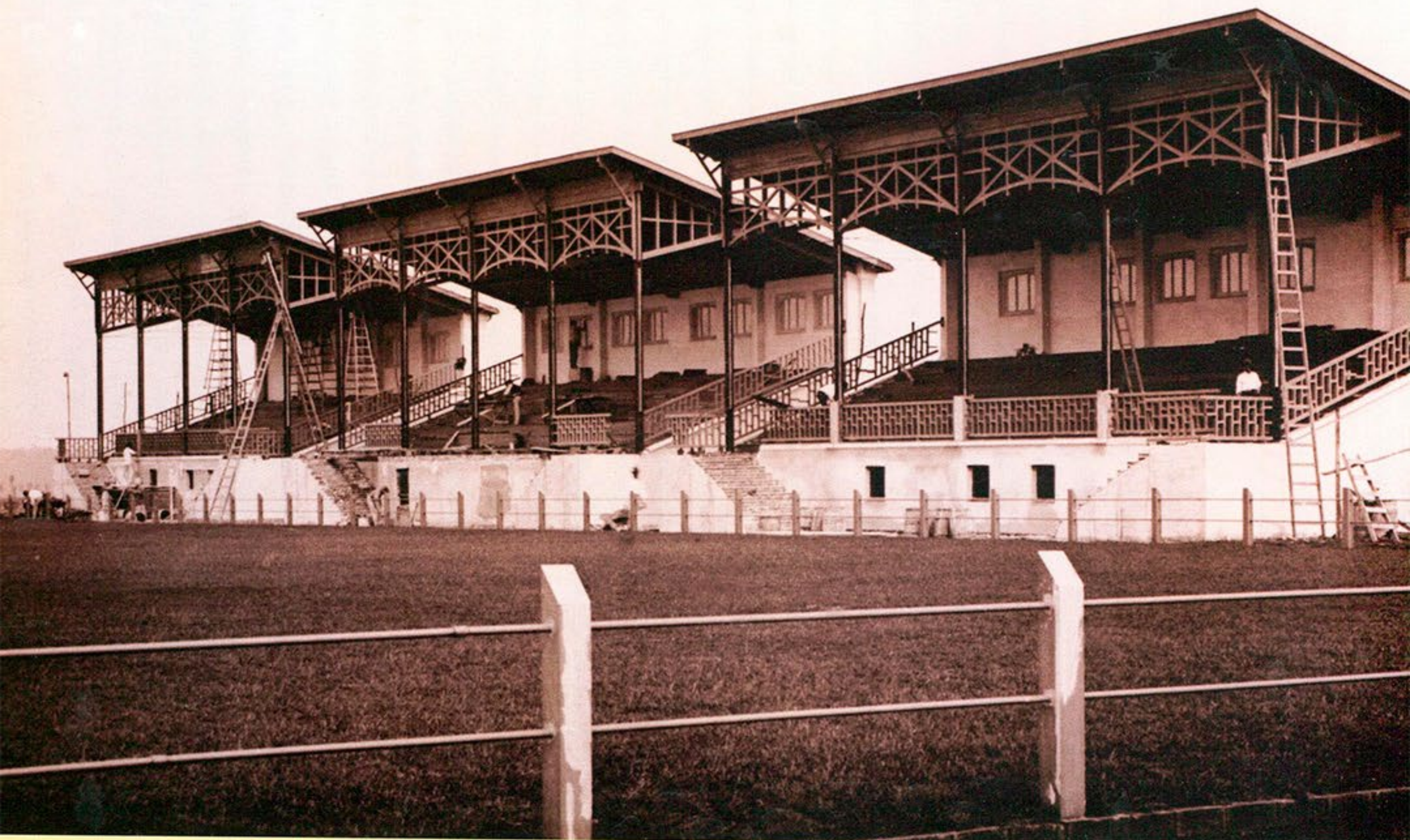
de hábil negociação com a prefeitura. Num sistema de troca, o clube fechou seu lote, e a rua das Guianas desapareceu, para reaparecer como uma pracinha no Jardim América.

Terreno à mão, era preciso atacar as obras (avaliadas em 230 contos de réis) para drenar o terreno, construir pavilhão de sócios, arquibancadas, quadras de tênis, jardins, arborização, muros e portões e fazer outros melhoramentos. Um projeto foi encomendado a Ramos de Azevedo, o arquiteto que cinco anos antes entregara à cidade o Teatro Municipal, mas a diretoria considerou sua proposta cara demais. Um novo projeto foi apresentado pela construtora Companhia Iniciadora Industrial, de Ricardo Severo. Os jornais noticiaram o renascimento do Paulistano. Novamente a mesma curiosa noção de tempo; fala-se do clube como "uma velha e gloriosa sociedade esportiva". Sócios antigos reapareceram; novos foram admitidos. O Paulistano, que tivera *footballers* célebres como Jorge Miranda Júnior (o Tutu), Geraldo Pacheco, Álvaro Rocha, os irmãos Guilherme e José Rubião, Rubens e Ibanez de Moraes Salles, Rafael Sampaio, estava vivo. As obras estenderam-se de 1916 a 1917.

A Light prometeu fazer modificações nos horários das linhas de bondes que demandavam o bairro. O trajeto da rua Libero Badaró (centro) ao Paulistano se fazia em dezesseis minutos. O bonde não era, então, um transporte exclusivo das classes menos favorecidas. Todos circulavam nele, e era comum ver operários e costureirinhas ao lado de senhoras vestidas elegantemente, ou homens de fraque e cartola a caminho de alguma solenidade. A prefeitura mandou calçar a rua Augusta e a quadra da Colômbia até alguns metros abaixo do clube. Visitantes desciam até o Jardim América para ver o andamento das obras; queriam espiar o clube.



Plantio do gramado no campo de futebol no Jardim América, 1917



Arquibancadas, 1917

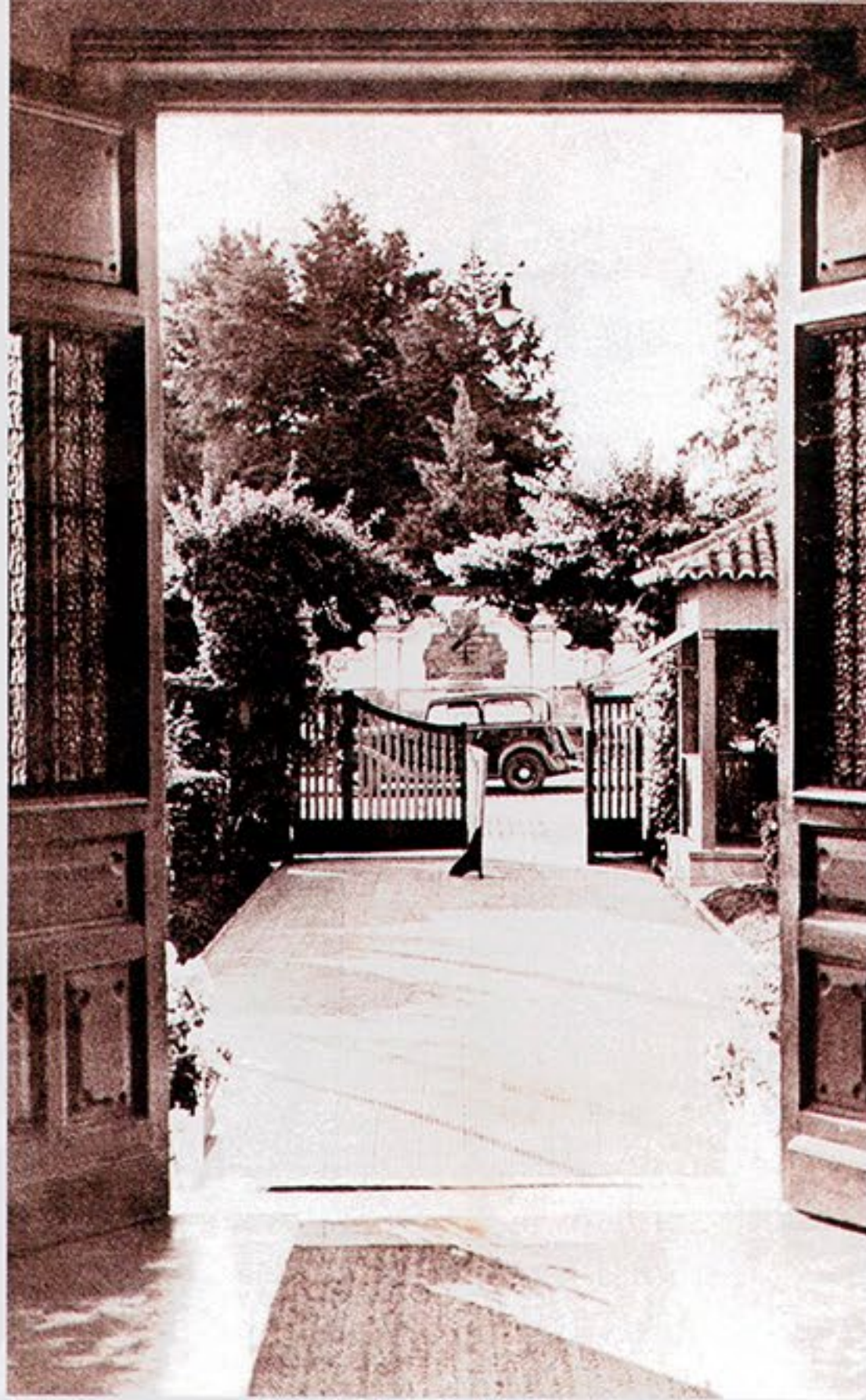




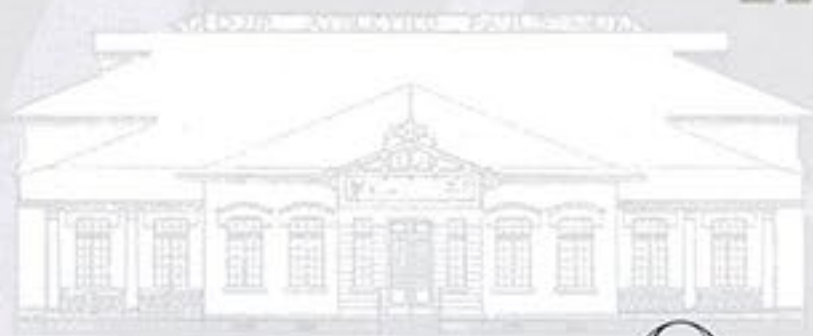
Entrada da sede social, 1918

Sede social, final da década de 30





Inaugurado sob o signo da poesia



*Entrada social,
rua Colômbia, depois de 1926*

O poeta Olavo Bilac, considerado dos maiores do Brasil, ídolo parnasiano que cantava a beleza física da mulher e colocava em versos épicos a história nacional, hasteou a bandeira do Paulistano no dia 29 de dezembro de 1917, inauguração das novas instalações do clube, após a desapropriação do Velódromo. Estava presente o governador Altino Arantes. O prefeito Washington Luís (que seria presidente da República nove anos mais tarde) e dona Régine Régis de Oliveira entregaram as medalhas aos jogadores campeões de 1917: Alfredo Gullo, Agnello Bastos, Benedito Ferreira (o Basilicão), João Baptista da Cunha Bueno, Manoel Carlos Aranha (o Carlito), Mário Andrada e Silva, Maurício, Madureira, Rubens de Moraes Salles, Orlando e Sérgio Pereira. A Taça Jockey Club foi conquistada definitivamente. Nessa hora, entre risos e champanhe, muitos lembravam alguns feitos do ano, como a vitória sobre o selecionado uruguaio, em janeiro, por 2 x 1. E a memorável derrota de marinheiros

franceses que, tendo desafiado altivamente o Paulistano, voltaram para seus navios com excesso de peso na bagagem: perderam por 20 x 0. Daquele 29 de dezembro em diante, quando alguém inda­gava na cidade onde ficava o Jardim América, a resposta vinha automática: é o bairro do Paulistano. Essa segunda data passou a ser a oficial para o clube.

A diretoria, no momento da inauguração de sua sede no Jardim América, era esta: Antônio Prado Júnior (presidente), João de Barros, José Paulino Nogueira Filho e Martinho Prado (vice-presidentes), Mário Sérgio Cardim (primeiro-secretário), Luís Fonseca (segundo-secretário), Fernão Salles e Mariano Procópio de Araújo Carvalho (primeiro e segundo-tesoureiro). No ano seguinte, os sócios eram 918, e a demanda continuava. O patrimônio estava estimado em oitocentos contos de réis, e a arrecadação somava 13590\$000. O Paulistano navegava em águas tranqüilas, soprado por bons ventos.

Em 1917, São Paulo mostrava-se iluminada e moderna, com 1757 automóveis pelas ruas, muitos conduzidos por senhoras e senhoritas, indicando modernidade absoluta. Imitando a Europa, a elite praticava um simulacro de "caça à raposa" nas fazendas de café ou nas chácaras da periferia: a raposa, segundo documentos da época, era um cavaleiro que saía na frente espalhando rastros. Guarujá começava a despontar como estância de veraneio. Na Europa, em novembro de 1918, a Primeira Guerra Mundial estava terminando, com um saldo trágico de 7 milhões de mortos.



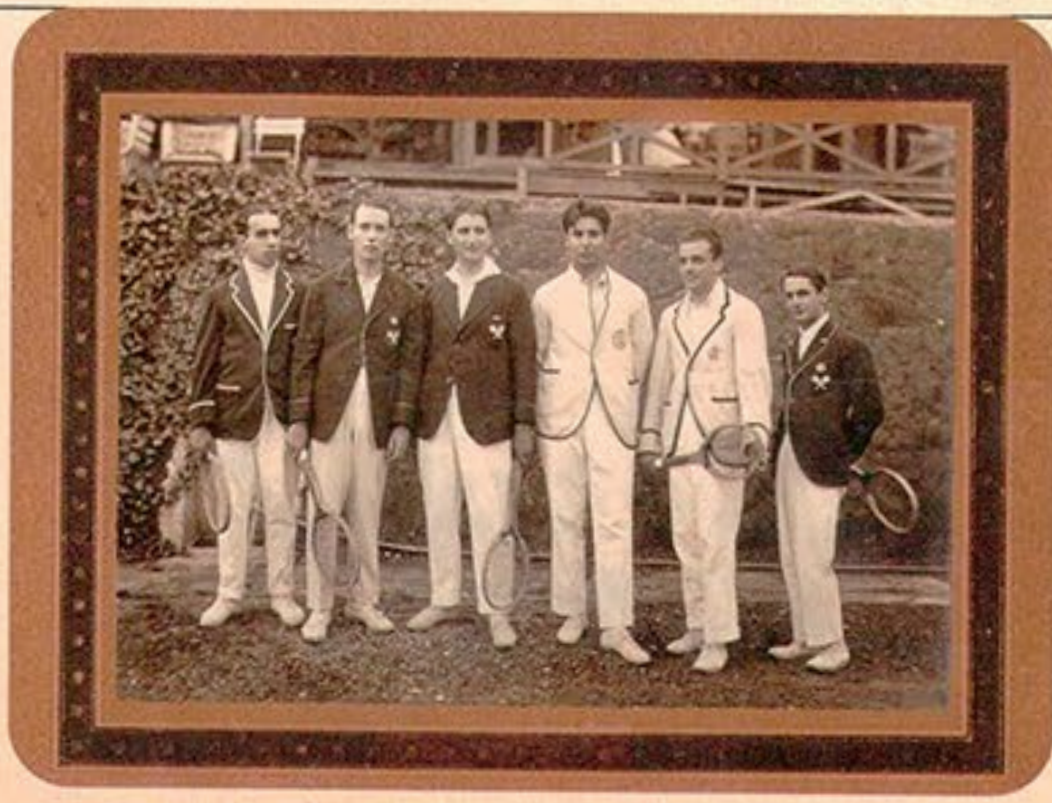
Antônio Prado Júnior com o dr. Schmidt Sarmiento e enfermeiros, 1918

Embora o Brasil houvesse acompanhado a guerra apenas à distância, aqui estava acontecendo uma tragédia, a epidemia de gripe espanhola, que mudou a feição e o cotidiano de São Paulo. As ruas se esvaziaram, as pessoas tinham medo de se contaminar. Repartições públicas, clubes e escolas fecharam. Evitavam-se contatos, aglomerações, os bondes circulavam quase vazios. Médicos e enfermeiros se agitavam de lá para cá dando injeções de óleo canforado. O Paulistano participou do movimento que hoje se denomina Defesa Civil.

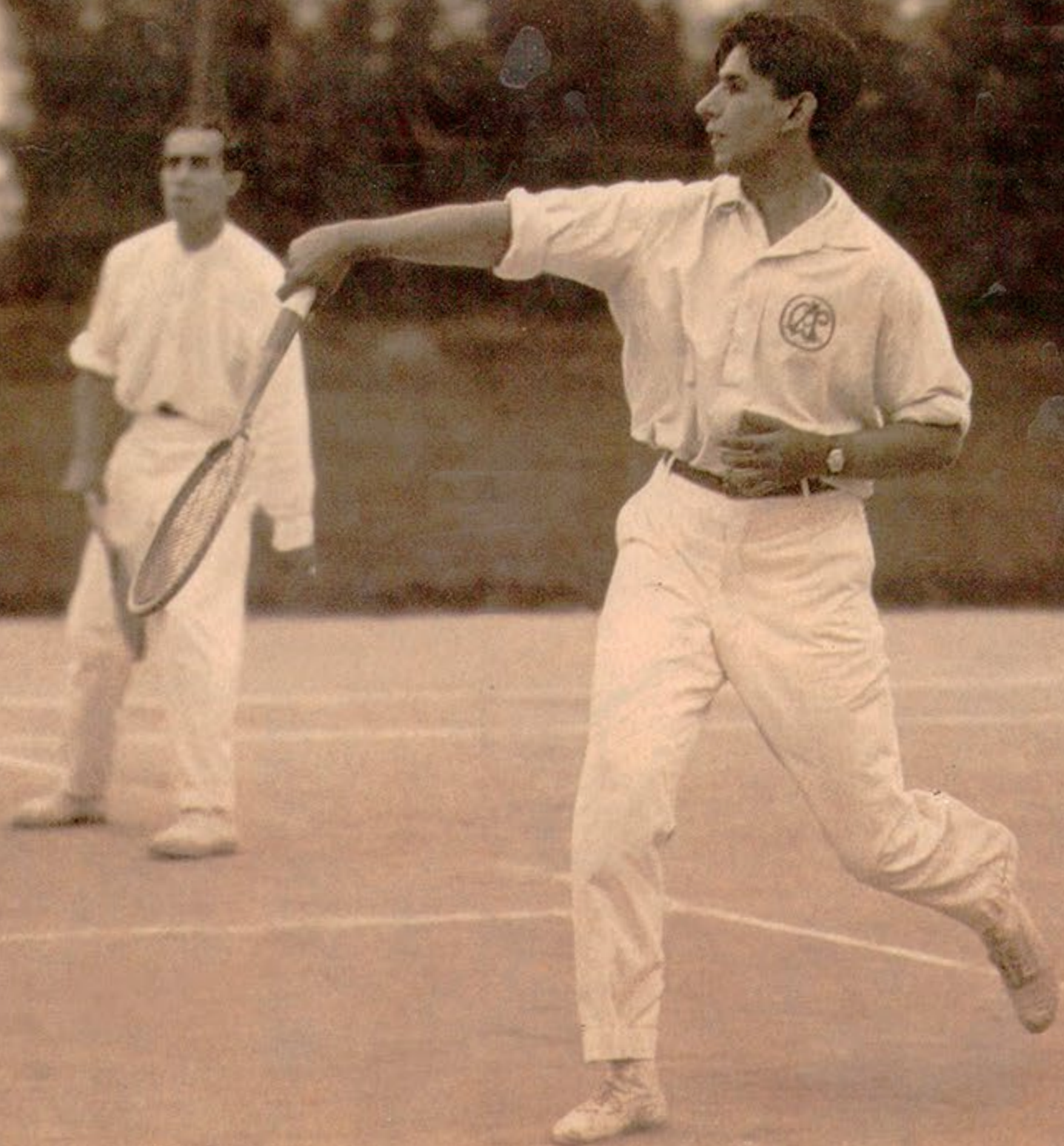
Fechou o clube às atividades sociais e esportivas, reabrindo transformado em hospital por onze dias, de 2 a 13 de novembro. O secretário do Interior, Oscar Rodrigues Alves, aceitou a oferta feita por Antônio Prado Júnior, e 150 leitos foram armados no hospital improvisado, que dispunha de consultório e pronto-socorro. A "clínica" foi dirigida pelo dr. Schmidt Sarmiento, auxiliado pelos médicos Arnaldo Vieira de Carvalho e Artur Neiva. Os sócios não ficaram atrás. Imediatamente, todos os que tinham mensalidades atrasadas quitaram os débitos, e uma campanha interna obteve camas, lençóis, travesseiros e donativos em dinheiro. Um automóvel foi cedido pela comissão que os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Fanfulla* organizaram, comissão que também subsidiou os serviços de cozinha. Terminada a epidemia, todo o material foi doado à Superintendência dos Hospitais Provisórios. O clube demorou alguns dias para reabrir, enquanto passava por um processo de desinfecção. No ano da gripe, o Paulistano foi campeão de futebol.



Hospital no Club Athletico Paulistano, novembro 1918



Tenistas do C&P em 1918



Revanche que demorou doze anos



O Mappin Stores, a primeira loja de departamentos de São Paulo, anunciava com destaque nos jornais e revistas:

Artigos para tênis. Raquetes importadas dos melhores fabricantes ingleses e franceses. Esplêndido sortimento, estando todas em perfeito estado.

As raquetes (escrevia-se *rackets*) mais caras eram a Iz, em preto, da Slazengers, e a Driva Exela, em branco e preto, da Williams. Custavam oitenta mil-réis. Uma dúzia de bolas (Riseley Hard Court) custava 42 mil-réis, e uma calça de sarja branca superior, 58. A de linho branco ficava por 26 mil-réis. Para comparação, um bom terno masculino saía por quarenta mil-réis. Entende-se assim por que o tênis, que começava a ser moda, era considerado esporte de elite. Jogo elegante, intensamente disputado, exigia extrema habilidade manual e coordenação motora, e uma dupla na quadra atraía, também, os suspiros femininos. No Paulistano, Maércio Munhoz (considerado o mais perfeito tenista da cidade) e Erasmo Assumpção Júnior eram ídolos, temidos pelos adversários, acostumados a grandes desafios. Sempre eram citadas as vitórias de 1915, quando os brasileiros venceram os estrangeiros por 10 x 6. Ou a derrota infligida ao Fluminense por 7 x 2.

O tênis começou a ganhar presença, tomar corpo. Era a possibilidade de praticar um esporte individual, ao passo que o futebol exigia conjunto, era para ser jogado em equipe. Vez ou outra, futebolistas desafiavam tenistas. Em 1917, o futebol venceu um desses torneios, mesmo com a equipe de tênis contando com campeões como Mariano Procópio, Carlito Aranha, Eduardo Ramos e

Cunha Bueno. Criou-se a Taça Paulistano e reativou-se a Prado Júnior. Duplas mistas do Paulistano derrotaram as do Spac em 1917. Falando em Spac, em março de 1919, na decisão do campeonato, o Paulistano conseguiu ir à forra, subjungando seu mais ferrenho rival, numa revanche esperada havia doze anos. Ainda em 1919, o Paulistano venceu pela terceira vez a Taça Rodrigues Alves, e o troféu foi levado em definitivo para casa.

O primeiro quadro de duplas foi a Petrópolis vencer duplas locais no Country Club, por 5 x 4. As mulheres faziam sua parte. Maria Lydia de Campos e Heloísa de Oliveira foram essenciais nas duplas em Petrópolis. Maria Lydia ganhou uma medalha de ouro, que tinha uma raquete e uma pedra engastadas. Todavia, os prêmios para as mulheres eram geralmente relógios, caixas de bombons, fruteiras, fivelas de cinto, objetos para casa. Rosinha de Souza foi vitoriosa na Taça Apea. Em 1920, nas duplas, novamente o Spac foi derrotado (8 x 1), com a Taça Prado Júnior se encaminhando de vez para o Paulistano. O velho rival Spac parecia combalido ante a força crescente do tênis no Paulistano. No interclubes de 1922, que daria a Taça Centenário da Independência do Brasil, o Paulistano venceu o Spac por 5 x 4, após já ter sido vitorioso também na reedição da Taça Prado Júnior.

Dessa forma, o tênis ia num crescendo, o que estimulava e provocava o entusiasmo de uma geração pioneira que moldou rumos do futuro. Entre esses pioneiros, as mulheres superaram preconceitos e se impuseram como força vital. Antônio Prado Júnior estava entre os incentivadores; chegava a buscar jogadoras em casa, para trazê-las ao clube.



Tenistas do CAP, 1918



Vallim, bicampeão paulista de espada, 1926



Guarany no salto em distância, década de 20



Lançamento de dardo, década de 20

*Campeonato Paulista de Atletismo, 1948
José Khattar (2º) e Henry Joseph (4º),
da esquerda para a direita*



Nenhuma penalidade aplicada

Em 1921, quando a situação financeira era boa e havia em caixa um saldo de mais de cem contos de réis, decidiu-se que, para os esportes se desenvolverem, era necessário ampliações e modificações. Afinal, oficialmente, desde 23 de novembro de 1919 várias modalidades atléticas eram disputadas com outros clubes filiados à Associação Paulista: salto em distância, salto de extensão, salto em altura, salto com vara, tração de corda, lançamento de dardos, corridas rasas, arremesso de peso, com alguns recordes brasileiros batidos. Mais tarde, viriam a esgrima (com o Paulistano vencendo o primeiro campeonato, em 1925), o bola-ao-cesto, o vôlei, o handebol (com campeonatos internos a partir de 1928), o rúgbi.

Na altura de 1921, com o desenvolvimento do atletismo e um número cada vez maior de participantes entusiasmados, concluiu-se que as quadras eram poucas e que as instalações deviam ser atualizadas. Foram comprados da City mais 16 mil metros quadrados de terreno, e o engenheiro Arnaldo Alves Motta fez o projeto para uma praça de esportes moderna. A nova arquibancada abrigava até 2 mil espectadores. Novas quadras de tênis. Pista reta de 130 metros de comprimento por dez de largura. Pista de alcatrão e não de grama para corridas (a primeira de São Paulo, a segunda do Brasil), com 350 metros de circuito e sete metros de largura. E um poço artesiano. Sem esquecer o frontão para a pelota, que sempre teve seu grupo aficionado, fidelíssimo. Uma parte do

terreno foi destinada à construção da futura piscina, um dos sonhos de Antônio Prado Júnior e de todos os sócios. Até mesmo um engenheiro francês, de sobrenome curioso para um especialista em piscina e águas, *Chauffage*, foi contratado em Paris para vir a São Paulo projetar a piscina que deveria ser modelo, com água tratada e renovada. O relatório do Paulistano em 1922 era incisivo em seu orgulho: "um campo de atletismo, com os requisitos mais modernos, de cuja falta se ressentia não só a cidade de São Paulo, como mesmo o Brasil e a América do Sul".

A inauguração da nova praça de esportes foi a 3 de junho de 1923. Assinale-se aqui uma característica que marca o Paulistano até hoje: a constante atualização de instalações e normas, de acordo com as necessidades da época. Há sempre ou uma reciclagem, ou um acréscimo. Atividades novas se incorporam. Afinal, se em 1915 havia apenas dezesseis sócios, em 1930 já eram 3 mil. E, se quando a segunda fase foi inaugurada o patrimônio era de 3811\$200, em 1930 passara para oito contos de réis. Até hoje, cada momento tem sido marcado por uma reforma ou ampliação, visando colocar o clube em permanente sintonia com seu tempo. Sendo os sócios membros da elite, eram (são) pessoas informadas e viajadas que traziam (trazem) sempre uma novidade, uma sugestão, um adendo. Um clube se alimenta com a participação individual de esforços somados no sentido do coletivo.

Salto com vara, década de 20



Arremesso de peso, década de 20



O título jamais igualado

O tênis ganhava espaço e adeptos, o que não preocupava o futebol, que continuava uma força. No final da década, o Paulistano contava com El Tigre, o legendário Friedenreich, mulato de olhos verdes que tinha quase 25 anos quando foi para o CAP, depois de ter jogado no Germania, no Mackenzie, no Ipiranga e no Americano (entre outros). Filho de um alemão com uma mulata, cresceu nas ruas de uma São Paulo provinciana e silenciosa. Não gostava de estudar, mas adorava os campos de futebol, e foi neles que se formou como o mais temido atacante de seu tempo. Tinha um drible curto e desconcertante, uma finta de corpo arrasadora e um passe preciso. Como na história de todo mito, há polêmicas. El Tigre teria marcado 1329 gols, número reconhecido oficialmente e, portanto, superior até ao de Pelé. Mas, segundo Alexandre da Costa, que publicou um livro sobre Fried, este teria feito "só" 554 gols oficiais. Magro, elegante, possuía raciocínio rápido e chutava com os dois pés. Foi modernizador do futebol, num tempo em que o jogo bruto de corpo era a regra. Mas havia outra estrela: Rubens de Moares Salles, o Patada Atômica, capaz de marcar gols, com facilidade, do meio de campo.

Final do campeonato de 1919. Depois de dezessete jogos, treze vitórias, dois empates, duas derrotas e 58 gols, o Paulistano entrou em campo para enfrentar o Corinthians. Jogo decisivo. O vencedor seria campeão da cidade. Pelo CAP, jogariam Arnaldo, Orlando, Carlito, Sérgio, Rubens, Benedito, Agnello, Mário, Friedenreich, Carlos Araújo (o Zito) e Cassiano. Bem disputado, o jogo empolgava, as equipes se estudavam, se respeitavam. Mas saiu o primeiro gol do Paulistano. E o segundo, o terceiro e o quarto. O Corinthians conseguiu, porém, seu gol de honra: 4 x 1. Não foi um jogo comum de decisão, e isso porque deu ao Paulistano um título nunca mais obtido por nenhum time de São Paulo: o de tetracampeão.

Embalado, nesse mesmo ano, na disputa da Taça Competência para campeão do estado, o

Paulistano ganhou do Taubaté, campeão do interior, por 5 x 0. Parecia que tudo era uma preparação para o Campeonato Sul-Americano, que aconteceu no Rio de Janeiro, quando se inaugurou também o estádio do Fluminense, "gigante" capaz de abrigar 18 mil torcedores.

Ponto de partida também na rivalidade que marcaria as disputas entre Brasil e outros países sul-americanos. Esses embates, cheios de ufanismo regionalista, ajudariam a evolução do futebol, criando mitos que perduraram ao longo das décadas, perpetuando "inimigos" que continuam a levar milhares de pessoas aos estádios.

Absoluta frieza cercou a chegada dos convocados paulistas ao Rio de Janeiro. Era a dissidência ou cizânia entre as torcidas, que jamais se atenuaria. Olhados com desconfiança e estranheza, tratados à distância, os paulistas não se amofinaram, como se dizia. Futebol se joga no campo. Na primeira partida, contra o Chile, Friedenreich deixou sua marca. Fez o primeiro gol da história do estádio. A torcida mudou o comportamento, e os aplausos, de início tímidos, surgiram e aumentaram à medida que o Brasil foi fazendo gols. Foram seis, tendo sido dois de El Tigre. Em seguida, os argentinos foram derrotados por 3 x 1, mas com os uruguaios ficamos no empate, 2 x 2.

Final de campeonato. De novo frente a frente, brasileiros e uruguaios. Para se ter idéia das emoções, os ingressos de dez mil-réis estavam sendo procurados por gente disposta a pagar trezentos. Recorde que, provavelmente, não foi igualado na história de cambistas, profissão que tem quase a mesma idade do futebol. Jogo difícil. Corrido. A torcida se desesperando. Primeiro tempo, 0 x 0. Placar igual no segundo. Prorrogação. E nada. Segunda prorrogação. O campeonato tem de ser decidido ali. Começa a terceira prorrogação, ninguém mais tem pernas. Súbito, um berro sacudiu as arquibancadas. Gol. O gol da vitória. Depois de três horas de jogo, um dos mais longos da história, os brasileiros eram campeões sul-americanos. Gol de Friedenreich, o craque do Paulistano. O jornal *A Gazeta*, que jamais publicara foto de um esportista em sua primeira página, estampou o pé de Friedenreich em tamanho natural, abaixo da manchete. Uma ousadia jornalística para a época.



Arthur Friedenreich, 1919

Clube que lutou pela ética

Passemos nosso olhar sobre antigas agendas dos anos 20, parando aqui e ali para observar momentos. Se em 1920 o Paulistano não venceu o campeonato da cidade, perdido para o Palestra, em seguida ele seria campeão brasileiro, num interclubes no Rio de Janeiro. Em 1921, o Paulistano venceu o Palestra, foi campeão da cidade e arrasou o Paulista de Jundiaí por 6 x 3, tornando-se campeão do estado. Marinheiros ingleses, dos cruzadores-de-batalha *Repulse* e *Hood*, que aportaram em Santos em 1922, tinham ouvido falar do Paulistano e lançaram o desafio. Marinheiros, pensando em tradição, montaram uma equipe apelidada de "Invencível Armada". Um time que costumava disputar partidas nos países onde aportavam, em política de boa vontade. Soçobraram os futebolistas do mar. Perderam por 7 x 0. O Paulistano era um buldôzer que deixava terra arrasada ao redor. Os argentinos, ainda em 1922, levaram de 4 x 1; e um combinado, considerado imbatível, de jogadores do Nacional, do Liverpool, do Litton e do Universal de Buenos Aires buscou quatro vezes a bola no fundo do gol.

Um incidente ocorrido em 1923, um gol legítimo invalidado pelo juiz, levou o Paulistano a retirar seu time do campo e da Apea. O motivo parecia simples, porém camuflava o resto do iceberg. Na verdade, os dirigentes do Paulistano sabiam que a desorganização imperava e que a Associação não tinha capacidade nem integridade para gerir o futebol. Uma primeira proposta de moralização foi rejeitada pelos clubes. Antônio Prado Júnior tinha conceitos severos. Futebol para o CAP era coisa séria, e ele pretendia que se impusessem normas rígidas de conduta para os "jogadores que transgrediam os princípios do cavalheirismo e da educação esportiva". Apenas o Palestra acompanhou o Paulistano em sua decisão. Todavia, adesões e solidariedade chegaram de todas as partes do Brasil, e em São Paulo houve pressão intensa, num movimento que culminou na renúncia da diretoria da Apea, cuja sede foi fechada. Antes de terminado o ano, contudo, foi eleita uma nova diretoria na Associação, com Carlito Aranha como vice-presidente. As coisas se acalmaram, e o Paulistano retornou à Apea, conseguindo, no ano seguinte, a reforma dos estatutos.

*Paulistano versus A.A. Palmeiras
na disputa pelo Campeonato Paulista, 1918*



*Paulistano versus Fluminense na disputa do
Campeonato Brasileiro de Futebol, 1920*



*Paulistano versus A.A. Palmeiras
no Campeonato Paulista, 1920*



*Time do Paulistano na estação de trem, pouco antes do embarque para
o Rio de Janeiro, para a disputa do Campeonato Brasileiro, 1920*



1925.

Excursão à Europa, O Brasil soube onde fincar o pé

A mesa inteira estava ocupada por imenso bolo, que representava um campo de futebol. No centro do bolo, uma bola de capotão. Em torno, engravatados e solenes, sorridentes e felizes, diretores e jogadores do Paulistano encerravam o jantar que comemorou a inesquecível excursão pela Europa. Um feito memorável que sempre mereceu capítulo à parte; feito comemorado com monumento em frente ao clube. Tudo tinha começado no dia 10 de fevereiro de 1925, quando a delegação do clube partiu no navio *Zeelândia* rumo à Europa.

A idéia foi levada a Paris por Antônio Prado Júnior e diretores do Paulistano: realizar um torneio panlatino de futebol do qual participariam equipes sul-americanas, espanholas, francesas e italianas. E assim se concretizou uma excursão do CAP à Europa para enfrentar selecionados locais. Primeira passagem oficial do futebol brasileiro por lá, uma viagem pioneira em tudo, nas vitórias e na organização administrativa.

Primeiro treino do CAP em campo europeu, 1925



Havia no velho continente um ar de sobrançeria em relação a *les petits Brésiliens*. Jornais avaliavam que "o físico pequeno de seus atletas contrasta com os gigantes europeus, bem preparados e acostumados a disputar partidas internacionais" (*L'Auto e L'Echo des Sports*). Enquanto tais coisas eram ditas, *les petits*, indiferentes, faziam turismo, visitando monumentos, restaurantes, cabarés e dancings, do Moulin Rougé ao Fantasia, o sucesso daquele momento. Nada de concentrações, de ficar fechado em quartos de hotel, cada um saía para onde bem entendia. Antônio Prado Júnior se preocupava. E delegava responsabilidades. Um dia chamou Netinho, estudante de direito que sabia francês, encarregando-o de "tomar conta" de Friedenreich e Seixas. Era para ficar de olho principalmente em Seixas, jovem de dezoito anos que, vindo do interior, não tinha a "prática" de cidade grande. Imagine o rapaz à solta em Paris. Nesse dia, seis da tarde, Netinho percebeu que Seixas desaparecera. Procurou por toda a parte, nada. Desesperado, comunicou a Antônio Prado Júnior, que respondeu: "Problema seu, encontre o moço!" Pelas nove da noite, Seixas apareceu, lampeiro. Quando lhe perguntaram por onde andara, respondeu com simplicidade: "Ué! Saí por aí para ver se encontrava alguém de Mococa".

Primeiro jogo, dia 16 de março. Estádio Buffalo, em Montrouge. Na tribuna, Washington Luís, o embaixador Souza Dantas, o príncipe de Orléans e Bragança e Antônio Prado Júnior. Informações não confirmadas assinalam a presença também de Jules Rimet. Os brasileiros entraram em campo e ofereceram aos adversários ramalhetes de flores com nossas cores nacionais. Foram saudados com aplausos e sorrisos amigáveis. Sorrisos que se transformaram em risos de galhofa, à medida que os jogadores, desabituaados, começaram a escorregar e cair no campo totalmente enlameado pela neve. No entanto, se pareciam perder o pé, não perderam a cabeça. E de um momento para o outro a situação se inverteu e os gols dos brasileiros foram surgindo naturalmente.

Resultado final: 7 x 2. O príncipe de Orléans e Bragança, com a cabeça cheia de neve, tanto gritava que parecia tomado por um espírito. O respeito começou, e tudo mudou. Coelho Neto,

o príncipe dos prosadores, comentou: "A verdade é que conseguimos pôr os pés em Paris... tratemos agora de entrar com o resto do corpo e a cabeça". A excursão mal começara. Um segundo jogo, no mesmo estádio, teve contagem mais modesta: Paulistano 3, França 1. Dali o clube brasileiro seguiu para Bordeaux, onde o Bastidienne foi derrotado por 4 x 0, diante de 15 mil torcedores. *O Estado de S. Paulo*, que mandara o correspondente Américo Neto junto com a delegação, destacou a parcialidade do juiz durante o primeiro tempo e sua substituição na segunda fase: "O jogo desenvolvido pela turma brasileira foi eficaz, não obstante serem prejudicados pelo juiz, sr. Courie, cuja parcialidade obrigou os brasileiros a se negarem a continuar a partida, não obstante terem dois pontos na tabela, não contando o adversário marcação alguma. No segundo tempo,



Delegação da CAP no porto de Santos, 1925

os jogadores regressaram ao campo sob ordem de um novo juiz, o sr. Doussy". E, se alguém pensa que sintetizar o jogo por meio de números é invenção moderna, atentem para o final do despacho: "Os brasileiros sofreram vinte impedimentos contra um dos franceses. O guarda-valas francês interveio dezessete vezes, e o brasileiro, cinco. O juiz anulou dois tentos conquistados por Friedenreich. Os espectadores acharam oportuno vaiar repetidamente o juiz, que não registrou também um tiro penal contra os franceses e apitou o descanso três minutos antes do tempo regulamentar". E quem poderia imaginar que o olé já existia? "No segundo meio-tempo, a luta se tornou sem interesse para os brasileiros, que, conscientes de sua incrível superioridade, limitavam-se a fazer exhibições para o público, brincando com a pelota. Os espectadores não se cansaram

de aplaudir freneticamente os visitantes, principalmente Friedenreich, que provou ser o mais completo futebolista que jamais pisou os campos franceses". Em Havre, diante de 20 mil pessoas, economizaram gols: 2 x 1. "Marítimos estrangeiros tomaram-se de simpatia pelos brasileiros, formando um coro de torcida a seu favor. [...] Expressões inglesas e italianas enchem os ares [...]" Em Estrasburgo, 10 mil pessoas viram o combinado local cair por 2 x 1. Da França para a Suíça (chamada pelos comentaristas de "o país dos lagos"), seguiram deixando a marca: 2 x 1 contra o Berna (num campo sem grama, transformado em lodaçal, e com a presença de Ernst Chuard, presidente da Suíça) e 1 x 0 contra a seleção nacional. "Os rapazes de Zurique avançam com ardor, não têm meias medidas, os brasileiros respondem com a costura habitual, desnorteante, por vezes." Na volta à França, em Rouen, onde morrera Joana d'Arc, outra vitória por 3 x 2. Eram viagens de trem, hotéis, frio, visitas, recepções (outra rotina que times brasileiros conheceriam bem no futuro), homenagens. Nem tudo foram vitórias. Houve um encontro adverso. Em Cette, o Paulistano foi derrotado por 1 x 0. Em São Paulo, o desenvolvimento das partidas se dava a conhecer por meio de cabógramas, enviados a cada gol feito. Uma grande multidão se reunia na praça Antônio Prado, onde os números iam sendo afixados pelo *Estadão* em grandes placards. Uma forma curiosa de torcer, porque a cada comemoração se seguiam o silêncio e a espera, e novos urros e vivas e foguetes, e outra vez silêncio e espera.

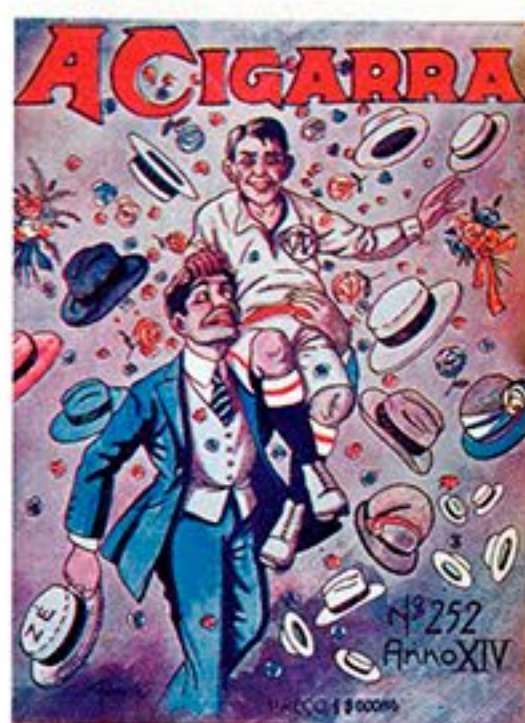
A volta foi triunfal. Os jogadores do Paulistano foram recebidos pelo presidente Artur Bernardes, que cumprimentou cada um deles e lhes pediu autógrafos. Banquete na sede do Fluminense. Em São Paulo, a estação da Luz foi tomada pelo povo. Formou-se um cortejo de 2 mil automóveis, mas a multidão tirou os jogadores dos carros e levou-os nos ombros até a sede do clube, no Jardim América. Dali, a delegação saiu outra vez para receber, na praça da Sé, homenagens dos cronistas esportivos e dos estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Faculdade de Medicina e da Escola Politécnica. Menos cansativa terá sido a excursão.



Capa da revista Brasil Sportivo em homenagem à vitoriosa excursão



Recepção ao time em São Paulo



Capa da revista A Cigarra, homenageando os jogadores que voltaram da Europa



Os jogadores da excursão à Europa

Júlio Kuntz Filho, o Kuntz

Sérgio Pereira, o Sérgio

Nestor de Almeida, o Nestor

Clodoaldo Caldeira, o Clodô

Bartholomeu Vicente Guçani, o Barthô

Caetano Caldeira

Maurício Villela

Epaminondas Mota, o Nondas

Francisco Abate, o Abate

Juan Mestres Alijostes

Ernesto Pujol Filho, o Netinho

Antônio Carlos Seixas, o Seixas

Arthur Friedenreich

Mário Andrada e Silva

Amphilóquio Guarisi Marques, o Filó

Araken Patusca

José Joaquim Seabra Neto

Durval Junqueira Machado

Miguel Feite

Luiz Lopes de Andrade, o Guarany



Delegação do Paulistano a caminho da Europa no navio Zeelândia, sob o comando do batuta Mário Vespasiano de Macedo, 1925

*Alexandre Kassab.
Competição da Federação
Paulista de Atletismo, 1934*





Nasce o Torneio Vermelho e Branco

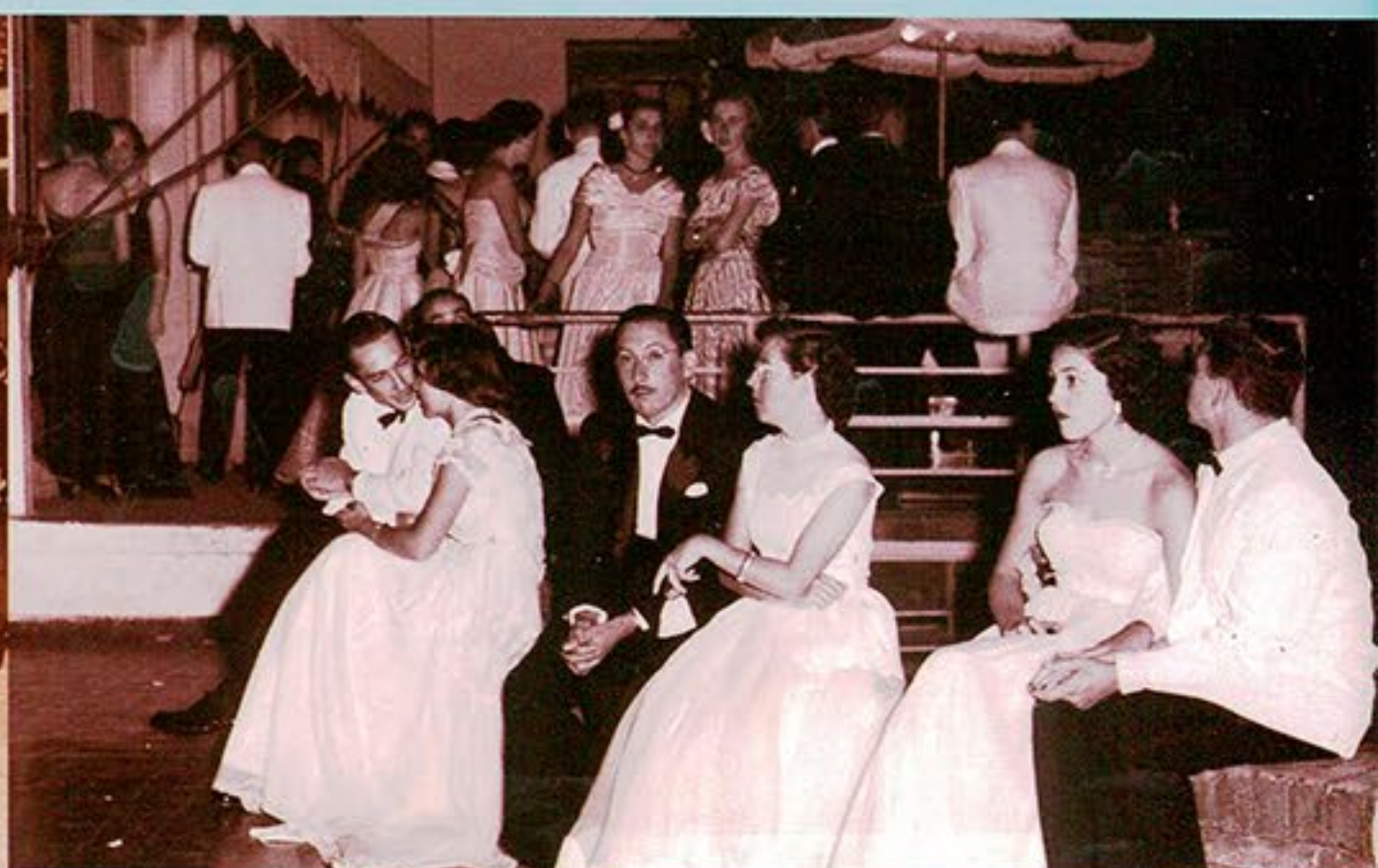
⁶⁶Preocupado com necessidade de ter o Paulistano, em todos os esportes nele praticados – como tem sido verificado quanto ao futebol –, uma eficiência esportiva em proporção com as suas instalações modelares e com a organização administrativa e social do clube, o nosso presidente encarregou o nosso diretor, dr. Manoel Carlos Aranha, e o diretor técnico, sr. Holly, de estudar a questão e propor a necessária solução", informou o relatório do clube para 1925. "Baseados no princípio de que a qualidade só pode ser alcançada e mantida pela quantidade, procuramos um meio de interessar todos os elementos do clube, tanto novatos como campeões, pela prática sistemática dos esportes. E assim, para incrementar o espírito de emulação e rivalidade, propuseram dividir o clube em dois grandes grupos antagônicos – de cor branca e de cor vermelha – que entre si disputariam campeonatos de todos os esportes adotados pelo Paulistano." Nasceu dessa maneira uma tradição que permanece até hoje, passados 75 anos.

Transatlântico em pleno mar

“⁶⁶ A limusine Renault partiu da rua São Vicente de Paula, subiu até a Paulista, descendo a Augusta já congestionada. O clube era, naquele lado da cidade, uma das últimas construções. Mais à frente, na avenida Brasil, sem calçamento ou transporte, havia poucas residências.” Uma crônica de 1962, escrita por Mário Severo Maranhão, relembra os bailes do Paulistano nos anos 20. “Adiante era um ermo. Pouquíssimas casas isoladas em meio a tufos da pobre e antiga vegetação de terreno turfoso. Naquela solidão escura, o clube, todo iluminado e ruidoso, parecia um transatlântico em pleno mar. Os acordes da orquestra enchiam o ar de alegria ritmada.



Baile ao ar livre, 1930



Baile anos 50

A limusine preta fazia proezas para encostar junto ao portão da rua Colômbia. Descem as passageiras. Diretores e rapazes da comissão de recepção, de *smoking*, camisa de peito engomado e *escarpin*, recebem-nas com protocolar cortesia. No salão, em duas filas de cadeiras alinhadas em toda a volta, ficavam as senhoras e as moças. Os rapazes se reuniam num salão contíguo. As recém-chegadas observam tudo. Terão um par para as danças ou ficarão fazendo *crochê*? As mulheres trocam os *potins* da semana. A orquestra ataca um *two-steps*. Os *chaperons* vigiam implacavelmente.” Acaso isso difere dos bailes dos anos 40? Ou 50 e 60? As coisas começam a mudar nos 70 e abrem-se nos 80 e 90.

Na moderna piscina, mais homens do que mulheres

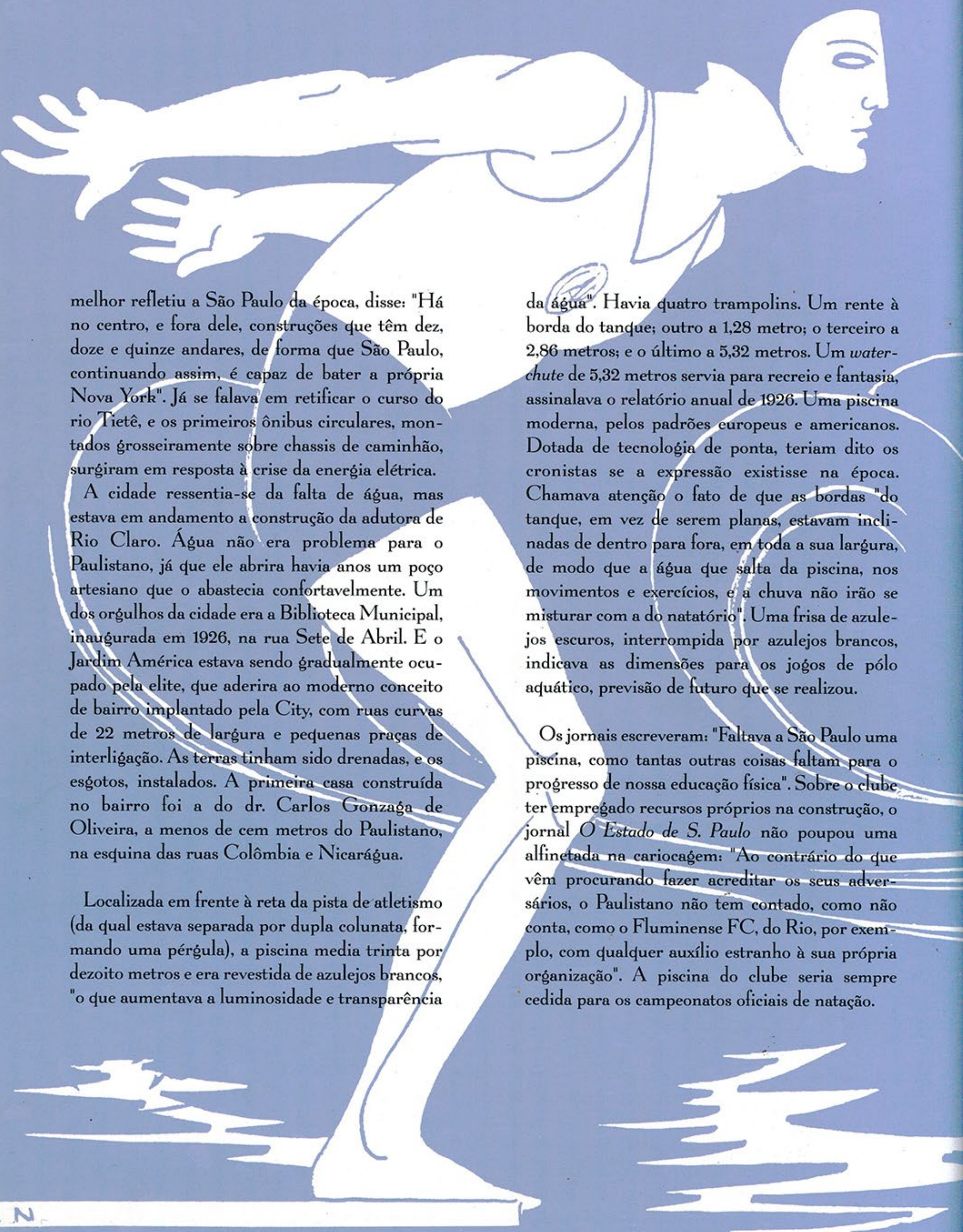


Washington Luís inaugura a piscina do Paulistano, 1926

De terno cinza, colete, gravata-borboleta e chapéu, bengala na mão, Washington Luís, recém-empossado na presidência da República, deu a volta triunfal, e inaugural, em torno da piscina do Paulistano no dia 3 de outubro de 1926. Atrás do presidente do Brasil (um amigo do clube), a uma distância respeitável, vinha Antônio Prado Júnior. O sonho de uma piscina estava realizado. Mesmo sendo inauguração de uma piscina, as mulheres vestem *toilettes*, os homens envergam ternos. Foi o acontecimento da cidade.

Afinal, era a "primeira piscina para natação do Brasil", nas palavras de Luiz Fernando do Amaral, "destinada a iniciar uma nova era de esportes no CAP". O presidente da República abriu um champanhe e derramou na água. Estava batizada a piscina.

A cidade era outra, diferente daquela de 1917, quando o Paulistano renasceu. Agora, tinha cerca de 600 mil habitantes e 100 mil edificações. Antônio de Alcântara Machado, escritor que



melhor refletiu a São Paulo da época, disse: "Há no centro, e fora dele, construções que têm dez, doze e quinze andares, de forma que São Paulo, continuando assim, é capaz de bater a própria Nova York". Já se falava em retificar o curso do rio Tietê, e os primeiros ônibus circulares, montados grosseiramente sobre chassis de caminhão, surgiram em resposta à crise da energia elétrica.

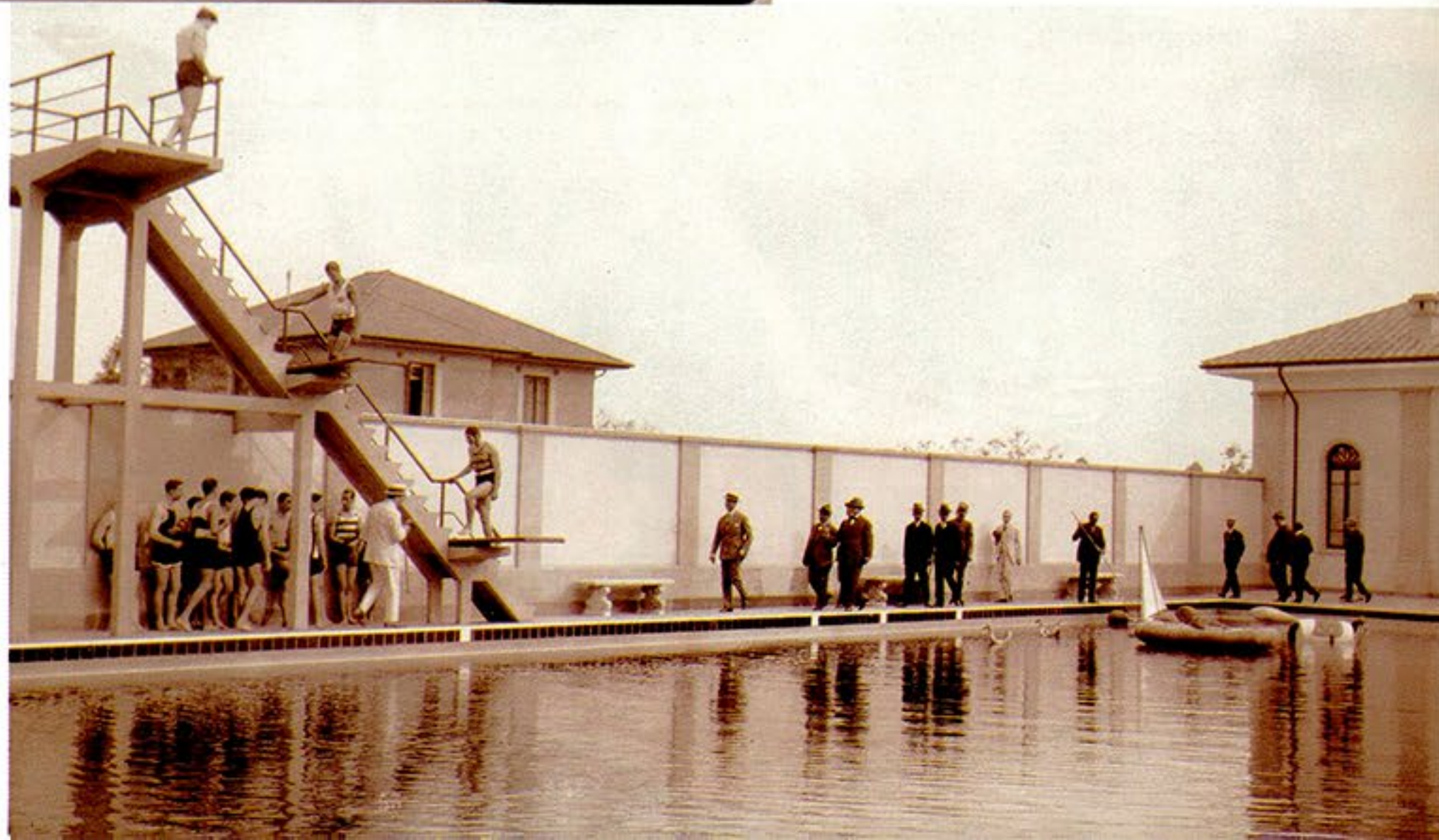
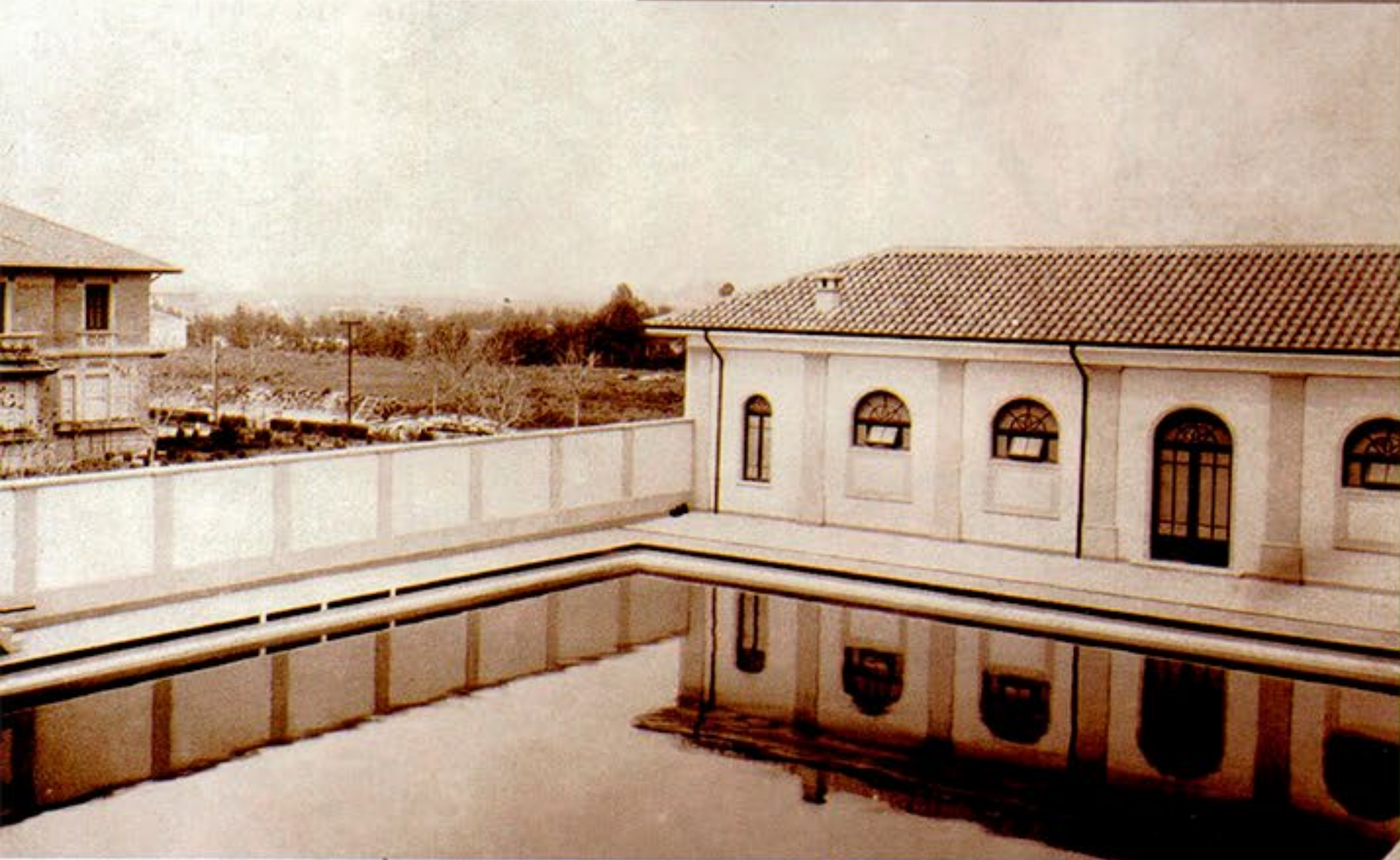
A cidade ressentia-se da falta de água, mas estava em andamento a construção da adutora de Rio Claro. Água não era problema para o Paulistano, já que ele abria havia anos um poço artesiano que o abastecia confortavelmente. Um dos orgulhos da cidade era a Biblioteca Municipal, inaugurada em 1926, na rua Sete de Abril. E o Jardim América estava sendo gradualmente ocupado pela elite, que aderira ao moderno conceito de bairro implantado pela City, com ruas curvas de 22 metros de largura e pequenas praças de interligação. As terras tinham sido drenadas, e os esgotos, instalados. A primeira casa construída no bairro foi a do dr. Carlos Gonzaga de Oliveira, a menos de cem metros do Paulistano, na esquina das ruas Colômbia e Nicarágua.

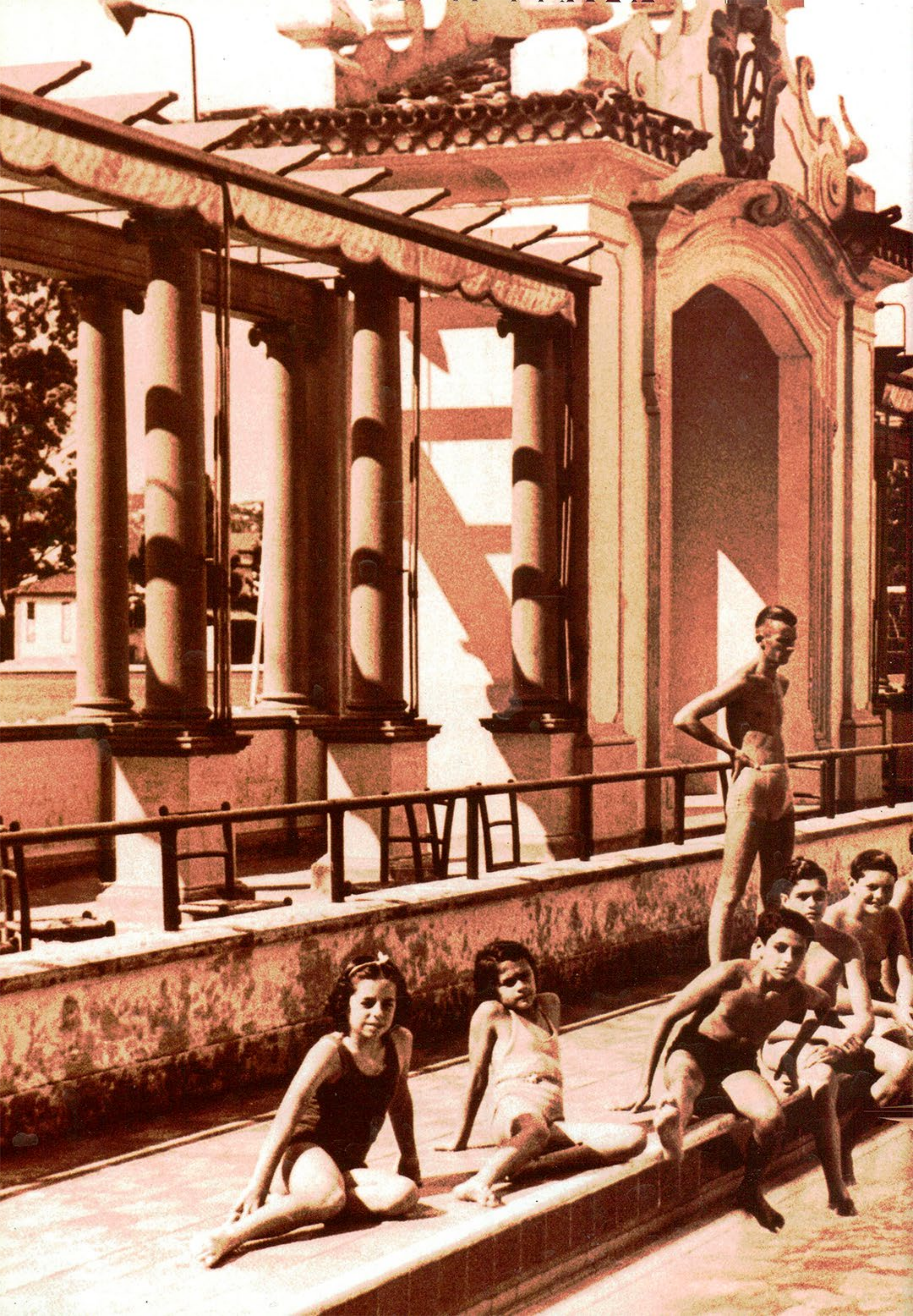
Localizada em frente à reta da pista de atletismo (da qual estava separada por dupla colunata, formando uma pérgula), a piscina media trinta por dezoito metros e era revestida de azulejos brancos, "o que aumentava a luminosidade e transparência

da água". Havia quatro trampolins. Um rente à borda do tanque; outro a 1,28 metro; o terceiro a 2,86 metros; e o último a 5,32 metros. Um *waterchute* de 5,32 metros servia para recreio e fantasia, assinalava o relatório anual de 1926. Uma piscina moderna, pelos padrões europeus e americanos. Dotada de tecnologia de ponta, teriam dito os cronistas se a expressão existisse na época. Chamava atenção o fato de que as bordas "do tanque, em vez de serem planas, estavam inclinadas de dentro para fora, em toda a sua largura, de modo que a água que salta da piscina, nos movimentos e exercícios, e a chuva não irão se misturar com a do natatório". Uma frisa de azulejos escuros, interrompida por azulejos brancos, indicava as dimensões para os jogos de pólo aquático, previsão de futuro que se realizou.

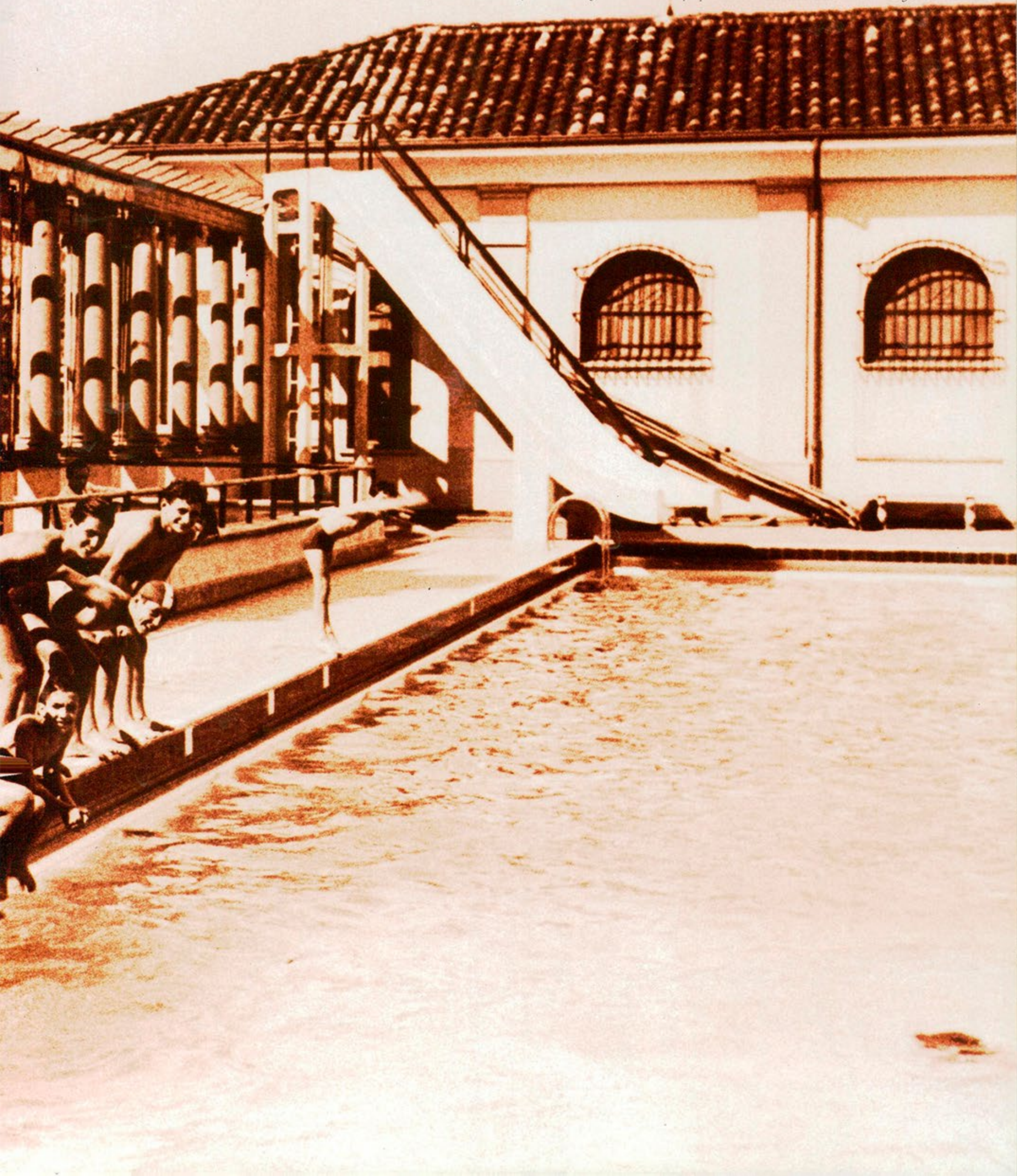
Os jornais escreveram: "Faltava a São Paulo uma piscina, como tantas outras coisas faltam para o progresso de nossa educação física". Sobre o clube ter empregado recursos próprios na construção, o jornal *O Estado de S. Paulo* não poupou uma alfinetada na cariocaagem: "Ao contrário do que vêm procurando fazer acreditar os seus adversários, o Paulistano não tem contado, como não conta, como o Fluminense FC, do Rio, por exemplo, com qualquer auxílio estranho à sua própria organização". A piscina do clube seria sempre cedida para os campeonatos oficiais de natação.

Festa de inauguração da piscina, 1926





Crianças se divertem após aula de ginástica com o prof. Alberto Reichenbach, década de 30





Mulher vai à piscina a que horas?

No edifício que ficava próximo à cancha de pelota, estavam o vestiário dos homens, com 27 cabines, cada uma servindo a três nadadores, e o das mulheres, com dezoito. Entre os dois, havia um bar, com cadeiras e bancos "para repouso e palestra". A piscina funcionava em regime misto nos domingos e feriados e das catorze às dezenove horas nos outros dias. Nos demais horários, havia rígida divisão. Os homens ficavam "sós" entre as sete e as oito horas de segunda a sábado. As mulheres tinham a piscina a sua disposição às segundas, quartas e sextas, entre as oito e dez horas, e às terças, quintas e sábados, entre as dez e doze horas.

O relatório anual referente ao ano de 1927 assinalava: "A piscina tem sido, por excelência, o ponto de reunião diário de inúmeras famílias de associados. Uma nota festiva foi dada ao local com a instalação de um gramofone doado ao clube por um grupo de sócios, tornando esse recanto das nossas dependências de uma alegria encantadora".

*Vista da pista de atletismo
e do pórtico da piscina, 1926*







Futebol, esporte de cavalheiros

Taça Cidade de São Paulo. O Paulistano conquistou-a, definitivamente, com as vitórias de 1918, 19 e 21



Termina o futebol, mantém-se o brio

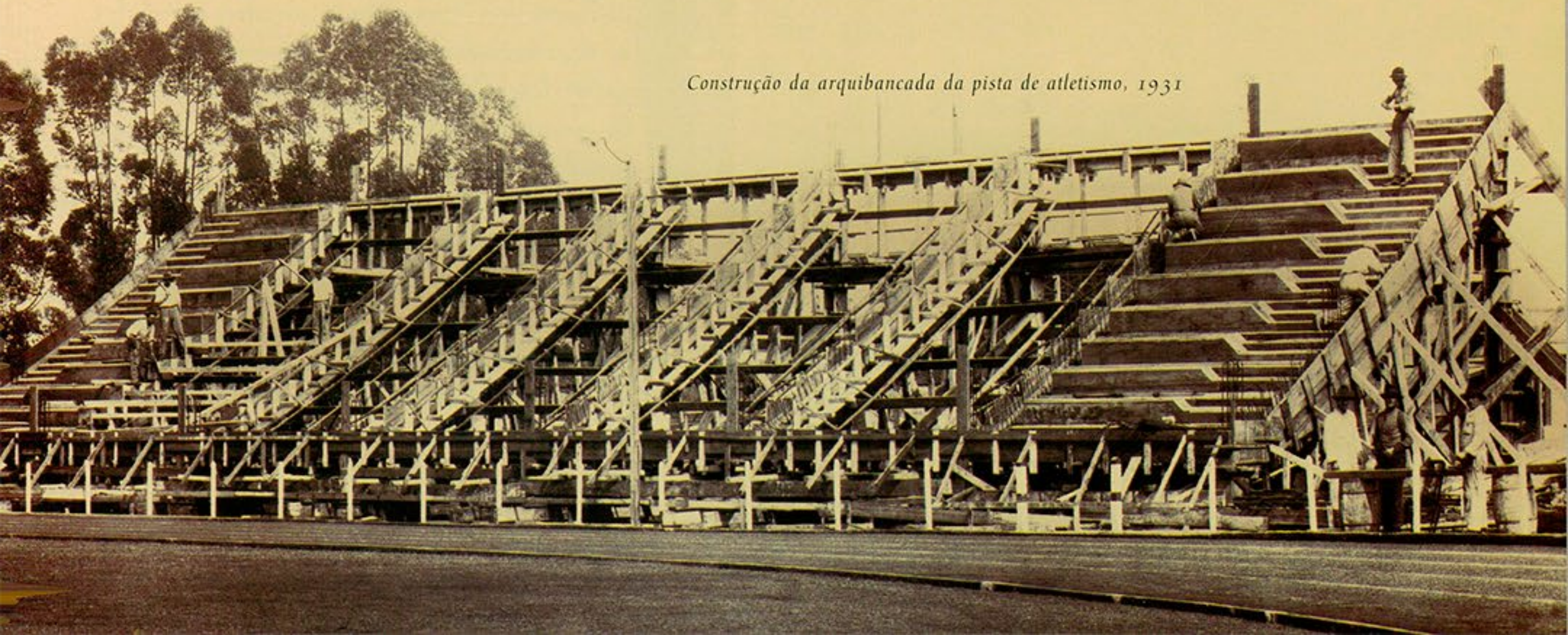
Tudo o que se vê hoje em futebol, administração, cartolação, política, já se prenunciava no final da década de 20. Tapetões, tribunais, ligas, recursos parecem ter acompanhado o futebol desde o nascedouro e até surgido com a bola. O esporte caminhava para "a modernidade e o profissionalismo", e isso contrariava o espírito com que fora introduzido no Paulistano. Não havia bichos nem salários. Tanto que Friedenreich sempre jogou sem ganhar nada senão honrarias, conta a publicação oficial do clube em agosto de 1961. Ao deixar o futebol, Fried conseguiu emprego como inspetor de vendas da Antarctica, onde se aposentou. Antônio Prado Júnior repetia sempre: "As coisas vão mal. A violência domina o esporte. Não há mais o espírito puro de disputa. Precisamos tomar uma atitude". Hoje, isso pode ser visto como uma postura anacrônica diante de

um esporte que evoluía. No entanto, era um ideal, a filosofia de um clube. Em 1926, o Paulistano ganhou o primeiro campeonato pela Liga de Amadores do Futebol, fundada após o desligamento da Apea. Venceu novamente em 1927 e 1929, conquistando em definitivo a Taça São Paulo, ofertada por Washington Luís. O dinheiro continuava a correr nos bastidores. Por outro lado, como a Confederação Brasileira de Desportes (CBD) não reconhecia a Liga, era impossível ao Paulistano disputar com times de outros estados ou países. O cerco apertava. Antônio Prado Júnior reuniu a diretoria, e a decisão foi tomada: "Futebol no Paulistano é assunto encerrado. Os jogadores poderão se inscrever em outros clubes, continuando como sócios do CAP". De suas cinzas nasceu outro clube, o São Paulo Futebol Clube.

Canchas rubras do nobre esporte

A linguagem rebuscada e a tentativa de criar imagens poéticas, que de certo modo refletem o espírito de uma época, acabam nos deleitando nestas vésperas do novo milênio, quando objetividade e síntese são a tônica. Vejam o delicioso editorial da Revista do CAP de 1º de agosto de 1930: "Considerando inteiramente perdido o organismo futebolístico paulista, em virtude do vírus da anarquia, profissionalismo e outras mazelas que o infeccionavam - o Paulistano extinguiu sua seção de *soccer*. No lugar do tapete verde do gramado de seu campo de futebol, resolveu colocar as canchas rubras do nobre esporte da raqueta. E, assim, uma avenida partirá do terraço do edifício da sede em direção à pista de atletismo. Nos flancos, ficarão situadas oito quadras de tênis, de forma a ter-se linda perspectiva e divisar-se da sede mais essa dependência do clube. Desapareceram as três arquibancadas e, bem assim, os velhos eucaliptos, testemunhas mudas dos triunfos imarcescíveis *des rois du football*". Imarcescível significa aquilo que não murcha, não se altera. Mudam os tempos e a língua.

Construção da arquibancada da pista de atletismo, 1931



Momentos

O Paulistano pode ser definido como religião, seita, irmandade, fé. Não nos assustemos com as palavras. Desde a fundação até hoje, um mesmo espírito permeia os associados: o clube é a continuação da casa, ala da residência, ponto de encontro, necessidade do cotidiano, câmara de decompressão, sofá do terapeuta, inevitável referência, oásis. Saber que ele está ali confere uma espécie de alívio, bem-estar. Milhares de histórias ocorreram e ocorrem dentro dele. Por amostragem, pinçamos momentos significativos, emblemáticos, por reunirem as condições e ilustrarem os conceitos que nos levam a definir o Paulistano de forma tão abrangente. A escolha de alguns personagens não se deu com o objetivo de privilegiar nomes. Porque cada sócio tem sua história, sua contribuição e sua relação com o clube, de forma intensa e particular.

Cada um é
fundamental
na história do
Paulistano



Tio Antônio, o "dono" do Glorioso

O clube antigo era Antônio Prado Júnior, seu reduto. O clube confundia-se tanto com ele que alguns o chamavam de "o dono". Outros, de "o grande senhor". Mas, para a maioria, era simplesmente "tio Antônio". Com leve ponta de ironia, alguns se referiam a ele como o "santo Antônio". Sistemático, vinha ao clube diariamente pela manhã, parava na porta o Cadillac, chapa 03, e fazia uma inspeção rigorosa. Um sócio benemérito diz que essa inspeção era chamada *le tour du propriétaire*. Homem reservado, não conversava muito. Metódico e obstinado, observava cada canto, recanto, arbusto, móvel, vidro. O clube era razoavelmente pequeno. Vigia para ver se alguém estava fazendo esporte sem o uniforme vermelho e branco. Se via um tenista jogar sem camiseta, interpelava-o com rigor. Havia uma determi-

nação formal: não se podia praticar nenhum esporte sem o uniforme completo. Prado Júnior ficava furioso se via um cisco no chão. Ao sair de casa pela manhã, telefonava, avisando que ia chegar. Nem era necessário: quando ele chegava, estava tudo pronto para a "inspeção", documentos para assinar, fichas para avaliar, propostas de novos sócios. Mesmo depois de uma proposta ter sido analisada pela comissão de sindicância, era ele quem dava a palavra final. Depois do *check-up*, determinava providências e, no dia seguinte, queria saber o que fora cumprido, anotava os sócios suspensos, tomava conhecimento das brigas. Não comparecia muito às festas, era um recluso, segundo depoimentos de mais chegados. Todos reconheciam nele um ótimo administrador, que, no entanto, freqüentava pouco as competições esportivas. Não tinha paciência de ficar parado, assistindo a um jogo de tênis. Nunca foi visto de camisa esporte no clube. Os mais antigos lembram que, quando o Velódromo foi fechado, os equipamentos do Paulistano ficaram guardados no porão da casa dele.

Prado Júnior foi prefeito do Distrito Federal entre 1928 e 1929, nomeado pelo presidente Washington Luís. Chegou a receber uma placa de melhor prefeito da cidade. No fundo, aplicou ao Rio, em escala muito maior, os métodos que utilizava no clube: disciplina, limpeza e beleza. Vinha todos os sábados para São Paulo, e a primeira coisa que fazia era ir ao Paulistano e percorrê-lo inteiro, fiscalizando as obras de ampliação da sede (reinaugurada em 1930) e do ginásio (concluído em dezembro de 1931). Em 1930, quando João Pessoa foi assassinado, o Nordeste e o Rio Grande do Sul se rebelaram, e uma guerra civil ameaçou o país. Washington Luís foi deposto, e Getúlio Vargas assumiu o poder. Prado Júnior, da elite paulistana que apoiava o presidente deposto, foi obrigado a se exilar na Europa. Enquanto esteve fora, a diretoria decidiu que, para manter a disciplina e a limpeza, cada diretor seria responsável por uma seção.



Troféus do CSP expostos na casa de Antônio Prado Júnior

Em suas memórias sobre o clube, Luiz Fernando do Amaral confessou que, todavia, nunca se chegou à perfeição exigida por Prado Júnior. Um dia, apareceu na pedra de informações (uma lousa que antecedeu os painéis modernos) o aviso de que o presidente estaria de volta em dois dias. "Um milagre aconteceu. No dia seguinte, a sede e suas dependências estavam em ordem, limpas e bem mantidas, como seu Antônio exigia, sem que ninguém tivesse dado ordem nesse sentido." Essa era a essência, a compreensão do espírito necessária à permanência. Em 1954, Antônio Prado Júnior renunciou a presidência. Ele morreu um ano depois, a 17 de novembro de 1955, com 74 anos de idade. A revista do clube se referia a ele, sua administração, sua fidelidade ao clube como qualidades imarcescíveis. O Ginásio de Esportes leva seu nome.

Antônio Prado Júnior e outros diretores do Paulistano, juntamente com diretores do Flamengo, em São Paulo, 1923



A saga Pinheiro Dória

Os meninos Cyro, Oswaldo, Roberto e Celso Pinheiro Dória, embora o pai fosse sócio do Paulistano (por insistência de Henrique Bayma), não freqüentavam o clube. Não fosse a intervenção de um médico, o dr. Nonato Sainati, talvez o CAP tivesse perdido os atletas que mais glórias lhe trouxeram, a ponto de serem hoje considerados esportistas-padrão, paradigmas do espírito do CAP, sintetizando a essência do que o clube é. Um dia, o dr. Sainati interpelou o amigo: "Júlio, você é sócio de algum clube?" "Sou. Do Paulistano. Por quê?" "Então, o que está esperando? Mande seus filhos para lá, eles precisam praticar esportes."

A pressão surtiu efeito. O CAP tinha acabado de renunciar ao futebol quando os Pinheiro Dória começaram a aparecer nas aulas do professor Alberto Reichenbach. O campo estava desativado, mas as tribunas continuavam de pé. Os muros das ruas Estados Unidos e Honduras eram cercados por eucaliptos. Encerrava-se uma fase e iniciava-se outra na história do clube, e a entrada em cena dos Pinheiro Dória é simbólica desse momento. Ainda não existia o ginásio. No lugar onde o construiriam, havia apenas uma quadra de tênis coberta por um telhado, aberta nas laterais. Foi em 1931 que se ergueu o ginásio. O clube fechava às dezenove horas. As aulas de ginástica não eram

mistas, e havia horários separados para crianças, senhoras e adultos. Segundas, quartas e sextas-feiras, das nove às nove e meia, eram os dias de Roberto e Celso aparecerem. Pagava-se para ir à piscina, mas as crianças que faziam ginástica tinham direito a freqüentá-la gratuitamente, mesmo nos horários para mulheres. No inverno, durante três meses, a piscina ficava vazia e fechada.

Os Dória tomaram gosto pelo atletismo, mas enfrentaram a oposição do técnico Luís Emanuel Bianchi, que não gostava de crianças na modalidade. No entanto, como o proibido é o bom, e como sempre há alguém disposto a romper com normas, os garotos encontraram cumplicidade no zelador da pista, seu Carmo Spacassassi. Os meninos pulavam a cerca e, escondidos, esperavam o sinal: "Podem vir, o homem foi embora". Assim, treinando por conta própria, clandestinamente, os Dória ocupavam a pista, corriam e saltavam em distância e altura. Os "treinos" continuavam em casa, uma vez que moravam junto às colinas do Pacaembu, na rua Minas Gerais. Ali, arremessavam peso, usando um paralelepípedo arredondado por eles mesmos, com paixão e santa paciência. O disco era uma arruela. A vara para o salto era retirada da vegetação ainda existente no bairro e preparada por eles mesmos. O que mostra a paixão pelo esporte.



A situação mudou depois de 1932, quando Bianchi abandonou o posto, cedendo lugar a Clóvis Falcão, recordista sul-americano de salto em distância, irmão de Cyro Falcão. Clóvis, com visão mais moderna, começou a buscar seus atletas exatamente nas categorias menores, e os Dória deslancharam. Não apenas passavam a treinar em liberdade, orientados, como também ingressavam nas competições oficiais e nas olimpíadas infantis. Uma lembrança viva ainda foi a participação dos atletas do Paulistano no desfile de inauguração do Pacaembu, a 27 de abril de 1940. O estádio que eles, morando ao lado, viram crescer etapa por etapa. O estádio representou um momento importante na história da cidade, foi um portal de entrada para a modernidade. O entusiasmo pelo atletismo no clube era grande, de tal modo que todos os campeonatos eram realizados em suas pistas. Mais tarde, passaram para o Clube Tietê, que tinha inaugurado em 1937 uma excelente pista para a realização dos Jogos Sul-Americanos. O Paulistano fretava bondes, e a turma fazia o trajeto cantando e gritando.

Com o voleibol, viveu-se uma situação semelhante à criada por Bianchi. Criança não tinha chances na modalidade. O Paulistano até possuía um bom time, mas, a partir de 1939 ou 1940, ele se dispersou, ficando praticamente desativado. Foi quando, então, Roberto Pinheiro Dória se incumbiu por conta própria de reorganizar o vôlei, com tal empenho que, muitas vezes, fez até o papel de roupeiro. Quando o pai comprou um automóvel, Cyro (que já tinha carta) era o motorista, levando jogadores de um lado para o outro e, claro, jogando também. Como não pensar naqueles tempos da "entrega

em domicílio", quando Carlito Aranha conduzia os jogadores de futebol na Berliet? A paixão pelo voleibol conduzia a situações curiosas, porque em certos campeonatos, nos jogos da Pauli-Poli, os irmãos se enfrentavam: Cyro era capitão da Pauli, Celso, da Poli, e Roberto atuava como juiz. Cyro era esquentado e reclamava muito da arbitragem. Quando as pessoas que estavam em volta da mãe deles (a qual não perdia jogo) faziam notar: "Olhe, seus filhos estão brigando", ela retrucava com firmeza: "Meus filhos nunca brigam". Certa vez, o pai determinou que Oswaldo, o segundo dos irmãos, recém-formado em direito, deveria seguir a profissão, abandonando os esportes. Para despistar, Oswaldo Pinheiro Dória desapareceu, e surgiu um "novo" atleta, Oswaldo Cardoso Sampaio. O Cardoso veio da mãe, e o Sampaio, do pai. Basquete e voleibol tiveram várias fases de abre, fecha, reabre, dependendo das ocasiões, dos aficionados. Abriu, lá estavam os Dória. Isso quando não eram eles mesmos os responsáveis pelas reaberturas. Os títulos se acumularam entre os irmãos: atletismo, basquete e voleibol eram suas modalidades preferidas, concorrendo para a obtenção de considerável número de troféus. Para completar, quando o clube fez cinquenta anos, Roberto, que sempre gostou de comunicações (a palavra na época ainda não existia com o sentido atual), editou seis números da *Revista do Paulistano*.

Desfile de atletas do Paulistano, década de 40



Esquecer o mundo

⁶⁶ **A** gente vem aqui espairar. Passada a borboleta, todos os problemas ficam para trás. Esqueço o mundo, aqui tem restaurante, cinema, biblioteca, quadras, piscina, tem de tudo, mas tem, principalmente, companhia. Venho pelo tênis, pela peteca, pelo paredão, venho principalmente pelos amigos. Estou com 84 anos e era para não fazer

mais nada, mas não posso conceber ficar longe daqui. Venho e fico com a rapaziada de 25, trinta anos, fazendo cooper, jogando, brincando." Durante toda a sua vida, Orígenes Campion manteve o mesmo ritual, um ritual para decidir onde morar. Apanhava um compasso, centrava no clube e marcava um perímetro. Dentro desse perímetro devia estar a casa, porque ele ia a pé para o Paulistano. Isso significa viver o Paulistano.



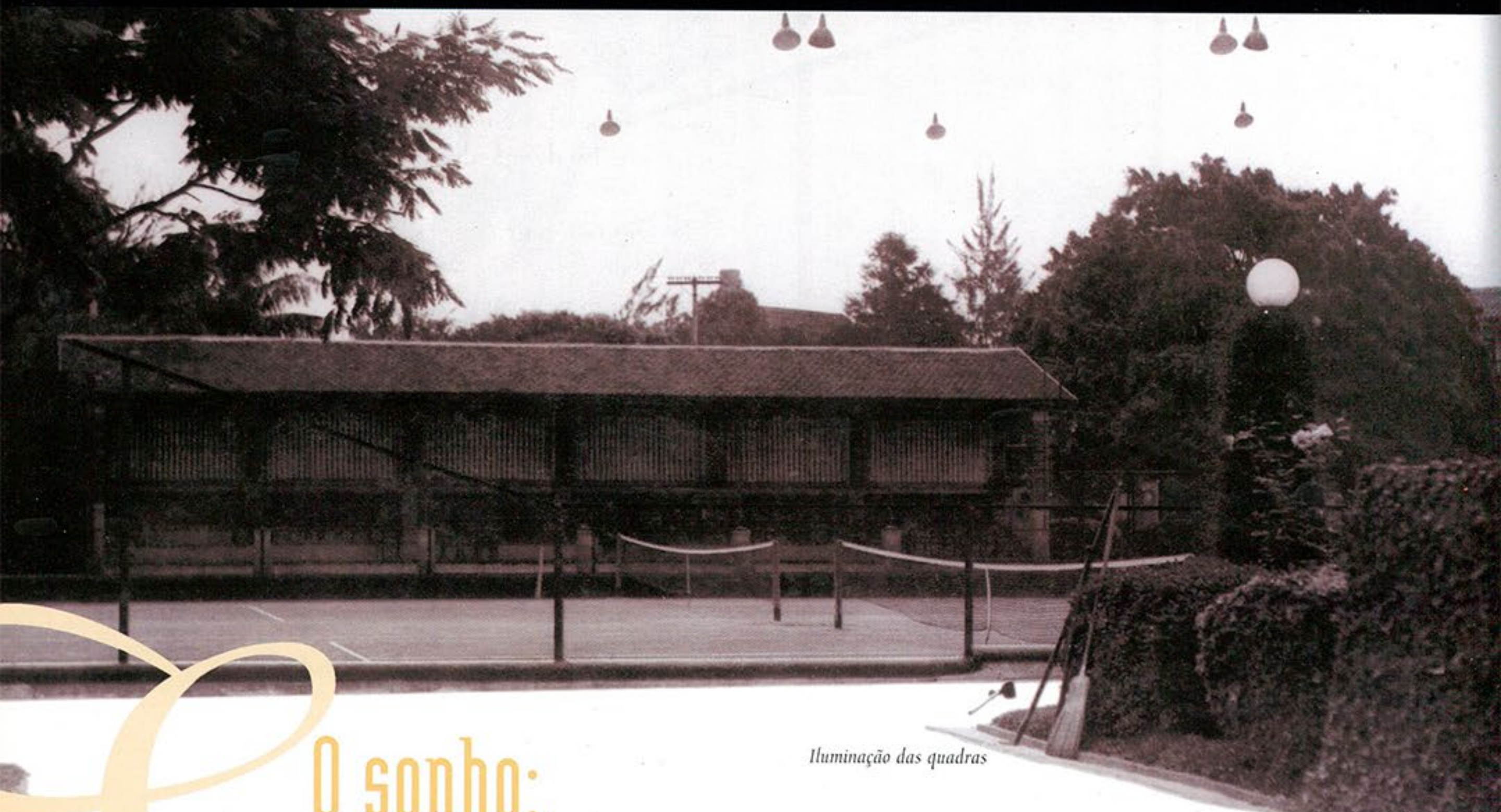
Lateral da sede do clube, 1924

Energia que envolvia e estimulava

Todo mundo queria treinar na pista do Paulistano. Muitos recordes foram batidos aqui. Muita gente dizia que havia no ar alguma coisa que empurrava, dominava o sportista. Tudo parecia mais fácil no clube. Claro que havia as condições ideais para os treinos. O piso não machucava, ajudava. Um piso natural, muito bem preparado. Sportistas pioneiros, que em suas carreiras foram pessoas pragmáticas e muito determinadas, confessaram que ali sentiam a energia dominar. Uma atmosfera muito forte, que se impregnava na pele.

Lúcio de Castro, 1928

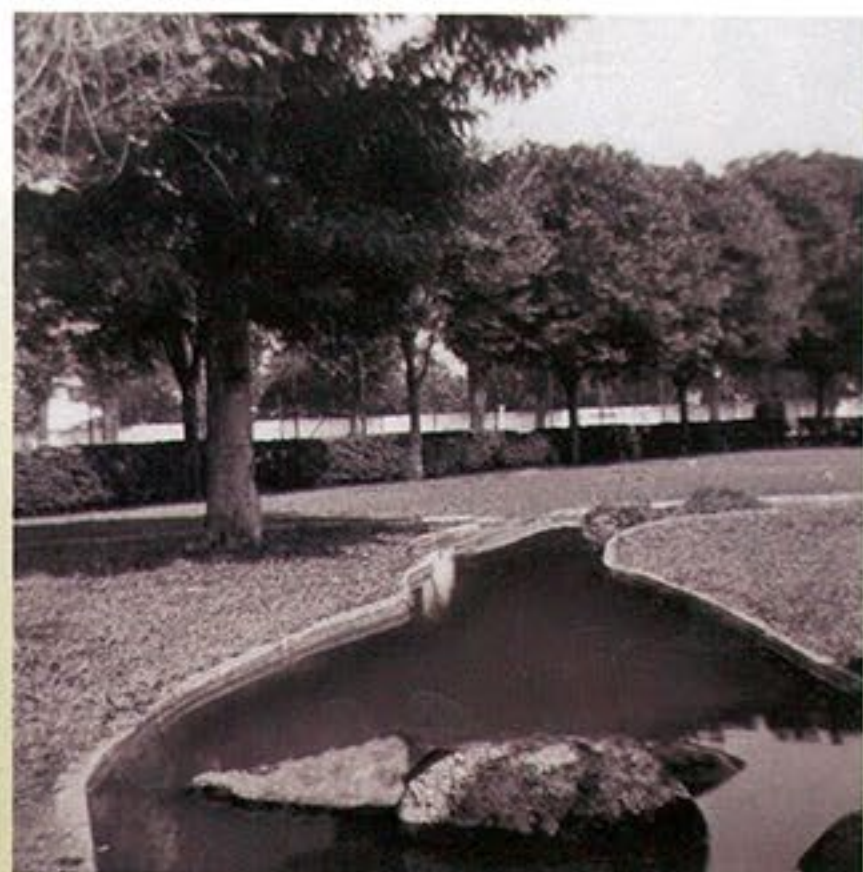




Iluminação das quadras

O sonho: jogar à noite

Em dezembro de 1928, anunciou-se que as quadras de tênis seriam remodeladas, atendendo às exigências da técnica mais atualizada, "quadra lenta com chão moderno". As experiências seriam feitas na quadra 5, e, após avaliados os resultados, seriam modificadas as quadras de 1 a 4. O grande sonho, porém, eram os jogos noturnos. Para tanto, o material já fora importado e estava a caminho.



Laguinho existente na década de 30

A vida tranqüila de um clube

As pessoas passavam a tarde no jardim em frente às quadras de tênis, assistindo aos jogos. Sentavam-se em cadeiras de vime. Eram uns cem *habitués*, que, depois do tênis, ficavam para os drinques. Não havia muita atividade para a criançada. Não existia playground, só uns balanços. As crianças gostavam de ficar olhando as canoas no laguinho e colocar o pé na água.

Peso dos pesos

Na final do Campeonato Brasileiro de Cultura Física, em 1929, o Paulistano recebeu a taça de modo original. Lançada de um avião, ela caiu de pára-quedas dentro do campo de futebol.

Foi em 1957 o primeiro Campeonato de Melhor Físico do estado de São Paulo. Os candidatos concorriam por altura. Até 1,50 metro. De 1,50 a 1,70. E de 1,75 para cima. Nessa última categoria, Ubirajara Pillaçalo, o candidato (e sócio) do Paulistano ganhou o título de primeiro Mr. São Paulo. Mas houve época em que os adeptos da modelagem física sofreram. Ganharam um espaço num canto do ginásio de esportes. Ali, foi feito um estrado de madeira grossa, de peroba, para a turma poder soltar os pesos no chão. Os aficionados logo sentiram que não dava para treinar calmamente, a turma estava jogando basquete ou vôlei, e, toda hora, vinha bola para cima. Largar o peso ou levar bolada? Pressionaram e ganharam uma salinha especial. Continuaram a treinar e a se desenvolver em paz.

Sala de ginástica, anos 50



Ubirajara Pillaçalo, fisiculturista, década de 50

A tradição do frontão

Muitos sócios, após a aula de Reichenbach, seguiam para a "bolinha", que nada mais era que o jogo de paleta, modalidade de pelota basca em que se utiliza uma raquete de madeira (o nome vem da semelhança da forma da raquete com a paleta do boi). Um dos mais antigos e vivos esportes do clube, implantado entre 1921 e 1922. A paleta é tradição, elo que liga várias épocas, junta gerações. Certa vez, em 1923, num sábado, o assunto durante o jogo de futebol foi a forte ventania que derrubara os muros do clube e das casas vizinhas da rua Argentina. Só o frontão ficou de pé; fora construído para resistir. Nasceu aí o mito: o frontão haveria de permanecer, acontecesse o que acontecesse, por mais que o mundo e as coisas mudassem.

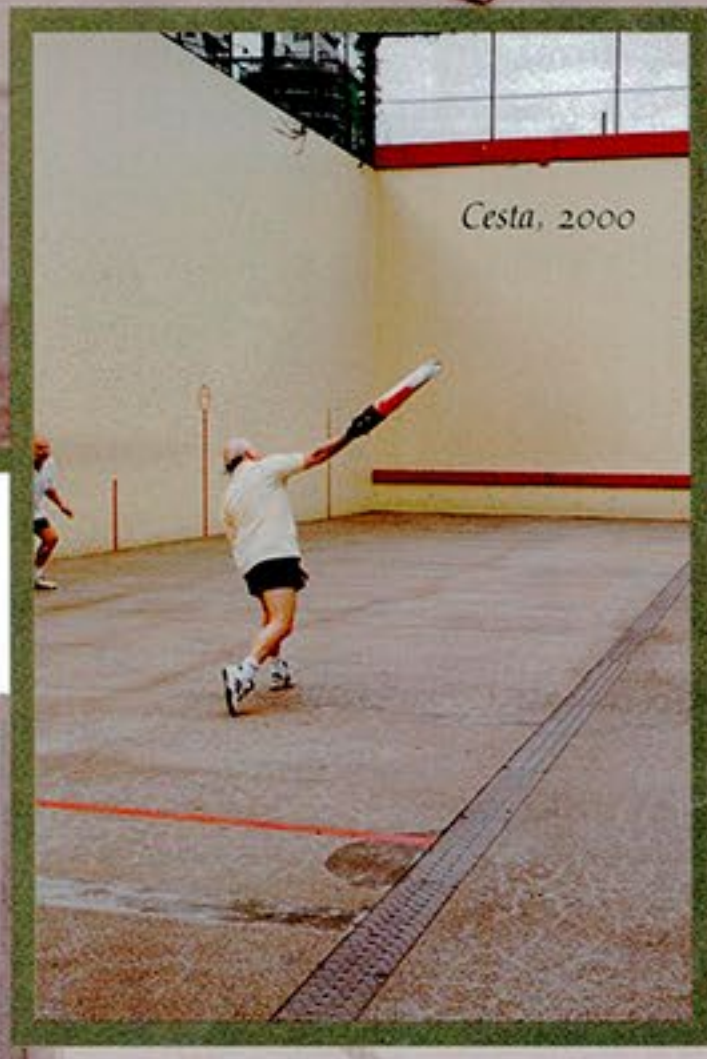
Aficionados garantem que, graças a Marcelo Fernandes, a pelota se manteve viva. O frontão do Paulistano ganhou o nome dele e foi tombado pelo Patrimônio Histórico. Quando o presidente Dutra proibiu o jogo no Brasil, os frontões foram fechados. Antes, neles se apostava alto. Existiam em São Paulo quatro espaços profissionais da modalidade: o Nacional, no "buraco do Ademar", no Anhangabaú; o Brasileiro, em frente ao Cine Cairo, na rua Formosa; o Boa Vista, onde hoje é a sede do Jockey, na rua Boa Vista; e o do Brás, no largo da Concórdia. Os profissionais ficaram desarvorados, mas Marcelo, sócio do Paulistano, conseguiu trazê-los para o clube. Só podiam jogar, sem apostas, mas ajudaram a formar gerações. Uma tradição que o clube ajudou a manter no Brasil.

Ainda hoje, aquele recanto na esquina das ruas Estados Unidos com Argentina é especial. Único. Onde se praticam a paleta, a cesta e o frontênis. Ali jogam esportivamente, ali treinam intensivamente e se preparam os atletas que representam o Brasil em competições internacionais da modalidade. Os jogadores do Paulistano participaram dos Campeonatos Mundiais de 1990, 94 e 98 e estão se preparando para o da Espanha, em 2002. O clube mantém contato constante com a Federação Internacional de Pelota Basca e tem incentivado o esporte, despertando o interesse cada vez maior dos jovens. Estuda-se a possibilidade de contratar um treinador que oriente, facilite e empolgue. Aliás, há uma curiosidade. Na década de 80, visitando San Sebastián, na Espanha, o médico psiquiatra Alfredo Soeiro, um dos maiores aficionados do esporte, apaixonado jogador e pesquisador, procurou (quase numa ação de detetive) os adeptos da pelota e acabou introduzido na Federação Internacional de Pelota Basca, que se admirou (mais do que isso: se espantou) ao saber que o jogo era praticado em São Paulo. Dessa viagem, Soeiro trouxe cestas e bolinhas, tão difíceis de obter então no Brasil. Hoje, em São Paulo, existem apenas o frontão do Paulistano e o do Clube Basco, pequeno.

A dinâmica do jogo tem sempre se aperfeiçoado, principalmente nos últimos dez anos, quando o CAP, representando o Brasil, passou a participar dos campeonatos internacionais. Quanto ao frontênis, apareceu há oito anos e vem ganhando cada vez mais adeptos; outro pioneirismo.

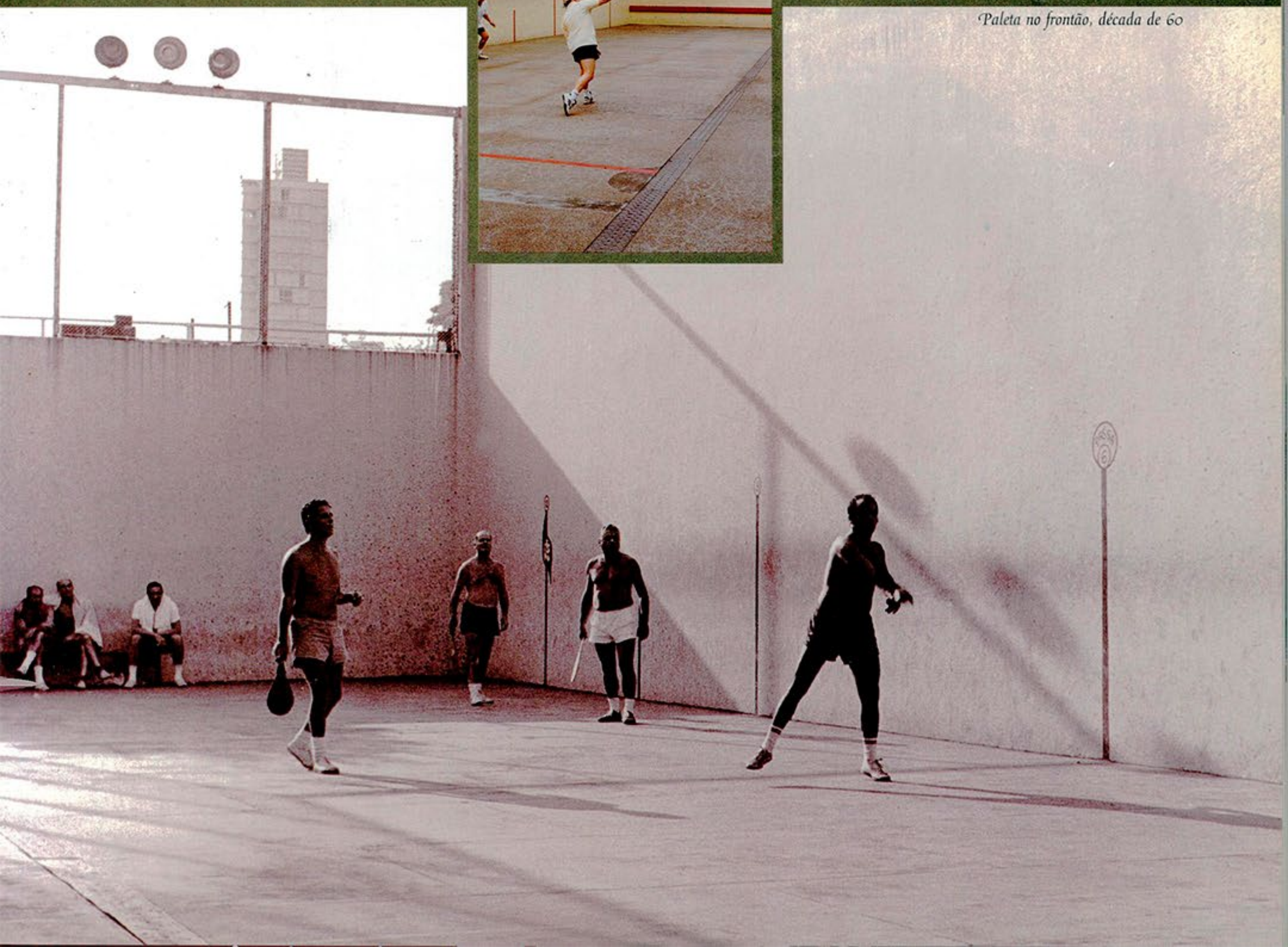


Jogo de cesta, década de 40



Cesta, 2000

Paleta no frontão, década de 60



Raquetes de caixote

Aos sete, oito anos, a garotada começava a brincar com as raquetes de madeira de caixotes, que os pegadores de bola fabricavam, esculpindo-as com facas, e vendiam aos meninos por duzentos mil-réis, as mais finas. As grossas, mais trabalhosas, feitas com as laterais de caixote, saíam por quatrocentos. O conceito vigente sempre foi formar tenistas. Os pegadores eram autorizados a bater bola no paredão antigo. Vários terminaram astros do tênis, entre outros Armando Vieira (oitava-de-final em Wimbledon) e o mito Manuel Fernandes, o Maneco.

O Harmonia sempre foi o maior rival e surgiu de uma dissidência no Paulistano. Maneco era imbatível. Conta-se que certa vez, na disputa da Taça Washington Luís, no Rio de Janeiro, o 13º



Pegadores de bolinhas, década de 40

jogo (porque eram treze os jogos, desafiando superstições) foi adiado por causa de uma forte chuva. Maneco, que estava hospedado num hotel diferente (porque lhe agradava ficar só, era um grande boêmio), fazia dupla com Roberto Aratangy. No dia seguinte, saiu o sol, programou-se o jogo, e Aratangy, logo cedo, ligou para o companheiro, que ele apelidava de Português. Maneco reclamou, tinha ido se deitar às seis da manhã, imagine jogar às onze. Apareceu sonado, entrou debaixo do chuveiro frio, ficou um tempão. Na quadra, com o solão, a cabeça dele começou a ficar roxa, e todo mundo comentou que o jogo seria barbada, os cariocas iam ganhar a taça. Maneco sentiu as vibrações, viu Aratangy desanimado e se enfureceu: "Se eles pensam que vão ganhar, estão enganados". Jogou uma barbaridade. Não existe, dentro do Paulistano, quem não tenha um lance para contar, e novas gerações vivem histórias que lembrarão no futuro.

Grupo de tenistas na década de 20



*Batalhão de Esportistas, 1932.
'Entre eles (de pé, 2º e 3º, à esquerda):
Nelson Paolucci e Marcello de Assis Pacheco Borba*



Concentração do MMDC, 1932



Paulistano, alma da cidade

Por três meses, os paulistanos viveram numa cidade em convulsão, civis se improvisando rapidamente em militares, canhoneiros, bombardeiros e mortos. Tensão constante, todos os homens chamados à mobilização, voluntários se apresentando. O movimento de 1932 envolveu São Paulo inteira. No dia 9 de julho, explodiu a luta. São Paulo deveria contar com o apoio de rebeldes mineiros, o que não se efetivou. Os paulistas ficaram sozinhos. Foram três meses de guerra civil em que o estado inteiro se bateu contra o poderio armado do governo federal. No entanto, a derrota foi apenas militar, pois do ponto de vista político ela acabou tendo reflexos positivos: no ano seguinte, foi eleita uma Assembleia Constituinte e, em 1934, promulgada uma nova Constituição. O Club Athletico Paulistano, que abrigava a elite econômica e pensante, não ficara indiferente. Mobilizou-se também, e com eficácia. Imediatamente se instalou um posto interno de alistamento, ao qual, de pronto, responderam setenta sócios, que formaram o Batalhão Esportivo.

Cada soldado desse batalhão recebeu do clube uma farmácia portátil de emergência. O campo de atletismo foi transformado em centro de instrução para os voluntários do Batalhão Reserva. A lavanderia passou a servir também a Cruz Vermelha, tendo sido lavadas nada menos que 7 mil peças durante os noventa dias da revolução. O ginásio foi transformado na Quarta Subdivisão de Policiamento Civil de Emergência. Montou-se no clube uma seção de costura, da qual se encarregaram as mulheres, que, trabalhando em regime contínuo, confeccionaram quase 3 mil peças de roupas variadas.

Na campanha intitulada "Ouro Pelo Bem de São Paulo", não só houve colaboração total dos sócios, que doaram alianças, brincos, pulseiras, broches, como também o próprio clube ofertou todos os seus troféus, mais tarde resgatados por meio de uma subscrição geral. Somente o Paulistano, entre todas as sociedades esportivas, resgatou os troféus doados.

As contribuições do CAP não foram apenas em bens. Ele igualmente doou vidas, o que uniu mais ainda o seu espírito ao da cidade. Os que morreram em 1932 tiveram seus nomes gravados em bronze: Agostinho Pereira de Oliveira, Clineu Braga de Magalhães, Fernão Salles, Lauro de Barros Penteado, Mário Augusto Muniz de Aragão e Prudente Meirelles de Moraes. Fernão Salles teve homenagem especial: o campo de atletismo recebeu seu nome. Cada acontecimento é peça de um quebra-cabeças infinito, montado dia a dia, formando a vida de um clube que, por sua ligação com a cidade e o estado, foi definido por um benemérito do clube como "a alma de São Paulo".

Sócias do Paulistano reúnem-se para costurar para os soldados, 1932





51
CIDADE-JARDIM

Vidas ligadas ao clube

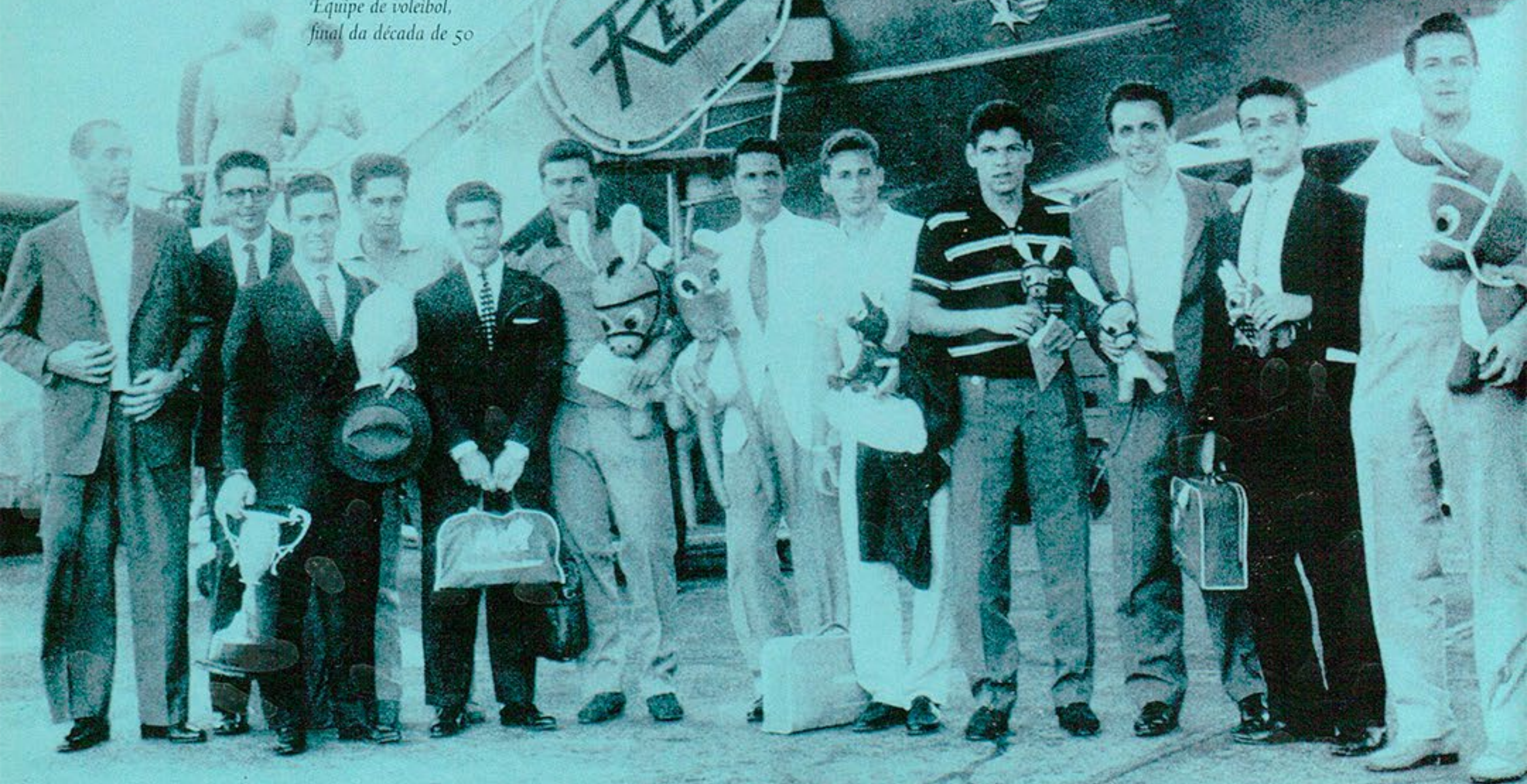
“Minha vida inteira foi ligada ao Paulistano”, lembram todos. Frase que se repete, refletindo a permanente simbiose sócio-clube. “Aqui vinha diariamente, desde os tempos de colégio, quando, depois das aulas, às cinco e meia, pegava dois bondes, o Santa Cecília e o Augusta, para jogar tênis com raquetes de madeira.” Essa recordação de infância de Roberto Arataný, comum a centenas de pessoas, remete a outra lembrança da vida adulta, ambas tendo o clube como referencial: inesquecíveis eram as segundas-feiras de carnaval, quando o salão superlotava, São Paulo inteira parecia participar. Nos dias que antecediam, telefonemas cruzavam-se em todas as direções, era gente e mais gente querendo ser convidada. Cada sócio tinha direito a levar uma pessoa. Arataný, sócio remido por mérito

esportivo, vem dos tempos em que a frequência diária era coisa de no máximo cem pessoas, formando uma grande família que, durante os jogos de tênis, sentava-se nas cadeiras de vime conversando, tomando chá ou aperitivos. Quando inauguraram a sede nova, em 1957, com o projeto moderno de Gregory Warchavchik, que assombrou, tão revolucionário era, alguns remanescentes da sede velha, sempre os mesmos, passaram a tomar seus aperitivos no bar, sempre na mesma mesa, que ganhou o apelido de Senado. Arataný tem um orgulho que reflete uma ocorrência comum no clube: várias gerações de uma só família formadas dentro do tênis e do Paulistano. Arataný, seu pai, as irmãs, a filha e os netos se sucederam, consolidando o espírito do CAP, modelando sua essência.

O espírito de cidadania

Chamado a uma salinha do clube, Álvaro Caira, muito jovem ainda, em início de carreira, recebeu severa repreensão do major Sylvio de Magalhães Padilha por ter xingado o juiz durante um jogo de vôlei. A repreensão calou forte. O suficiente para modificar seu temperamento obstinado e levá-lo à seleção brasileira. Caira foi da equipe que, em 1953, trouxe pela primeira vez para São Paulo o título de campeão brasileiro universitário. Disciplina, comportamento, empenho, seriedade, ética foram exigidos, uma vez que eram (e são) os princípios a nortear os atletas do Paulistano.

*Equipe de vôlei,
final da década de 50*

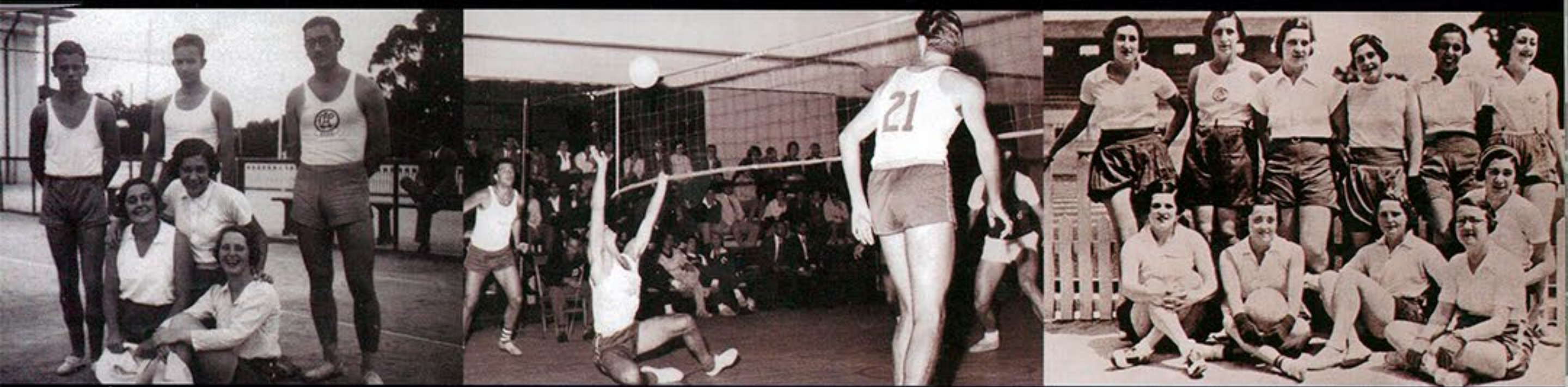




Voleibol, década 30

Voleibol, década de 60

Voleibol, 1934



Após a histórica "renúncia" ao futebol, o vôlei no Paulistano começou a ganhar fãs, até chegar à "hegemonia" conquistada pela geração de Celso Pinheiro Dória, Jorge de Almeida Bello, Roberto Pinheiro Dória, Durval Figueira, Francisco Miguel Cuoco. Essa hegemonia só foi quebrada quando o esporte se profissionalizou, na década de 70. Ainda assim, do clube saíram grandes jogadores para equipes profissionais, porque um dos objetivos do Paulistano é a prática e o apoio ao desenvolvimento do esporte. Os torneios funcionaram sempre com dois significados, o esportivo e o social, quando todos se relacionam e interagem com outros clubes. Apenas para compreender o mecanismo vigente na época: Álvaro era sócio militante, até que, em função dos títulos esportivos, foi elevado à categoria de sócio contribuinte. Depois, tornou-se sócio remido.

O velho ginásio, na esquina da rua Argentina com a Estados Unidos, a princípio lotava apenas nas finais. O vôlei demorou um pouco a empolgar, o público era diferente, a fase de sedução demandou quase duas décadas. Se hoje é praticamente o segundo esporte dos brasileiros, logo depois do futebol, naquela época era o 12º, 13º, algo assim. Caira confessa: "O Paulistano é um refúgio aconchegante. Aqui todo mundo sempre se aproxima. Sempre foi assim, desde os tempos da boatinha, do baile do 29 de dezembro, das festas juninas, do carnaval, tudo com muita procura, muita gente. Outro capítulo que diz respeito à essência é a dinâmica da renovação, a constante atualização, sintonizando o Paulistano com cada época, para não envelhecer, não ficar defasado.

Uma religião chamada

Paulistano

O carro do bebê ficava à sombra, ao lado da quadra, enquanto o casal jogava tênis. Assim, o garotinho foi ouvindo a batida da bola, até que essa batida passou a fazer parte de sua vida, seu coração. Ele cresceu jogando tênis. Sua mãe jogava vôlei no Dante Alighieri até se transferir para o Paulistano. Quando os treinos masculinos terminavam, entravam as mulheres. Olhares trocados entre moças e rapazes, e Marília começou a namorar Eugênio Silberberg. As turmas de vôlei eram unidas, saíam, estavam juntas todos os sábados, encontravam-se em festinhas. Seis anos depois, Marília e Eugênio se casaram e, ao longo da vida, foram acumulando campeonatos ganhos. Ela faleceu em 3 de janeiro de 2000, mas ainda viu seu clube entrar no centésimo ano.

Fábio, o bebê que adormecia com o ruído seco da bola na raquete, começou a treinar (eram vinte garotos na quadra, cada um batia bola cinco minutos), foi aluno do Lelé Fernandes, tinha Kirmair e Thomas Koch como modelos, cursou uma universidade americana e fez breve carreira internacional. Um dos muitos, pode-se dizer milhares, de esportistas formados no clube. Para eles todos, sempre foi uma alegria ganhar títulos pelo Paulistano, chegar aqui, ser reconhecidos. Isso os fazia querer melhorar, treinar mais, se destacar. O Paulistano sempre dividiu com a comunidade o que seus esportistas faziam e fazem. Todo mundo sabe de seus títulos, cartazes são espalhados pelo clube, surgem convites para almoços, homenagens.

Adriana dedicou-se ao voleibol. Cláudio, o segundo, também se dedicou ao tênis por um período. A família Silberberg não é atípica no Paulistano. Ela sintetiza uma das maneiras pelas quais o clube é vivenciado e interage com os sócios, compondo uma mística. Marília costumava assegurar: "Nossa vida toda foi estruturada aqui dentro, as crianças nasceram e cresceram nesta área do esporte e do social. O clube é nossa segunda casa".

Eugênio Silberberg ostenta uma lembrança que, para ele, vale mais do que medalha. Um momento significativo em sua vida, emocionante. Instante de simplicidade que representou tanto quanto o ouro olímpico: no primeiro jogo de vôlei do novo ginásio, ele deu o saque inaugural. O feito está congelado em sua memória, fotografia que jamais amarelece. Uma vez, Eugênio ficou assustado, porque o Volta Redonda, time da Siderúrgica, uma das primeiras equipes profissionalizadas do Brasil, ofereceu-lhe um Fusca zero e uma quantia mensal, cujo valor ele perdeu de vista, tantos zeros foram cortados pelos sucessivos planos econômicos. Logo a ele, que para ir ao clube usava bonde e ônibus! Não pensou duas vezes antes de recusar. Essa recusa é o segundo troféu que ele mantém na prateleira da memória. E que reforça a mística Paulistano.

Outra lembrança forte é a da união do grupo, cujas forças somadas superavam barreiras incríveis. Era a alma que energizava. O dinheiro, que pode dar força, mas não o espírito, não entrava em cena.



O vôlei foi uma atividade que se dinamizou muito nas últimas décadas. Está entre os esportes que mais tiveram modificações nas regras e condições de jogo, procurando aperfeiçoamento. O Paulistano acumulou títulos, e jogava tão bem que certos torneios, como o de Cambuquira, que reunia os melhores times do Brasil, chegavam a adiar suas datas se o CAP não pudesse comparecer. O profissionalismo começou a chegar na década de 70, ainda tênue, na forma de lanches, condução, escola ou faculdade. No entanto, as coisas foram num crescendo, porque em torno todos se profissionalizavam, o Brasil vivia outra época, a economia e o marketing passaram a reger todos os momentos de nossas vidas.



Testemunha das mudanças sociais

Garimpando, podem-se encontrar detalhes significativos que mostram a evolução dos tempos e, principalmente, as conquistas das mulheres. O clube vivenciou as transformações sociais da cidade e do país. Os exames médicos, obrigatórios em piscinas, foram instituídos por decreto de 1939 e implantados no Paulistano a partir de 1940. O curioso era que a "medida não encontrava, a princípio, repercussão favorável mesmo entre os indivíduos sãos", comentava a *Revista do Paulistano* em novembro de 1950. O médico José Taliberti, responsável pelos exames, salientava um detalhe curioso: "o óbice máximo em que esbarra o controle médico das piscinas é, sem dúvida, o exame completo e eficaz das representantes do sexo feminino. A prática rigorosa do exame médico levaria, em relação às mulheres, a exigências tais que o afastamento das mesmas seria a consequência natural de tal atitude. O exame por nós posto em prática atende perfeitamente aos interesses coletivo e individual, pois é feito comparecendo as candidatas vestidas de roupa de banho, isto é, nas condições em que habitualmente se apresentam nas piscinas, e nada tem de vexatório".

Em fevereiro de 1957, um cronista bem-humorado, que se refugiou sob o pseudônimo Beldroegas, narrou um dia à beira da piscina. Ali se reuniam campeões de conversação.

"A piscina é uma festa para aquele que é vivo e enxérga loné, ao ver de perto (bem perto) as beldades formosas que por ali desfilam de maiô, pois o biquíni é proibido. O que constitui verdadeira lástima... A piscina do clube, no verão, é local de reunião, ponto de encontro, lugar de namoro, de *flirt*, de gozação. As únicas pessoas que brincam ou nadam são as crianças... Desnecessário é o exame médico, pois ninguém pretende nadar, a não ser nos domingos e feriados, quando a piscina está calma, com pouca gente e muito espaço..."

Piscina, década de 50



Em 1957, fazia uns dez anos que o biquíni tinha sido lançado no mundo, provocando escândalo, sendo logo adotado pelas mulheres, que se tornavam cada vez mais independentes, liberando os corpos. No entanto, em São Paulo, biquíni ainda era coisa de vedete do teatro de revista e, portanto, não era recomendável a jovens de boa família.



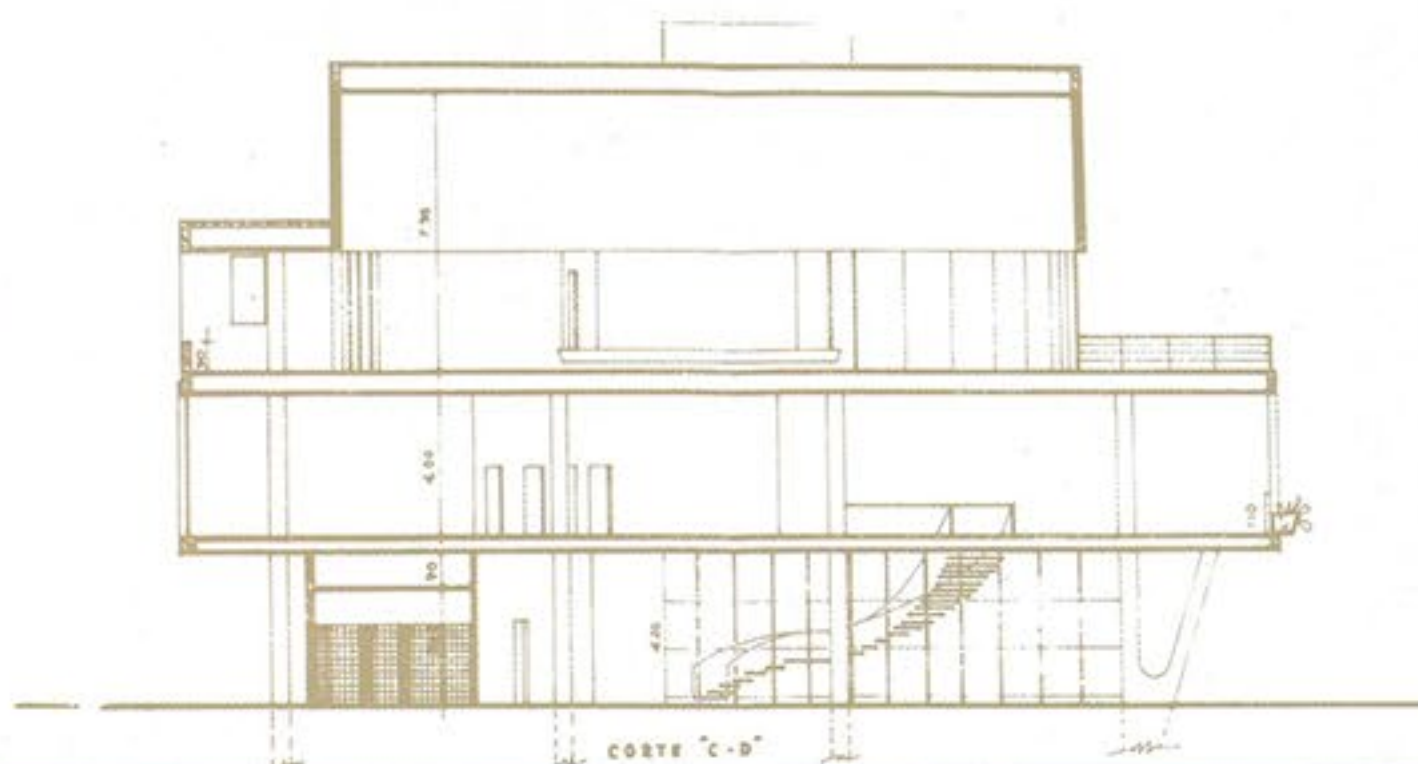


Festa de inauguração da nova sede social, 1957

Arquitetura da modernidade

O cronista era modesto. Confessava "não encontrar os vocábulos exatos para se expressar a respeito da grandiosidade da nova sede". A nova sede. Corria 1957, e o comentário único era a nova sede do clube. O Paulistano foi sempre marcado por etapas, e aquela era uma delas, fundamental.

Projeto arquitetônico para a nova sede (corte)



ARQUITETO



Nova sede, 1958

Croquis do ginásio Antônio Prado Júnior

A cada época, torna-se necessária a reciclagem, o atualizar-se. A revista *Habitat*, naquele momento a mais importante publicação de arquitetura do Brasil, dedicou longo artigo a essa nova sede, cujo projeto foi do luminar Gregory Warchavchick, o revolucionário. O clube foi definido como "uma das obras mais características da arquitetura paulistana, para uso coletivo [...] instante que é também o limite extremo de uma concepção justa, equilibrada, cheia de nobreza e grandeza, sem recorrer aos artifícios de uma composição visando a originalidade a qualquer preço".

Ginásio, prêmio na Bienal



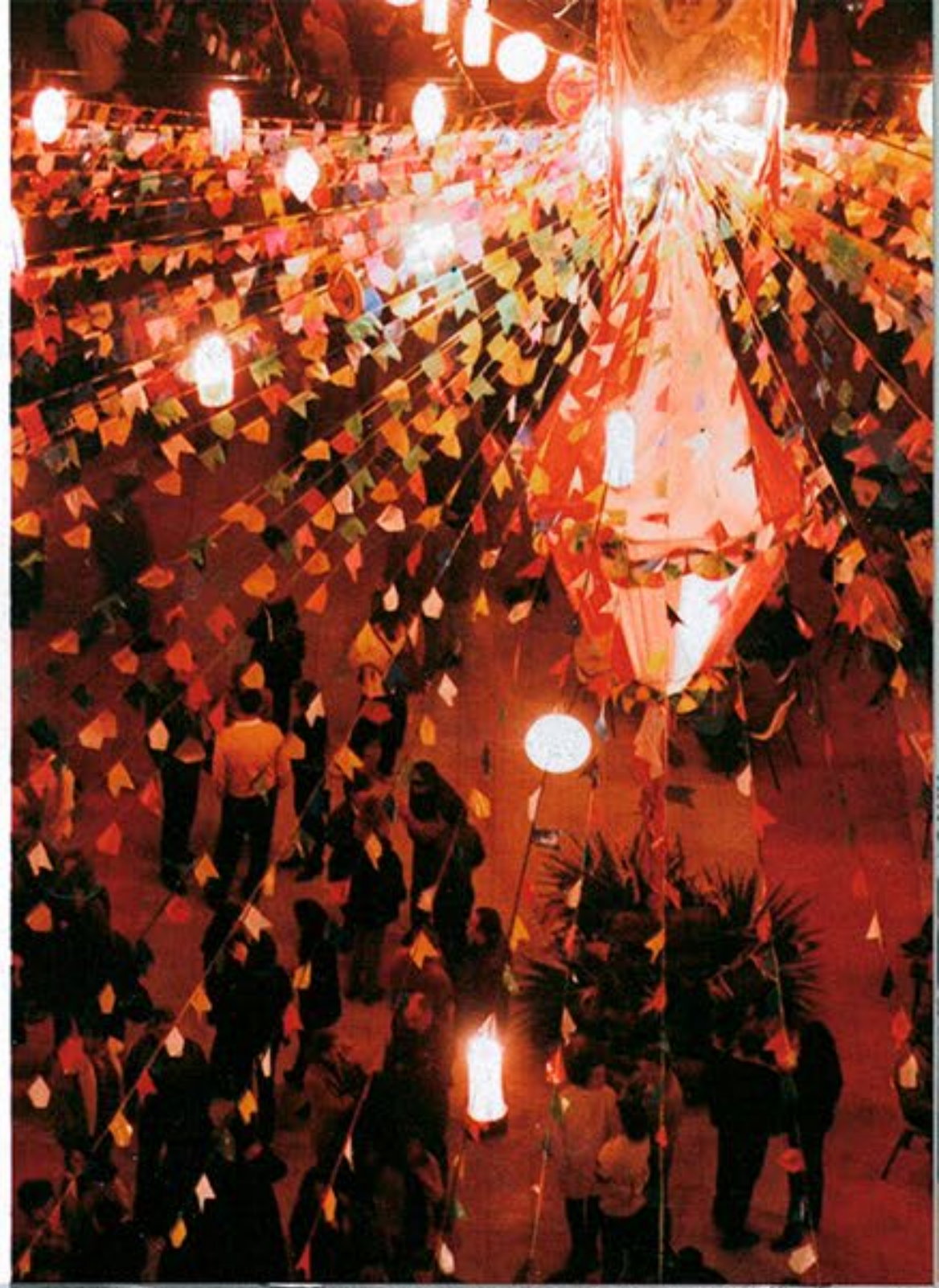
Interior do ginásio, década de 60

Em dezembro de 1961, a revista *Acrópole*, especializada em arquitetura, publicou fotos do ginásio (projeto de Paulo Mendes da Rocha e João E. de Gennaro) com o parecer do júri da Bienal:

O Júri considera que este edifício se destaca grandemente pela simplicidade de soluções, engenhosidade de estrutura e beleza plástica. [...] Apesar de ocupar uma extensa área, o edifício é de uma grande leveza. A marquise circular, elemento principal da cobertura, pousa levemente sobre a plataforma retangular, na qual estão localizadas as dependências complementares. É perfeita a fusão arquitetônica desses elementos [...] um magnífico todo arquitetural, onde se integram perfeitamente os espaços interiores e exteriores.



Festa junina, 1998



Lembranças de bailes e festas

Carnaval, carro alegórico, década de 10



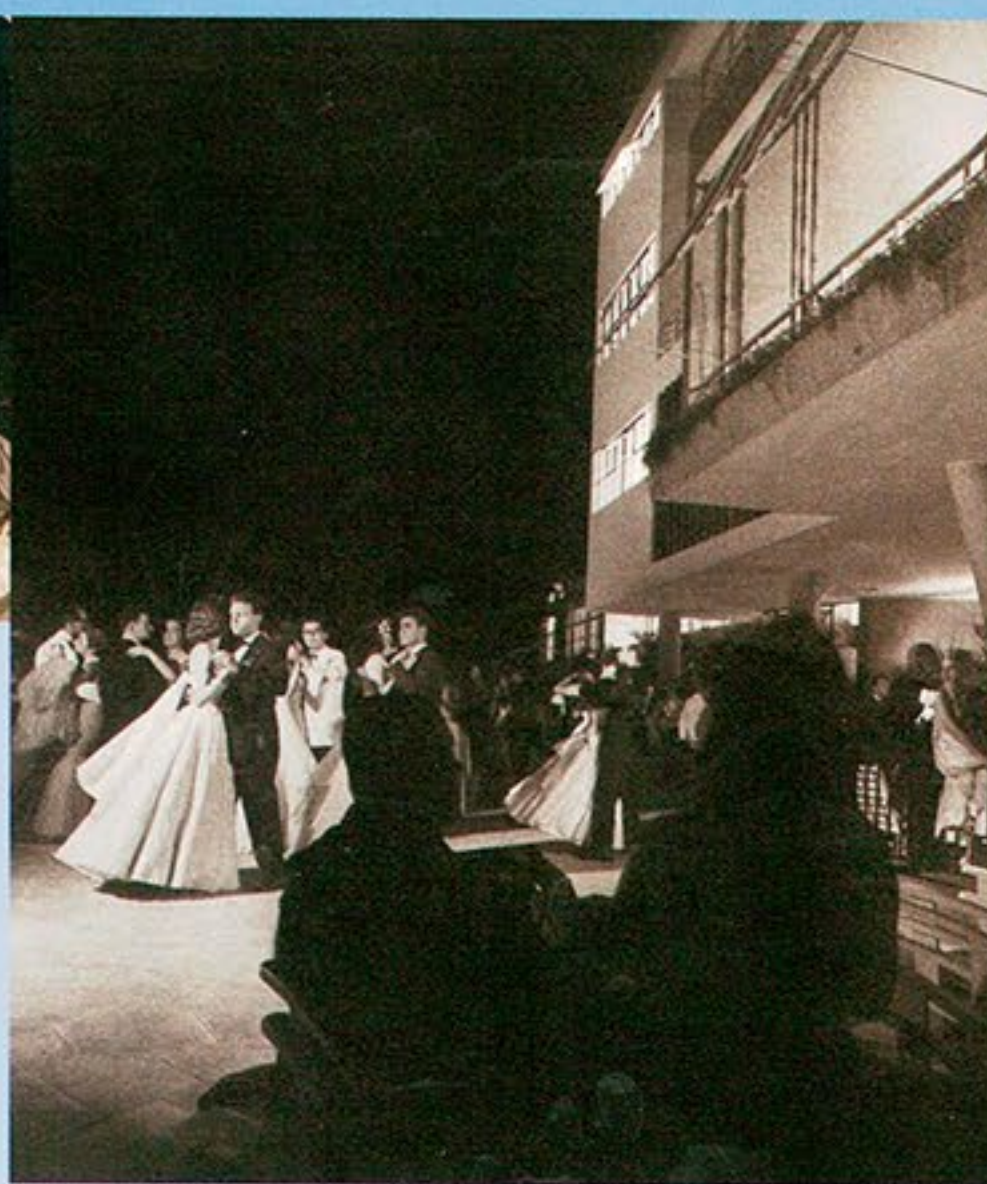
Carnaval, década de 50

Festa junina, 1968



Carnaval, 1988

Mathilde, a encarregada da rouparia, lavanderia e vestiário feminino, começou no clube em 1956, ainda na sede velha, e sua função era controlar o exame médico para a piscina. Sem ele, ninguém passava, por mais que se considerasse importante. Apesar do grande número de funcionários (cerca de cem), havia remanejamento de funções, de maneira que, às vezes, Mathilde ia servir na chapelaria, nas festas ou bailes. Ficava assombrada com a quantidade de estolas de pele que lhe eram entregues. "Foi uma época de grande gala, vestia-se rigor para tudo. Hoje, as coisas são menos formais, a vida é mais solta." Seu trabalho sintetiza o esforço de infra-estrutura e a presença de uma verdadeira legião de pessoas anônimas das quais o clube depende para funcionar.



Mathilde adorava ser designada também para os eventos. Lembra-se de uma vez em que o concerto devia começar e o pianista ainda não tinha chegado, foi um sufoco. Outra, num desfile de modas do estilista (profissão que na época se chamava costureiro) Jacques Heim, em 1958, ela teve de se comunicar dificultosamente com os franceses por meio de mímica. Mesmo assim, nenhum deslize, cada manequim entrou com a roupa certa, na hora exata. Comove-se ao lembrar do breve convívio com Roberto Carlos e Sérgio Endriço, na noite em que ambos cantaram juntos. Os artistas, simples, não fizeram nenhuma exigência descabida.

Em sua memória, uma das festas mais bonitas do clube foi o Baile da Ilha Fiscal, com a réplica do palácio, um barco ancorado na piscina e as pessoas a caráter, como se vivessem no final do século XIX. Nessa noite, Guiomar Novaes tocou o *Hino nacional*, de Gottschalk. Mathilde gravou na memória a conversa de uma senhora que contava que, no baile verdadeiro, em 1889, d. Pedro II teria tropeçado e murmurado: "Eu posso cair, o Império, não". No dia seguinte, o Império caiu.

Mathilde não chegou a conhecer Antônio Prado Júnior, mas conheceu seu genro, Eduardo Ramos, que tinha o hábito de entrar no clube, olhar e dizer: "Aquele sofá está fora de lugar, tem um quadro torto ali, o abajur está com a lâmpada queimada".

Acompanhando a evolução da história, ela serviu no Recanto Infantil e trabalhou com crianças que hoje têm cinquenta anos. Era um tempo em que a meninada ficava solta, percorria o clube, por onde quisesse. Na hora de chegarem os pais, saíam todos afobados, correndo, procurando seus pais e suas mães. Hoje, o Recanto Infantil mantém uma horta cuidada pelas crianças, num programa que já vai educando para as noções de meio ambiente. Aliás, o Paulistano foi dos primeiros a convidar especialistas para falarem do tema: em 1978, ali estiveram Augusto Ruschi, Orlando Villas Boas e Mário Autuori.



Festa "noite italiana", 1998

Em dezembro de 1970, Mathilde viu serem inaugurados dez retratos de presidentes do clube. Dez anos mais tarde, ali estava quando do grande banquete para seiscentas pessoas, ocasião em que o poeta Paulo Bonfim declamou o seu poema *Oitenta anos de glória*. Mathilde sorri ao lembrar que o cardápio foi bem-humorado: alcachofra à Paulistano, brochette de frango à veteranos, cassata à alvirrubro.

Ela serviu no cinema, que, até meados dos anos 70, era apenas o salão de festas, escurecido por cortinas negras. A sala, que agora conta com 435 poltronas, ar condicionado e projeção perfeita, sempre teve boa frequência, a ponto de hoje filmes serem lançados ali ao mesmo tempo que nas grandes redes.

Viveu junto a artistas consagrados do teatro, quando as apresentações eram no salão de festas do segundo andar da sede social. E confessa que aprendeu muito ouvindo conferências e palestras. Na memória, o trabalho cultural criado e desenvolvido por Ubirajara Martins de Souza, sempre programando eventos, debates, balé, teatro, saraus. Foi o Paulistano quem surpreendeu revelando que o empresário Omar Fontana, líder da Transbrasil, era também compositor. E no clube, numa noite de 1986, o mundo publicitário esteve reunido para a exibição do Clio Awards, um dos prêmios mais cobiçados do mundo no setor.

Assistiu ao balé Stagium, ao grupo de Merce Cunningham e ao Cisne Negro, cujo bailado *Além da pele*, montado por Patrick Delacroix, foi apresentado uma única vez no Brasil – no Paulistano.

Aqui, Mathilde (que simboliza a visão dos funcionários todos) ouviu a Orquestra Sinfônica do Estado, a Orquestra Municipal, ouviu Cole Porter e Irving Berlin na voz de Luiza Sawaia com o piano de Marina Brandão, ouviu Chopin, Bach e Beethoven interpretados pelo pianista Nelson Freire, Liszt por Arthur Moreira Lima, Bach por Jacques Klein. Estava presente quando o maestro e compositor Souza Lima lançou seu *long play*, após quarenta anos longe das gravações. Sentiu arrepios com o piano de Gilberto Tinetti, emoção quando Amaral Vieira tocou Liszt e Marcelo Bratke se debruçou sobre Mozart, Prokofieff e Chopin. Aplaudiu Antonieta Rudge, Vicky Adler, Camargo Guarnieri.

Sempre que havia exposição, Mathilde arranjava jeito de dar uma fugida, estivesse onde estivesse, para olhar obras de Grassman, Djanira (mostra ocorrida em 1969), Aldemir Martins, Yu Nakamura, Kamps, Magdalena Rozanska, Nelson Godoy, Occhi, Claudio Tozzi, Ivald Granato, Becheroni, Penacchi, Bonadei, Clóvis Graciano, Brecheret.

O último baile de debutantes

Cada debutante, iluminada por um spot, entrava no salão para dançar a valsa com o pai. Momento máximo, ela se transformava em estrela por uma noite. As adolescentes, com quinze anos, eram apresentadas à sociedade, e o baile era notícia, enchia páginas e páginas da *Folha de S. Paulo*, num suplemento devorado com a mesma avidez com que hoje se devoram as revistas que falam de gente e do social. Tavares de Miranda, o colunista que mais intimamente esteve ligado ao clube, antecipou com sua cobertura dominical a imprensa que se dedica hoje às vidas, intimidades, casas e festas da elite e dos famosos. O baile de debutantes era um acontecimento muito aguardado, que animava mães e filhas, irmãs e primas, movimentava estilistas de uma moda nacional incipiente, costureiras que serviam a elite, para nem falarmos das que iam à Europa buscar os vestidos.



Tavares de Miranda junto às debutantes, 1966

As grandes orquestras, muito disputadas, eram programadas com enorme antecedência, para garantir exclusividade: Simonetti, Tabajara, Sílvio Mazuca, Severino Araújo, Românticos de Cuba, Ruy Rey, Bené Nunes (o músico favorito de Juscelino Kubitschek).

Não era incomum ver gente esperar a chegada das debutantes diante da entrada do clube. Da década de 60 à de 70, o baile de debutantes do Paulistano marcava o ano, num tempo em que em São Paulo se vivia no limite do provinciano, época de inocência, menos veloz, da qual se passou à civilização industrial e ao urbanismo desenfreado, quando a festa perdeu a razão de ser. As lembranças evocam debutantes que participavam freneticamente, com pais ansiosos, querendo que suas filhas fossem as mais fotografadas, as mais bonitas, se possível eleitas a rainha do baile, da mesma forma que nos torneios esportivos as famílias se postam à beira do campo, torcendo pelos garotinhos, "Vai, filho! Vai nessa que é sua!". No entanto, o mundo e o Brasil passaram por transformações radicais, política e economia dominaram tudo, os problemas sociais se exacerbaram. Chegou um momento em que o Paulistano compreendeu que o baile de debutantes era anacrônico. E, estando o clube sempre sintonizado com a contemporaneidade, tomou-se a decisão. Os bailes de debutantes foram eliminados do calendário. Até as jovens, que já viviam a era do rock, pop, funk, MPB, não se entusiasmavam mais com a "primeira grande valsa". Foi uma coisa bonita que terminou sem nostalgia ou dor. Na verdade, refletia uma São Paulo que não existia mais, devorada pela história.

Chuva de bolas brancas e vermelhas

No final do ano, duas grandes festas exigiam fôlego dobrado. Era quase sair de uma, trocar roupa e voltar: o baile do Vermelho e Branco, no dia 29 de dezembro, e o Réveillon, no dia 31. O primeiro era uma festa no térreo, dançava-se num tablado, contratava-se uma grande orquestra, um cantor de fama, todos iam de branco e vermelho. O último baile realizado na sede antiga foi em 29 de dezembro de 1956 e chamou-se Baile da Despedida. Em 31 de dezembro, o ar solene do jantar mudava à meia-noite,



Réveillon, 2000

quando explodia uma chuva de bolas brancas e vermelhas, dando o grito de carnaval. Um dia, ao perceber que muitos saíam do Réveillon para o *breakfast* nos hotéis, costume que surgiu em São Paulo em meados dos anos 70, o clube decidiu criar seu próprio café da manhã, a partir de quatro horas, assim que o baile terminava. Quer dizer, as pessoas continuavam por ali, amanheciam o ano dentro do Paulistano, viam o sol nascer, dourando a piscina e refletindo-se nas bolas vermelhas e brancas que flutuavam pelos jardins.



Quem nunca foi ao mingau?

Todos nós, adolescentes e jovens, fomos ao menos uma vez ao mingau, a brincadeira dançante que acontece nas manhãs ou nos finais de noite de domingo. Mas quantos imaginaram que esse bailinho animado, momento da paquera, do contemplar a amada, do divertir-se, nasceu no Paulistano? Uma das inovações de lazer efetuadas pelo clube foi a criação, décadas atrás, do "mingau" (que teve também o apelido "boateca"), voltado para os bem jovens, que se viam sem muito espaço. O mingau acabou difundido por todo o Brasil, e a denominação carinhosa tornou-se parte da linguagem coloquial. O mingau para jovens é hoje o Sundance, aos domingos, para jovens entre onze e quinze anos, com DJ, telão, superiluminação. Para os adultos e a terceira idade, tem o nome poético de Sunset Hour e é dos mais animados. Aliás, os idosos ganharam o curso Idade de Ouro, sob o lema "Não me canso, não adoço e não envelheço".

Acreditando, a voz aparece

As pessoas ficavam surpresas: "Cantar em coral? Eu? Não tenho voz". Ficavam mais surpresas quando o maestro respondia: "Eu também não tenho ouvido". O regente passava os dias dentro do clube, procurando montar seu conjunto. Mas não parecia animado. Tudo começara semanas antes, numa tarde de 1962 em que Diógo Pacheco, ao sair da piscina, foi chamado pelo presidente. "Você acha que pode montar um coral aqui no clube? Um bom coral." Diógo coçou a cabeça e disse: "Claro que posso". Abertos os testes, apareceram uns candidatos simpáticos, mas não era por aí, era preciso fazer alguma coisa, conquistar os jovens, formar um conjunto atraente. Lembrou-se então de um jovem bonito, namorador, dono de bela voz, ídolo das mulheres. Ele atrairia a juventude. Montou-se a isca. "Olha, se você, com essa voz poderosa, entrar para o coral, o pessoal vai pensar: 'Se ele está lá, também posso.'" O rapaz topou, e os outros foram atrás, atraíram as moças, havia mulheres lindíssimas. Os testes eram fáceis, o maestro pedia apenas que a pessoa dissesse bom-dia. Identificava um tenor, uma soprano. Demonstrou-se que qualquer um podia cantar no coro, e "aquele acabou sendo um conjunto maravilhoso", acentua Pacheco. Claro que também havia gente madura, mais velha. Em dois meses, o Coral do CAP estava cantando em espanhol, inglês, francês, italiano. Inaugurou o teatro da Aliança Francesa; interpretou Bach e outros compositores difíceis até para profissionais; apresentou-se no Teatro Municipal. Cantou música renascentista e folclore americano e brasileiro no célebre João Sebastião Bar, o reduto da bossa-nova. Os

Encontro de corais, 1999



Coral do clube, década de 70



ensaios eram aos sábados, as pessoas chegavam bem antes da hora, traziam um uisquinho, refrigerantes, salgadinhos, a música provocava alegria, descontração, todos cantavam com prazer, ninguém faltava. O Coral teve certa duração e se extinguiu, renovando-se a partir de 1994, sob regência do maestro Denner Datti. Em fevereiro de 1997, Datti foi substituído pelo maestro Marco Antônio Bernardo. O Coral passou a ter cinquenta vozes e apresentou-se, em 1998, no Teatro Municipal, com regência de Samuel Kerr.

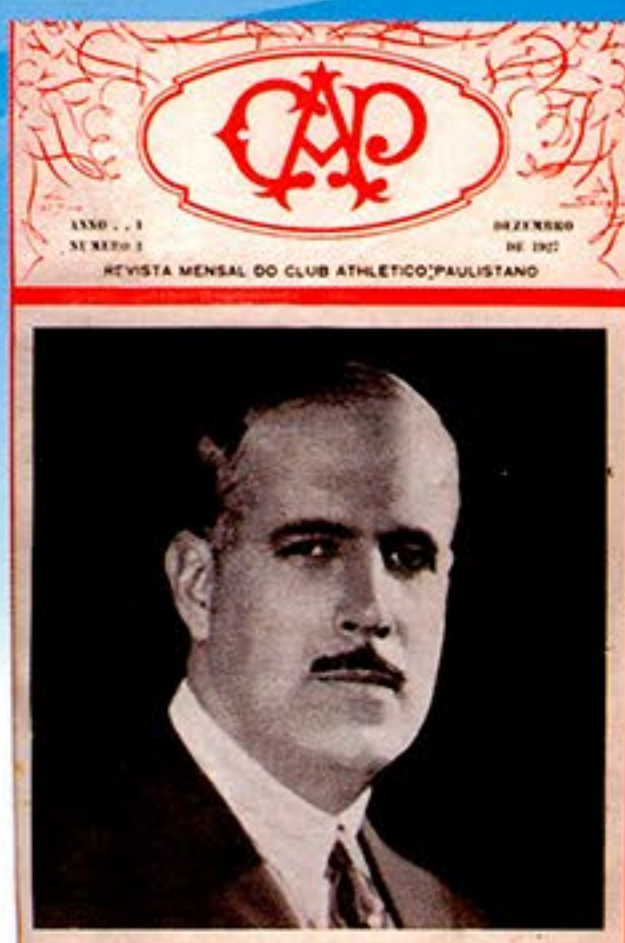
Apresentação do coral, 1999



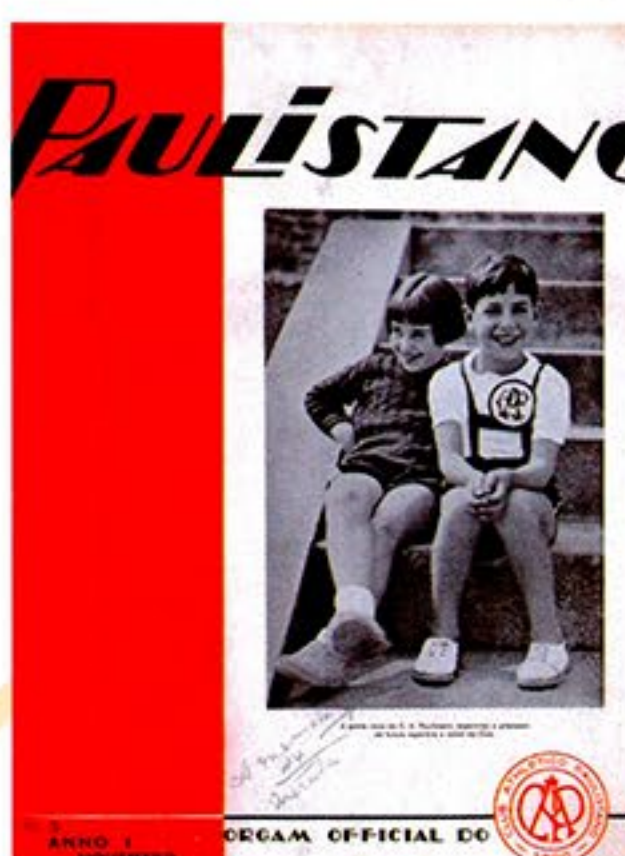
Pré-história da assessoria de imprensa

Todas as manhãs, ao abrir os jornais, o leitor deparava com um noticiário completo sobre jogos, competições, participações em torneios ou viagens do Paulistano. Os jornais eram alimentados por um jovem que começou no clube aos quinze anos de idade, levado por um primo, também funcionário. A Hélio Poiani cabia uma função especial, a de alimentar os jornais com os resultados dos jogos ou competições em que o Paulistano tomava parte. Iniciava-se no CAP a atividade que, no futuro, ganharia o nome de assessoria de imprensa, imprescindível a qualquer clube ou empresa. Outro pioneirismo do Paulistano. Num papel, eram colocados os resultados atlético-esportivos, distribuídos aos jornais duas horas depois. Percorria-se a cidade de bonde e ônibus. As redações ficavam relativamente próximas, no centro de São Paulo. Entregavam-se pessoalmente nas mãos dos editores os boletins que informavam também tudo o que aconteceria no clube nos dias seguintes. Pré-história do marketing junto à mídia e dos *releases* que as redações atuais recebem em avalanche.

História vivida



Capa de revista do clube, 1927



1934



2000

Poiani, que hoje é assistente-geral de diretoria, foi testemunha de episódios históricos. Sentiu-se triste quando as equipes de vôlei e basquete foram "congeladas" por alguns anos, tendo as inscrições trancadas na Federação. Viu quando o arquiteto Warchavchik, um dos pais do modernismo, foi chamado, entre 1947 e 1948, para desenhar o projeto da nova sede. Naquela altura, o Paulistano, ostentando 4703 sócios (com os familiares, chegava-se aos 9 mil), não "cabia" na acanhada e térrea sede velha. Poiani contemplou a bola de futebol de um jogo em que Friedenreich dera o pontapé inicial ser colocada na cápsula do tempo que, hoje, se encontra nas fundações. Esteve presente quando a primeira estaca foi batida no cinquentenário do clube, 29 de dezembro de 1950. No baile daquela noite, os que dançavam fox, boleros, baiões já tinham ouvido as orquestras tocarem valsas, polcas e mazurcas naquele mesmo salão.

Preocupação Social

Na gripe espanhola o clube se mobilizou, transformando-se até em hospital, atendendo à população. Em 1932, apoiou a causa paulistana nos noventa dias de conflito. Durante a Segunda Grande Guerra, instalou em sua sede um posto de inscrição da LBA e um posto de comando para exercícios de defesa passiva antiaérea, abrangendo todo o bairro. Dessa forma, a tradição de trabalhar com a cidade acabou se exercendo ao longo dos anos. Cidade que cresceu, abraçou o clube completamente e foi ganhando mais e mais problemas. Gerações se sucederam presenciando momentos que mostraram a preocupação social do Paulistano, como o estabelecimento, em 1956, do Serviço de Assistência Para as Famílias dos Empregados; a formação, em 1958, do Serviço de Voluntárias, destinado a percorrer hospitais e bairros pobres



1999

e levantar fundos para organizações de caridade menos conhecidas; a participação nas Feiras da Bondade, em benefício da Apae; a arregimentação das mulheres em prol da Campanha Contra o Câncer, de dona Carmem Prudente; os recitais beneficentes pela construção da Creche da Sociedade de Amparo Fraternal Casa do Caminho; a realização de bazares da Sociedade Pestalozzi e do bazar de brinquedos estrangeiros para a Cruzada Pró-Infância; e a mobilização permanente pela Campanha do Agasalho, no inverno, quando os sócios saem em carreata pelo bairro, buscando doações. Instantes de afirmação de cidadania.



1998

Remo, uma vítima da cidade

No pátio da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Bayard topou com Renato Negrini, estudante de direito. Todo entusiasmo, foi direto ao assunto: "Olha! O Paulistano abriu o remo! Vamos fazer testes?" Chegaram à Raia Olímpica e encontraram Hércules Santos, que voltara de uma Olimpíada como remador e estava de tal maneira animado que contaminou os dois. A Raia, construída no campus da Universidade de São Paulo, passara a concentrar as atividades do remo depois que a poluição do Tietê transformou o rio em esgoto a céu aberto. Logo, o CAP (cujo remo fora instituído em 1973) e outros clubes ocuparam os galpões para abrigar os barcos. A Raia era um fluxo de água cristalina, circulando e recirculando por 2080 metros de comprimento e cem de largura. A *Revista do Paulistano*, julho de 1989, revela que nessa água "viviam diversas espécies de peixe e até caranqueijos. Não raramente, bando de garças fazia pouso às margens, fugindo da loucura da metrópole que se agigantava a poucos passos dali. Era nesse ambiente, sadio também no dia-a-dia dos personagens que o habitam, que conviviam e forjavam seu caráter os frequentadores do remo do Paulistano: duzentos atletas em nível de competição e mais um número de sócios inscritos nas categorias Iniciantes e Estreantes, variável entre duzentos e trezentos, conforme a temporada".

O Paulistano dava o barco, a garagem, oferecia vestiário, e, para Negrini, "foi um período em que o remo no Brasil se mostrou muito forte, ganhando medalhas de ouro".

Selecionadas ao acaso, muitas dessas histórias acabaram tendo um denominador comum, repassando momentos diferentes, iluminando fragmentariamente a vida do clube. Aqui e ali, mostram como os esportes evoluíram na segunda metade do século. Mudando à medida que mudava a história da cidade. No remo, tais transformações tiveram uma testemunha participante, Renato Negrini, que no início viveu a relação com o Paulistano de modo diverso. Sua mãe, Orlanda Bazzali Negrini, jogou vôlei, e depois basquete, pelo clube. Chegou a jogar grávida. Quando se casou, o marido, que era sócio do Pinheiros e do Banespa, não quis o título do Paulistano. Mas a vida deu suas voltas, e o pai de Renato acabou sócio de um presidente do clube, Luiz Ferraz do Amaral, que o convenceu a "seguir a mesma religião". Quando isso aconteceu, em 1968, Renato tinha quinze anos e começou a jogar basquete, gene herdado da mãe. O time era fraco, estava em curso uma operação para erguer o esporte, trouxeram jogadores de outros clubes. Eram os militantes, norma usual. No time, o único sócio era ele. Foi então que, em 1973, Negrini descobriu o remo, em cuja modalidade o Paulistano surpreendeu em 1984, enviando dois atletas para a Olimpíada de Los Angeles, rompendo um tabu de 48 anos. Desde Berlim, em 1936, nenhum remador treinado em São Paulo participara de uma Olimpíada.



Instrução de remo, década de 70

Para um jovem, fica difícil estar na raia às cinco da manhã, treinar até as sete, chegar à faculdade às oito. Não dá tempo, o trânsito é congestionado, a vida na cidade ficou maluca. O equipamento é caro, os clubes estão cortando os "exaúeros". Antigamente, treinava-se no rio Tietê, mas, quando a poluição impossibilitou o esporte e ele passou para a Raia, aconteceu uma seleção, diminuíram os praticantes. A própria cidade acabou engolindo o remo. Os remadores lamentam: "É uma pena, é um esporte bonito", e apontam para o prestígio que tem na Inglaterra. A rainha é quem entrega as medalhas aos vencedores. Em dia de regata, ela

tira os sapatos e molha os pés. Não dá para desenvolver a modalidade apenas com os sócios, todos têm outras atividades, fica impossível exigir dedicação total. Mesmo assim, são oitenta sócios remadores, a partir dos treze anos de idade. No momento, as atenções estão voltadas para os jovens, aposta-se neles, procurando formar outras gerações, moldando o futuro. A flotilha do CAP é das mais modernas do Brasil, são quarenta barcos de fibra de carbono, importados da Inglaterra e Argentina. Os remos são americanos, mais leves, duráveis, com melhor hidrodinâmica.

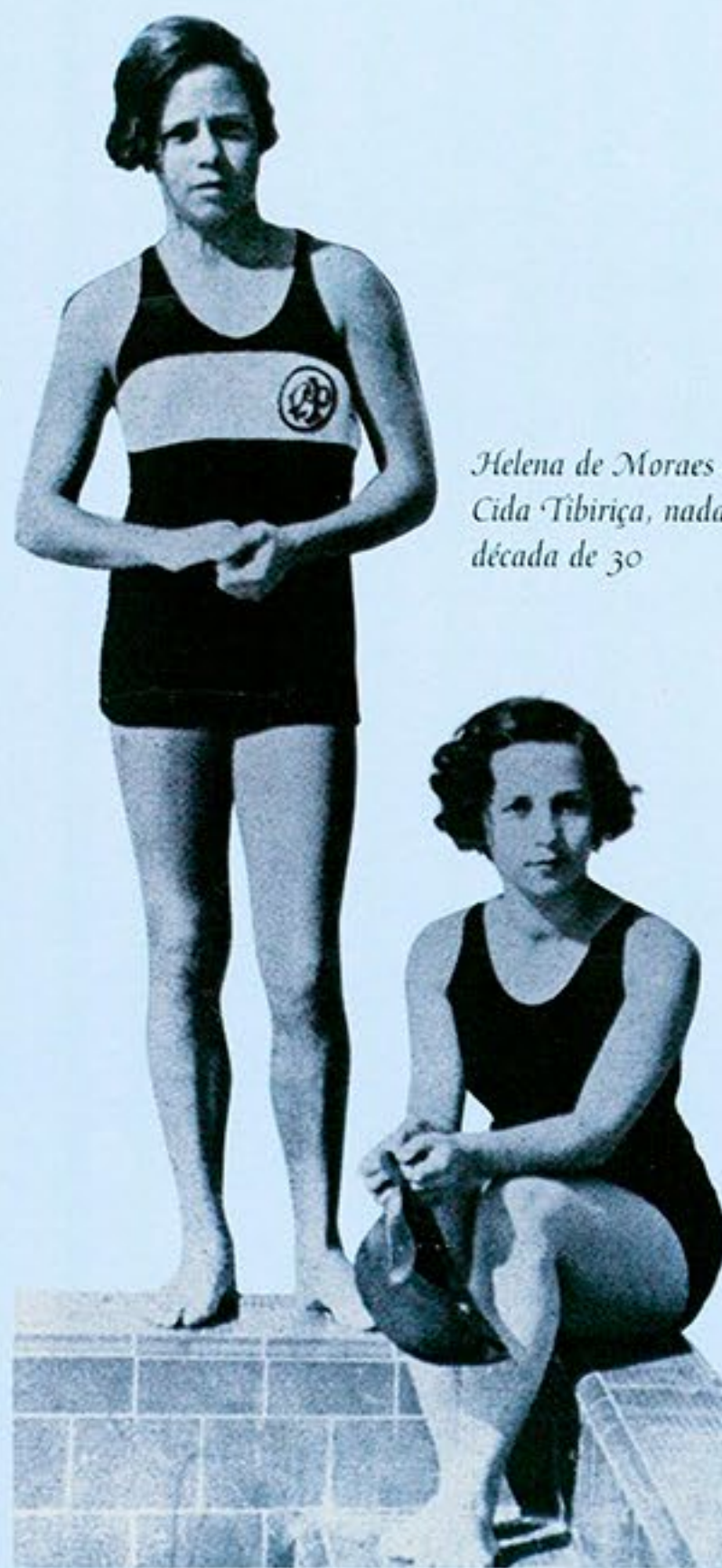


Treino na Raia da USP, década de 70

O pioneirismo sempre teve sabor

Alimentação balanceada, ideal para atletas. Nadadores com os pêlos do corpo raspados para deslizar mais velozmente na água. Equipes uniformizadas. Mais três pioneirismos que podem ser creditados ao Paulistano. Fazem parte do que vimos chamando de essência. No final dos anos 50, havia dois treinadores de natação, Menori e Sacai Make, um ex-peixe-voador (apelido dado aos nadadores muito velozes), cada qual com seu método, cheios de divergências, um "odiando o outro", mas se complementando admiravelmente. Menori, psicólogo nato, chegava e reunia todos a sua volta, na piscina antiga, contando histórias e mais histórias. Quando via todo mundo sossegado e relaxado, dizia: "Bom, vamos treinar". Assim, formou-se uma equipe com perfeito entrosamento, aglutinada. O outro, Sacai, quarenta anos atrás, adiantado no tempo, foi dos primeiros a instituir uma dieta saudável.

Farid Zablith viveu sua vida dentro da água no Paulistano, desde que se conscientizou de que "não era o melhor, nem o bom", e de que era preciso treinar muito, o tempo inteiro. O clube era o quintal da sua casa e nas férias passava o dia aqui, praticava todos os esportes.



*Helena de Moraes Salles e
Cida Tibiriça, nadadoras,
década de 30*

Muitas gerações do Paulistano viveram a natação sem patrocínio, como quase tudo. "Patrocínio", como se dizia. Os anos 60 foram uma linha divisória, com a "importação" de tecnologias de treinamento. Da Austrália veio o método de nadar 12 mil metros por dia, em vez de apenas 4 mil, e fazer treinamento intensivo fora da piscina, com ginásticas que utilizavam exclusivamente o peso do corpo. Mais tarde, segundo os nadadores, foi uma pena terem abandonado o trabalho com as categorias de base, trabalho que agora vem sendo retomado, é o esporte para o futuro.

Ao receberem os filhos que regressavam da Olimpíada de Roma, em setembro de 1960, os pais dos nadadores levaram um susto: os jovens não tinham um só pêlo no corpo. Toda a equipe desceu raspada. Tinha descoberto que os australianos se depilavam e, com isso, ganhavam velocidade na água. Tudo ficou em segredo, até a primeira competição no Brasil. A equipe do Paulistano apareceu "depilada" e causou sensação. Dali em diante, na véspera das competições, a barbearia do clube era fechada e o barbeiro ia para os vestiários com pincel, sabão e navalha e raspava os nadadores. A princípio, foi duro

agüentar as gozações, foram chamados de bichas, mas, quando os outros viram os resultados, a moda pegou. Muitas vezes, cada um se depilava sozinho, e era comum ver nadador com cortes nas pernas e virilhas. Ainda não existiam os aparelhos descartáveis, eram as velhas lâminas azuis. Hoje, maiôs que vão até os joelhos, fabricados com materiais especiais, facilitam o rápido deslizamento na água.

No início dos anos 60, havia uma famosa travessia Ilhabela-Caraçatuba, e um dia, quando todos estavam debaixo do chuveiro, foram provocados por um nadador que adorava competições em mar aberto: "Como é? Nadar em piscina é fácil. Coisa de maricas. Na piscina, a água é calma, não tem maré contra, não tem tem-

poral, você pode ver a risca debaixo da água". A turma da piscina aceitou o desafio (apostaram uma Coca-Cola), e cinco nadadores chegaram à ilha na véspera da competição. Foram recebidos na praia com a exibição, ostensivamente atemorizadora, de 38 cações que tinham sido "caçados", como eles diziam, bem ali em frente. Todo mundo ficou ressabiado, mas dezoito competidores entraram na água. Só quatro terminaram. Os nadadores seguiam o barco-guia e tomavam chocolate quente de tempos em tempos, para reanimar e aquecer o corpo. Nada dos energéticos de hoje. Minutos depois de terminada a prova, aportou um barquinho, e o pescador mostrou um peixe enorme: "Olha, moço, acabamos de pescar!" Era um tubarão de dois metros de comprimento. Todos devem ter cruzado com ele, era peixe por todo o lado.



Competição de natação, década de 60

A equipe do Paulistano era a única, dentre os clubes, que viajava inteiramente uniformizada para as competições. Cada atleta tinha seu agasalho, e as toalhas traziam um cavalo-marinho como logotipo. Viajavam em ônibus fretado e, se a prova fosse mais longe, iam de avião. Muitas vezes, as famílias se deslocavam junto para torcer. As mães, principalmente as das atletas, eram apelidadas de "tias" da natação, formavam um grupo de senhoras preocupadas com a educação dos jovens. Dançar fazia parte dessa educação, e as aulas eram nas casas, para amolecer cinturas duras. Farid: "Todo mundo queria, primeiro, ganhar do Paulistano. Depois, aderir ao Paulistano ou participar dele".



Sr. Orlando e Fernando Nabuco, 1958



Da esquerda para a direita: Norio Ohata, Igai, Fernando Nabuco, Farid Zablith, Antônio Celso Guimarães e Luiz Fernando Parreiras, após a conquista do Troféu Brasil de Natação, 1962



Ritmo de uma cidade



O Paulistano é dos raros clubes do mundo a situar-se praticamente no centro de uma grande cidade, *downtown*. Opinião geral: "Isso é uma cidade, o sócio entra de manhã, fica o dia inteiro, sai na madrugada, cada um usufrui à sua maneira". A definição é recorrente. Muito empresário, ou executivo, chega ao clube todos os dias na hora do almoço, pula na piscina, nada e volta para trabalhar. Ritual indispensável, que serve não apenas para manter o físico, mas também, e principalmente, para relaxar e deixar preparado para enfrentar as tensões do trabalho, coisa necessária em São Paulo. Dessa maneira, o Paulistano funciona como "terapia". Muitos descobrem aos poucos o outro lado, o de pertencer a uma comunidade que é uma segunda casa, uma outra vida, e na qual faz bem participar, trabalhar, ajudar a gerir e administrar, como define José Eugênio Amaral Souza (o Geninho). Assim, se houve época para o *five-o'clock tea*, vieram depois o chá dançante, o coquetel dançante, a *happy hour*. Agora, é a vez do Sunset Hour, que costuma organizar noites temáticas, como a das Arábias, com um só espírito, o do encontro.

Vem à tona um aspecto fundamental para simbolizar uma das grandes mudanças dos tempos e costumes. Ao focalizar a existência ou não de um "espaço para jovens", Geninho sintetiza: "Talvez ele não exista porque não seja necessário. No tempo de meu pai, ele estaria no clube com os amigos dele, havia uma nítida divisão por faixas de idade. Jovem com jovem, adulto com adulto, velho com velho. Hoje, essa divisão é tênue, existe, mas esgarçada. Essa diferenciação terminou, todos acabam se misturando, ainda que existam grupinhos fechados - é normal, afinal são 10 mil frequentadores". Orígenes Champion reforça essa tese ao salientar que, aos 84 anos, não concebendo ficar longe do clube, vem e fica com a rapaziada de 25, trinta anos, fazendo cooper, jogando, brincando.



O CAP nas Olimpíadas



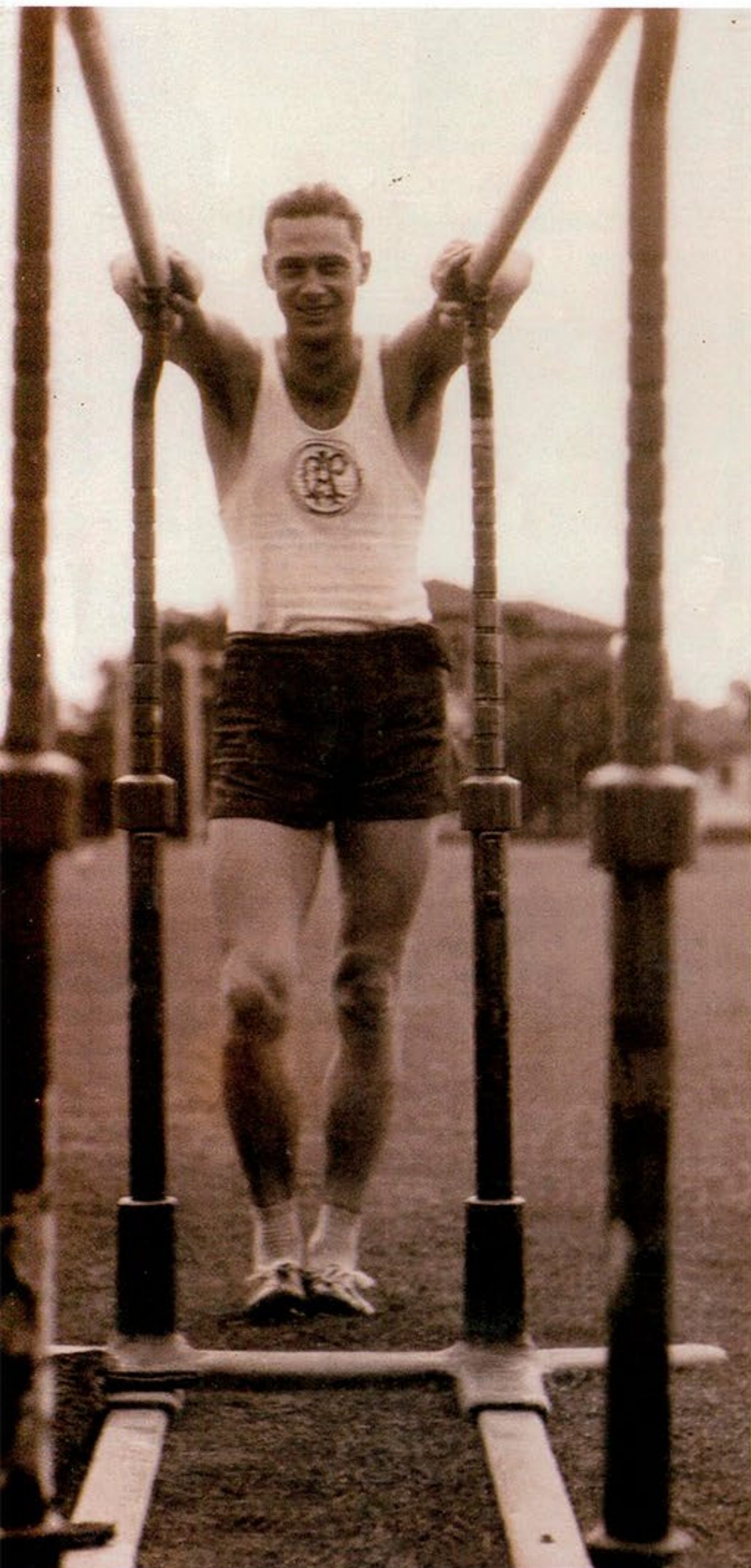
Delegação Olímpica Brasileira em Postdam, 1936

O Brasil figurou entre os 55 países convidados para as Olimpíadas de Paris, em 1924. No reduzido grupo de competidores nacionais, estavam os corredores Alfredo Gomes, Narciso Costa e Aldo Travaçlia e o arremessador Octavio Zanni. Foram os quatro primeiros atletas do Paulistano a participarem de uma Olimpíada. Não houve nenhum atleta do clube nos próximos jogos, em Amsterdã, 1928. No entanto, em Los Angeles, 1932, já seriam seis: Lúcio Almeida Prado de Castro, Carlos Joel Nelli (que chefiou a delegação e competiu no salto com vara; mais tarde, como editor da *Gazeta Esportiva*, foi um dos jornalistas mais emblemáticos de São Paulo), Arnaldo Ferrara, Ricardo Vaz Guimarães, Nestor Gomes e Clóvis Falcão. Também foram seis os atletas do CAP nos jogos de 1936, em Berlim, jogos, que, pelo aspecto político, estão entre os mais célebres da história. Hilda von Puttkammer, na equipe de esgrima, foi a única mulher, até hoje, a representar o Brasil em sua modalidade. Na delegação estavam ainda Constâncio Vaz Guimarães, Dietrich Gerner, Márcio Castellar de Oliveira, Helena de Moraes Salles e Henrique Carlos Alberto de Aguiar

Vallim, a quem o CAP deve a introdução da esgrima e a formação de gerações e gerações. A guerra interrompeu a seqüência de Olimpíadas, retomada em Londres em 1948. Dessa vez, três atletas do Paulistano, e exatamente na esgrima: Vallim, Walter Augusto César de Paula e Etienne Molnar. Novamente a esgrima, com Molnar, De Paula, Cesar Pekelman e Dario Marcondes Amaral (que também participou no México, em 1968), seria a única modalidade do CAP nos jogos de 1952, em Helsinque, conhecidos como a Olimpíada Zatopek. A esgrima do CAP voltaria aos jogos somente em 1988, em Seul, com Antônio Augusto Telles Machado.

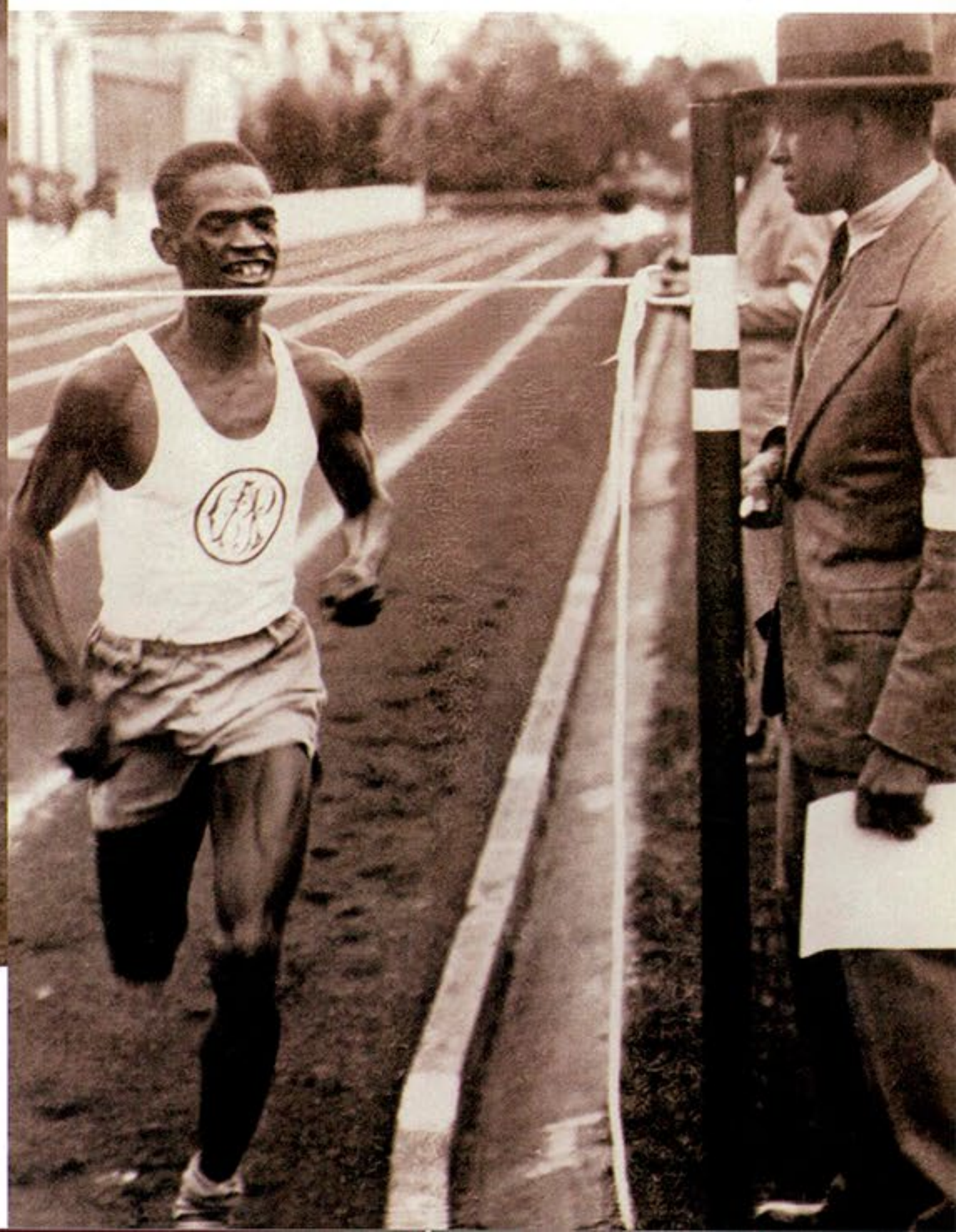
Em 1960, em Roma, do clube vermelho e branco somente três nadadores: Athos Procópio de Oliveira Filho, Farid Zablith Filho e Fernando Luiz Nabuco de Abreu. 1964 foi o ano de Tóquio. O CAP mandou o pólo aquático, com Rodney Stuart Bell e Pedro Pincirolli Júnior. Este, mais Fernando Sandoval e Henrique Fileline, também foi ao México. O pólo estaria ainda nas Olimpíadas de 1984, com Roberto Sabater Borelli e Hélio de Godoy Rheinfrank (como juiz). Em 1972 (Munique), 1980 (Moscou)

Aldo Travaglia, 1931



e 1984 (Los Angeles), seria a vez do voleibol, com Antônio Carlos Moreno, Valderby Romani, Paulo Sevciov (o Paulo Russo), Amaury Ribeiro, José Montanaro Júnior, Deraldo Peixoto Wanderley, Ivonete das Neves, Fernanda Emerick Silva e Ana Margarida Vieira Alvares (a Ida). Finalmente, o remo, com André Berezin e Luís Alfredo dos Santos, em 1984. No total, foram 45 atletas alvirrubros presentes em doze Olimpíadas. Apenas um tentou o pentlato: Guilherme Catramby Filho, em Berlim.

Nestor Gomes vencendo uma prova de atletismo, década de 30



Cartão de visita



Rai, 2000



Pelé, década de 80



João Havelange, 1998



Gilberto Freyre, 1975



Governador Mario Covas, 1996



Guiomar Novaes, 1973



Nelson Rockefeller, 1959



Presidente Fernando Henrique, 1993



Presidente francês Jacques Chirac, 1997

Não existiu personalidade de prestígio que, vindo a São Paulo, não tenha sido recebida no clube. Aqui sempre houve tradição de hospitalidade e bem receber. O clube era, e é, o cartão de visita. Esmiuçando a memória, vêm-se, entre outros, o príncipe de Gales; o príncipe Takahito e a princesa Yuriko Mikasa, do Japão; os presidentes Frondizi e Lanusse, da Argentina; o da França, Jacques Chirac; o da Itália, Giovanni Gronchi; Abreu Sodré, parlamentar e chanceler; Nelson Rockefeller; Paulo Machado de Carvalho e todos os jogadores tricampeões de futebol de 1970 (foi o primeiro clube do Brasil a prestar tal homenagem); d. Luiz e d. Bertrand de Orléans e Bragança, da família imperial brasileira; o estilista Marc Bohan, sucessor de Christian Dior, apresentando sua coleção com exclusividade; o maestro Kohichi Hattori, do Japão; João Havelange, o todo-poderoso da Fifa; Roberto Campos, ex-ministro da Fazenda e escritor; Dilson Funaro, ministro da Fazenda (aliás, ministros costumam passar com frequência pelo clube, como convidados ou palestrantes); Gilberto Freyre, o sociólogo que melhor definiu o caráter brasileiro (fez quatro palestras); Pelé; Émerson Fittipaldi; o ministro da Educação Paulo Renato. E não houve Miss São Paulo ou Miss Brasil que não tenha sido recebida em festa.

A efervescência do Cultural

Amaral Vieira, 1979



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, 1993



Nelson Freire, 1995



Michel Legrand e Ivan Lins, 1998

Duo de piano com Yara Ferraz e Marina Brandão, 1999



Eudóxia de Barros, 1979



Arnaldo Cohen, 1996

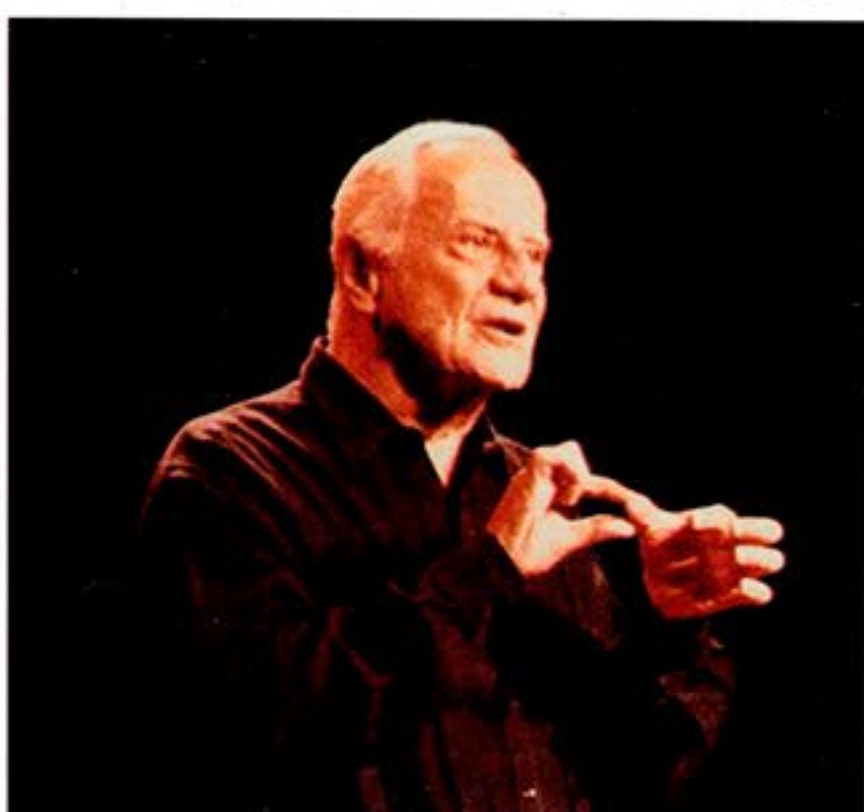
Alguns acontecimentos empolgam os que pensam na cultura e em sua importância dentro de um clube como o Paulistano. Ainda se comenta o recorde de 1996, quando se realizaram 56 apresentações musicais. Como esquecer o concerto do pianista Nelson Freire, em 1995, quando, pela primeira vez, os convites foram distribuídos e se formou uma fila tão espantosa que mais parecia o show de um ídolo pop? Um marco que estimulou, levando-se em conta que a partir de 1994 as verbas para a diretoria cultural foram multiplicadas por dez. Apoiando promoções como os concertos de Alexandre Laçoya, Yara Bernette, Arnaldo Cohen, Eudóxia de Barros, Celine Imbert, I Solisti Veniti, Duo Assad e trazendo a Orquestra Jazz Sinfônica, a Sinfônica do Estado, a Sinfônica de Salzburgo, a Orquestra de Câmara Villa-Lobos, o Mozart Kammervirtuosen, a Philadelphia Virtuosi Chamber Orchestra, o Quarteto Bretha (de Roma), o Quarteto Medeiros, o Trio Brasileiro.



Balé da Cidade de São Paulo, 1993



O cara de pau, 1998



Quadrante, 1995



A pomba encantada, 1999

Sem esquecer as apresentações do coral e as do teatro adulto, que encenou peças clássicas como *Mãe Coragem*, de Brecht, e o *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna. O trabalho intensivo possibilitou a formação de um grupo de teatro infantil e as encenações de Paulo Autran, de Denise Stoklos e do Balé da Cidade de São Paulo. O Museu do CAP passou a receber objetos e documentos em doação e empréstimo e, logo, coletou 1080 fotos. Realizou-se a exposição *Meio Século de Memória Viva da Pharmácia* e uma série de palestras caracterizadas pelo ecletismo dos assuntos: saúde, comportamento, auto-ajuda, estresse, maquiagem, vinhos, medicina em geral, esoterismo, os museus de Paris (por Jacques Douchez, professor da Sorbonne), Monet, Michelangelo, as pinturas da Capela Sistina, maquiagem, jardinagem ou história e estilo de mobiliário. Orlando Villas-Boas explicou a cultura do Xingu, durante a Exposição de Arte Indígena. Escritores como Roberto Campos, por exemplo, vieram debater seus livros, dialogando com o público. João Havelange abordou esportes, futebol, Copas do Mundo, torneios internacionais.

O Cultural se mostrou efervescente, incentivando continuamente a criatividade. Montou cursos de batiqúe, de informática, de encadernação, de língúas, de fotografia, de dança. Organizou exposições sobre Tiradentes, Monteiro Lobato, industrialização do Brasil, Cem Anos de Futebol no Brasil, o Paulistano no centenário do voleibol e outros temas e incentivou com mostras especiais os talentos de artistas plásticos do clube. Realizou *tours* culturais para a terceira idade (hoje chamada a melhor idade), que também encontra no Sunset Hour momentos para lazer, dança, encontros. Promoveu uma seqüência de Vídeos Famosos, com filmes clássicos. Trouxe shows de dança folclórica da Bielorrússia. Investiu-se ainda mais no Departamento Cultural em 1998, com boa resposta dos associados. Criou-se, nesse ano, um Conselho Cultural para melhor assessorar a diretoria. As atividades têm repercutido de tal maneira que os consulados em São Paulo procuram constantemente formas de intercâmbio com o Paulistano.



Ray Conniff, 1979



Elis Regina, 1968



Carlos Lyra, 2000



Roberto Carlos, 1970



Vinícius e Toquinho, 1975



Jô Soares, 1968



Chico Buarque de Holanda, 1971

Acordos trouxeram ao clube os grandes espetáculos de cada temporada, como *Trair e coçar é só começar*, *Laços eternos*, *Um bonde chamado Desejo*, *Com o coração na mão*, *Para sempre*, *O homem de La Mancha*, *Cidade azul*. A sala de artes plásticas (hoje Galeria de Arte) sofreu reformulação em 1998, reestruturando normas e critérios, e tornou-se disputada pelos artistas que ambicionam divulgar seus trabalhos. Ela é uma vitrine. O primeiro grande evento dessa "nova sala" foi a Mostra do Acervo, mantido e preservado pelo Museu, que tem, entre outras, obras de Portinari, Pedro Alexandrino, Clóvis Graciano, Darcy Penteado.

Primeira exposição coletiva, 1998



Kimi Ni, Tineu e Tomie Otake, 1999

Tranfho, 1999



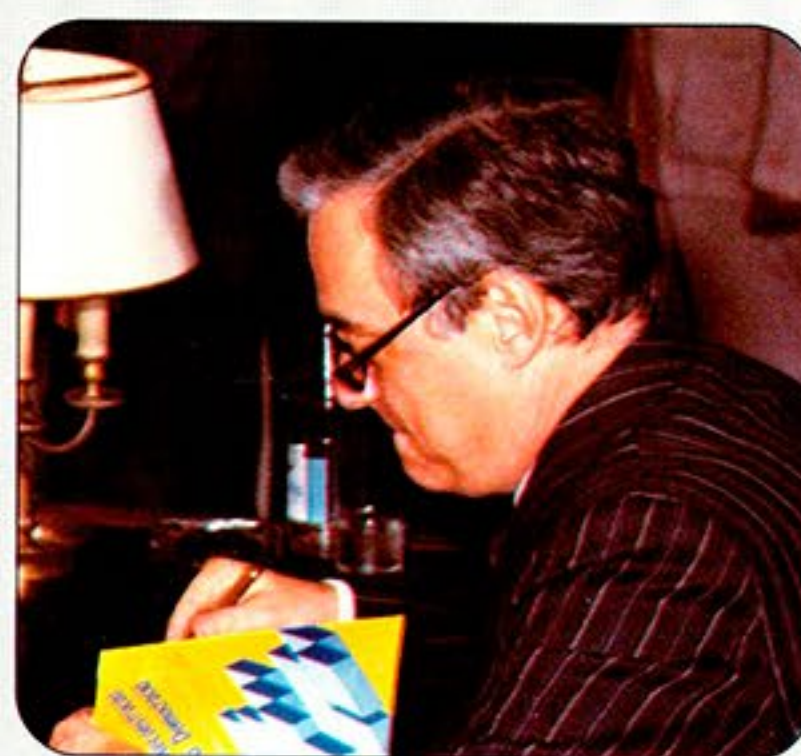
*Acima, Orlando Villas Bôas em palestra.
Abaixo, apresentação dos índios Kalapalo, 2000*

Talentos literários do clube

O clube, cuja bandeira inaugural da atual fase foi hasteada em 1917 pelo poeta Olavo Bilac, mantém forte ligação com livros, de todos os gêneros; poemas, prosas e ensaios. Sustenta ainda uma tradição de conferências. Poucos sabem que a primeira palestra sobre cibernética em São Paulo foi proferida no CAP por Lauro de Barros Siciliano. A literatura tem tido papel de destaque nas atividades. Autores vêm conversar com o público sobre o processo de criação; outros gostam de lançar ali suas obras. Um concurso literário de contos e poesias foi instituído em 1996 e surpreendeu os organizadores pela quantidade e qualidade dos textos, de tal modo que se tornou anual, como parte da Marcha Para o Centenário. Criou-se ainda o Prêmio Machado de Assis, ao qual concorrem todos os vencedores de todos os concursos até o ano 2000. Os premiados são publicados em livro. Nele estão autores que (permita-me, Laurita Gentil, roubar por um momento sua poética definição de escritor), "insones incuráveis, correm atrás das palavras". Há também o Concurso Literário Jovens Talentos do CAP para contos e poesias.



Noite de autógrafos, Carmem Prudente, 1979

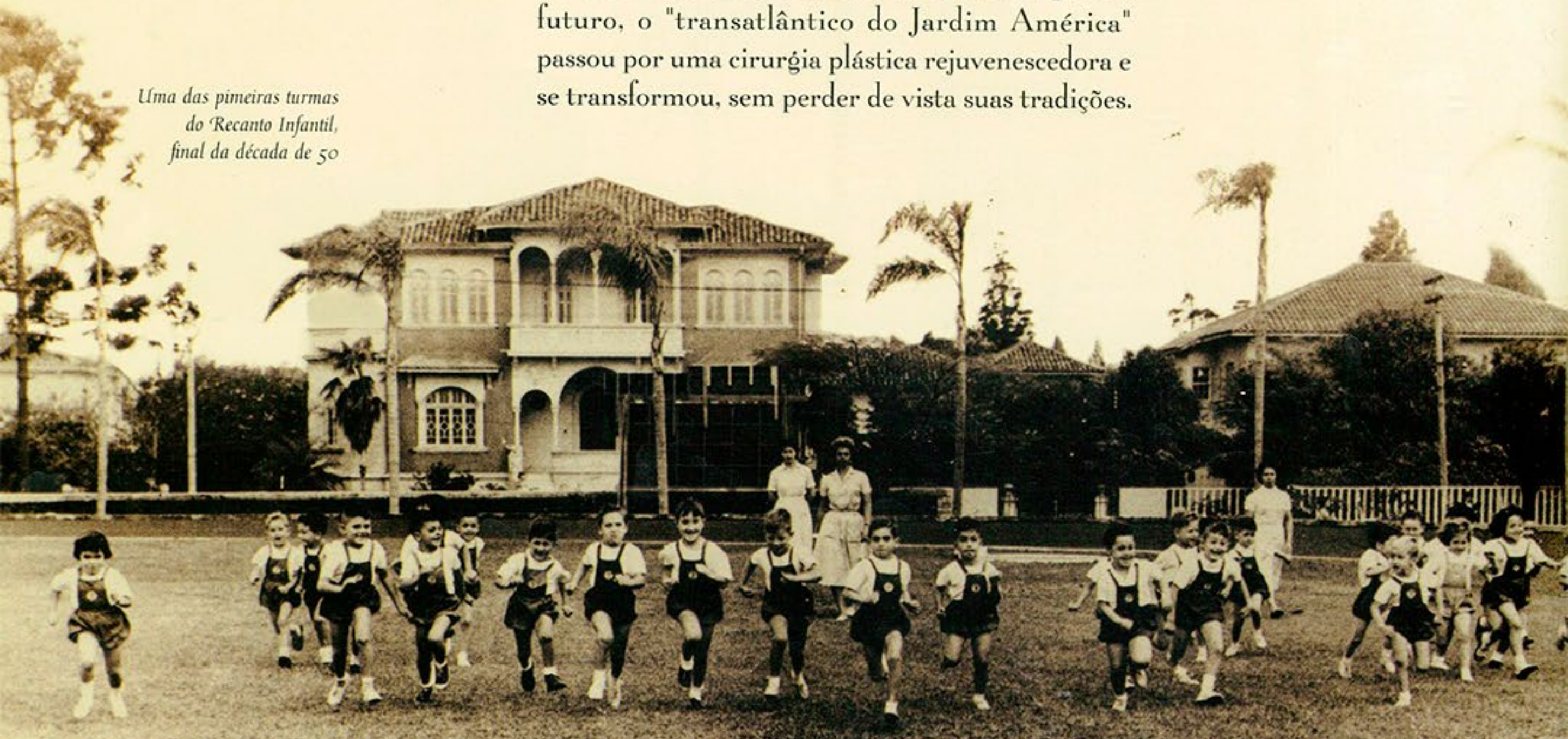


Professor Manuel Gonçalves Ferreira Filho, 1979

Mudando a cara de uma entidade

O Paulistano não é mais um clube, é, isto sim, um permanente "canteiro de obras", comentavam em 1993 os sócios, bem-humorados, ao presenciarem o constante renovar de instalações e equipamentos. A partir dos anos 80, as sucessivas presidências de Luiz Ferraz do Amaral, Antônio Caio da Silva Ramos, Horácio Cherkassky, Cesar Ciampolini Neto e José Manuel Castro Santos tiveram uma preocupação fundamental: racionalizar espaços, ampliando, reformando, modernizando, introduzindo tecnologias de ponta e diversificando, ainda mais, lazeres e prazeres, enquanto adotavam sistemas atualizados e empresariais de administração. Os Estatutos e o Regimento Interno foram modificados e, desde 1990, está implantado um novo organograma, descentralizando serviços, agilizando-os e tornando-os mais eficientes. Em 1996, chegando à conclusão de que era necessário recuperar o patrimônio do CAP, uma comissão elaborou o Plano Geral de Obras, que deveriam estar concluídas até o ano 2000. Ponto culminante seria a garagem, aspiração da maioria dos sócios. Nesses vinte anos, com a proa apontada para o futuro, o "transatlântico do Jardim América" passou por uma cirurgia plástica rejuvenescedora e se transformou, sem perder de vista suas tradições.

*Uma das primeiras turmas
do Recanto Infantil,
final da década de 50*





10 anos da Escola de Esportes, 1998



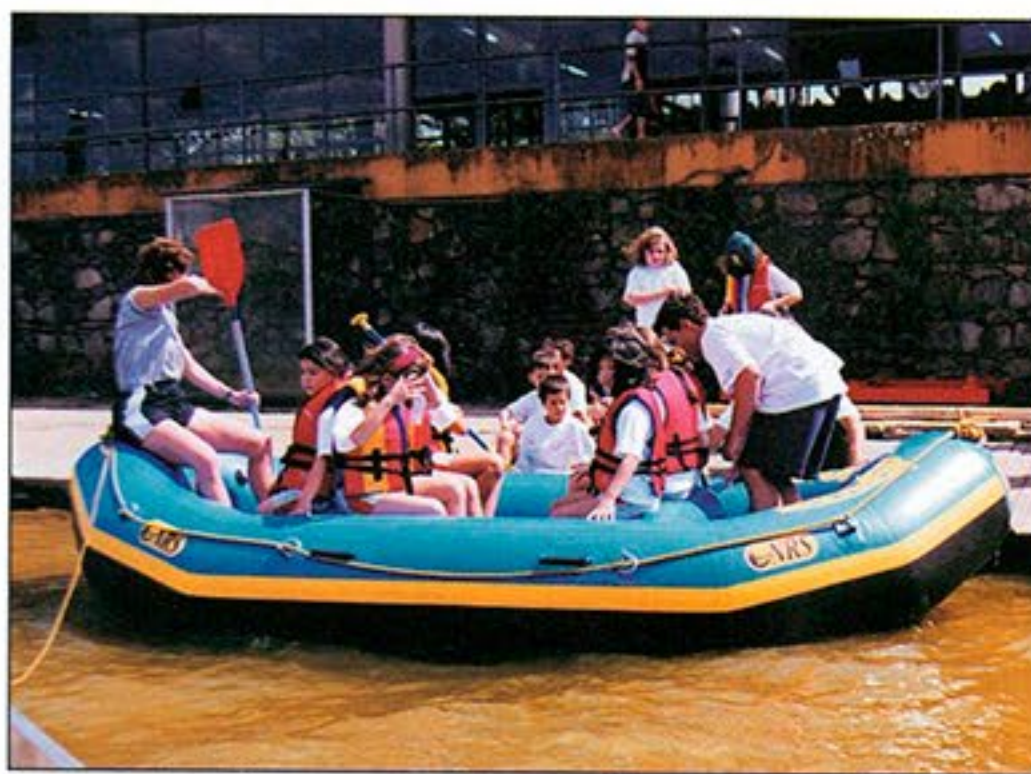
Biblioteca Circulante, 1999



Feira de Leitura do RI, 1999



O Mágico de Oz, 1998



Escola de Esportes na Raia da USP, 1998



Horta do RI, 1999



Formatura do RI, 1997



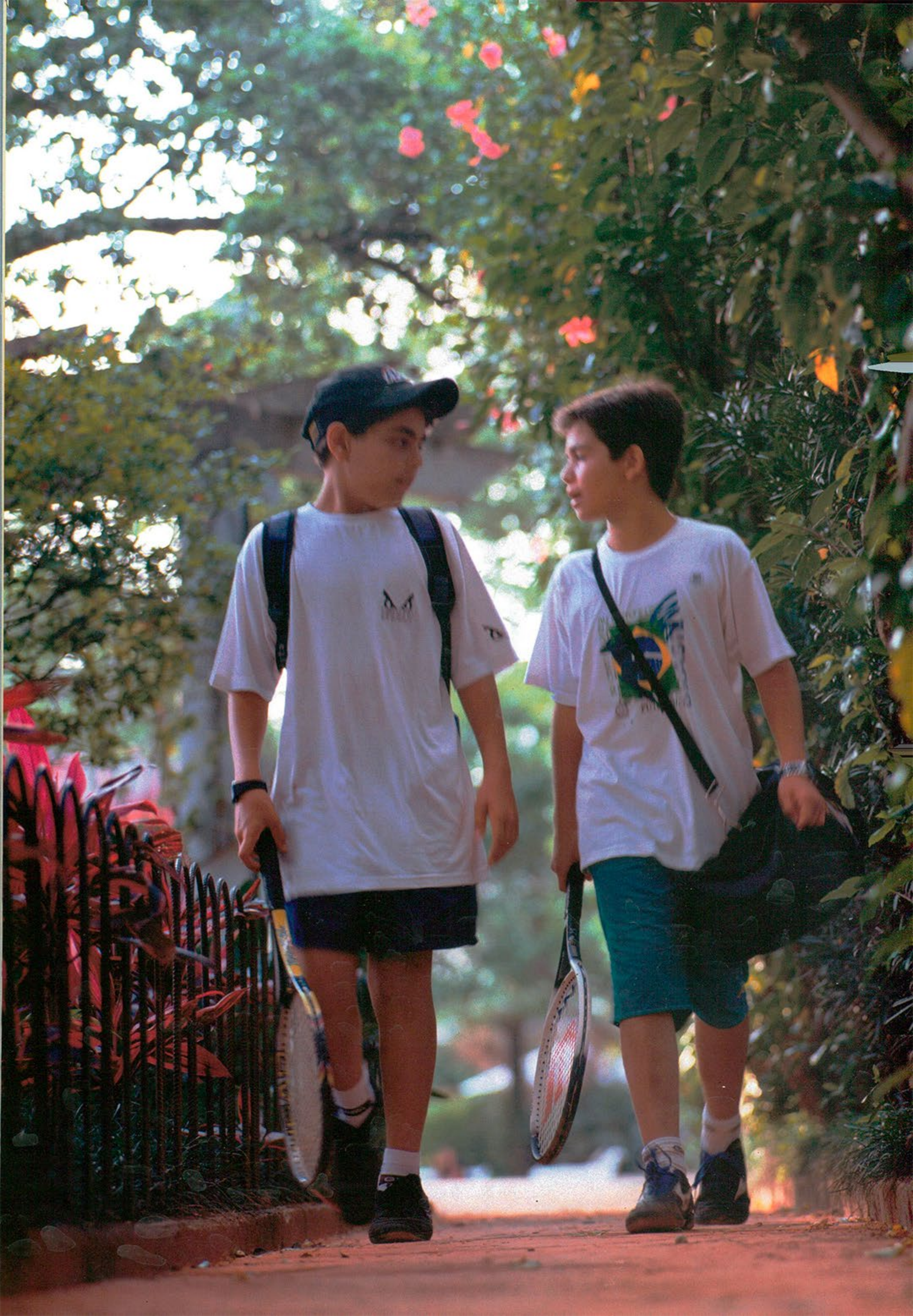
Festa de encerramento do balé clássico, 1995



Contador de histórias, 1999



Dia das Crianças, 1991



Caminhando para o novo século

Todos têm na memória as três orquestras que tocaram na inauguração da nova sede, em 1957. Festa que ocupou todos os espaços, com baile e jantar para 6 mil pessoas. Marcou São Paulo, a sociedade inteira estava presente. No Paulistano, todos se conheciam, como se fossem parentes, reunidos numa só casa, casa de todos e casa de cada um. O clube sempre foi elemento aglutinador, uma ilha na cidade de concreto. A partir daí, outros momentos marcaram a entrada do CAP na modernidade. Um deles no final da década de 80, quando uma empresa foi contratada para efetuar a reforma administrativa, criando novas áreas, racionalizando e simplificando departamentos e serviços. E, como o ritmo destes tempos é fragmentário, vejamos como num videoclipe: vieram a informatização de todos os serviços e a terceirização de muitos deles (como a lavanderia e a limpeza, por exemplo), a diretoria financeira dividida em quatro departamentos, a reorganização da segurança, a implantação de cursos internos de aperfeiçoamento e desenvolvimento. O serviço médico, equipado com o que há de mais moderno, inclusive dispondo de um ressuscitador, pode ser considerado o mais completo entre os clubes. Depois de 1998, estruturou-se uma cultura de comunicação. Renasceu a revista *O Paulistano* (tentativas anteriores não sobreviveram, o país e as condições eram outros), mensal, moderna no formato, com bom design. Em 1996, veio aquele que foi considerado um dos maiores acontecimentos dentro da história do clube, a Marcha Para o Centenário – Atletas Para o Novo Século. Participaram mais de 2 mil crianças. Essenciais, porque os tempos exigiam, foram a criação do Departamento de Marketing, para buscar patrocínios, comercializar espaços (sem fugir às tradições do clube nem prejudicar associados) e uniformizar cores e linguagens, e a busca da valorização do *esprit de corps*, iniciativas que se sucederam no ritmo de um mundo globalizado.

O CAP e a união de clubes

Em setembro de 1995, reuniram-se os presidentes de vários clubes esportivos e socioculturais de São Paulo, com o objetivo de congregá-los numa entidade que desenvolvesse a solidariedade social e a adequação dos interesses econômicos ou profissionais da categoria ao interesse nacional. Essa entidade se destinaria ainda a colaborar com o Estado, como órgão técnico e consultivo, no estudo e elaboração de projetos de lei e na preparação de medidas tendentes a encaminhar a solução de problemas que se relacionem com a categoria. Assim, os presidentes do Paulistano, da Hebraica, do Harmonia, do Paineiras do Morumby, do Pinheiros, do Alto dos Pinheiros, do Monte Líbano, do Sírio, do Nacional e do Automóvel Clube fundaram a Associação de Clubes Esportivos e Socioculturais de São Paulo (Acesc), em cuja organização o Paulistano se destacou. A Acesc é dirigida por um Conselho Superior e uma Diretoria Executiva.





Prédio Novo após reforma, 1997

Administrar o Paulistano é mais difícil e trabalhoso do que dirigir uma grande empresa.

Hermann Moraes Barros

Segundo avaliação da Sabesp, o CAP, com seu terreno, sua área construída e sua infra-estrutura (quatro piscinas, dois ginásios de esporte, quadras, campo de futebol, garagem para 731 veículos, dezenas de salas e salões para as mais diversas atividades, 4 mil metros quadrados de jardins, quase setecentos funcionários e milhares de frequentadores), equivale a uma cidade de 50 mil habitantes.

O COLETIANO



Sapateado, 1992



Restaurante 1900



Roberto Campos, 1997



Exposição de futebol, 1995



Piscinas, 2000

São Paulo está em silêncio. No inverno, seis da manhã, ainda escuro, as luzes do clube estão acesas. Os madrugadores assistem ali ao nascer do sol. No verão, o dia está claro, e os primeiros fazem cooper (o professor Cooper visitou o clube, anos atrás, e muita gente ainda se lembra de seu conselho: manear nos exaéeros), musculação, natação. Alguns chegam antes dos portões abrirem e aproveitam para andar em torno da extensa quadra onde está ancorado o Paulistano. Em passos cadenciados, pode-se fazer em dezesseis minutos o percurso rua Honduras, Colômbia, Estados Unidos, Argentina, Honduras. Seguindo os muros recobertos por hera densa, de um verde carregado, são 2015 passos de um homem de estatura média. Muitos vêm a pé, moram relativamente perto. Os que chegam de carro não encontram dificuldade para estacionar, as ruas estão ainda vazias.

Parte desses madrugadores são empresários, banqueiros, profissionais liberais, donas de casa que daqui sairão às nove horas, de banho tomado, a caminho do trabalho. Na sala de musculação Roberto Whately, todos estão em atividade intensa. Nesse setor se encontram os metros quadrados mais freqüentados do clube. Cerca de quatrocentas a quinhentas pessoas em dias normais, chegando a 1200 nos finais de semana. Desse número, 90% estão na ginástica aeróbica, modelagem do corpo e condicionamento físico, e 50% são mulheres. Fisiculturismo deixou de ser prerrogativa masculina. Aliás, por volta de 1982, começou-se a notar um aumento, cada vez maior, no número de mulheres que procuravam aulas de musculação e modelagem de corpo. O que levou a uma constante ampliação e atualização do setor, construindo e adaptando salas. Hoje, o Fitness do Paulistano, orientado pela Fórmula Academia, com mais de 25 professores, é considerado de Primeiro Mundo. Cada associado pratica com orientação o exercício que deseja. Pode até ter *personal trainer*. Sócios-atletas possuem sala própria. São no máximo dez, que se dedicam a competições interclubes.

Outros estão dando braçadas na piscina, como a jovem Mariana, que é das primeiras e vai nadar até a hora de ir para a universidade. A pista de cooper continua a receber *habitués*. Plantas são regadas. Pessoas com ar zen se dirigem para o tai-chi-chuan ou a ioga. Há os que se apressam para a aquanástica. Crianças e pré-adolescentes enfrentarão o basquete, que começa às oito horas. Meninada de sete anos já está preparada para o futebol, com professor e tudo. Há quem venha cedo somente pelo cafezinho e fica esperando companheiros para jogar conversa fora. Jovens correm para as primeiras aulas de teclado no prédio novo (um andar inteiro está dedicado ao departamento cultural), que também se abre para os cursos de desenho e pintura. Depois das nove horas, entram em cena mães e filhos, babás e carrinhos, avós e netos. Ficam por ali, deixam crianças no playground, depois almoçam, entregam ou retiram a meninada do Recanto Infantil, modelo em pré-escola. Na piscina, já treinam os alunos da Escolinha de Pólo Aquático (a equipe feminina é pentacampeã e sempre cede jogadores para a seleção brasileira). A Escolinha de Esportes é ponto agitado, efervescente. Tenistas garantem seu lugar nas quadras, cuja localização obedece à orientação do sol. Quadras que estarão ocupadas o dia inteiro, com filas de espera, dependendo da data e hora. Corredores de longa distância treinam; muitos deles participam da Maratona de Nova York. Adeptos do judô e do caratê estão a postos. Esgrimistas se adestram, e a sensação é de tempo paralisado, e o esporte, cheio de filigranas, parece nos conduzir a séculos românticos; na memória da arte da esgrima, sempre o nome de Henrique Vallim.





Teatro de adolescentes, 2000



Dança do Ventre, 1996



Balé, 1998



Capoeira, 1996

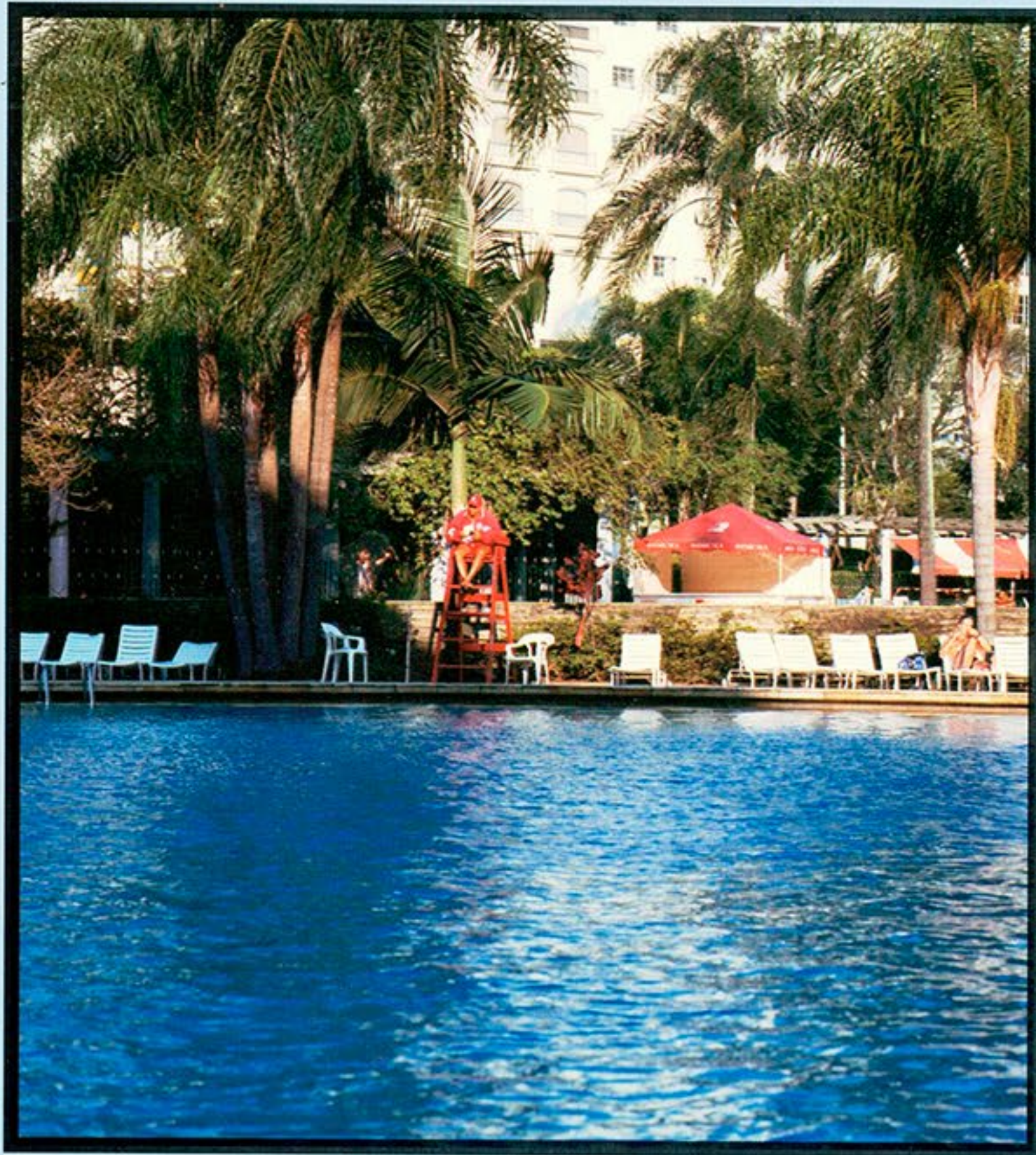
Em momentos variados do dia, ao passarmos por fora, pela calçada na rua Colômbia, vislumbramos, através do portão de entrada do público, um trecho da quadra do Ginásio Antônio Prado Júnior. Ouvimos gritos, apitos, o ruído seco da bola. De vez em quando, visualizamos jovens altas treinando vôlei. De fora, ninguém tem a idéia de estar diante de um *trompe-l'oeil*, ou seja, uma visão enganadora. Quando penetramos no ginásio, ficamos assombrados com seu tamanho. Magia da arquitetura. O espaço é amplo, mas o projeto tem tal leveza e proporção que transmite a sensação oposta. É o aproveitamento inteligente do espaço. Grande, acolhedor e, ao mesmo tempo, íntimo (outro milagre do projeto), nesse ginásio qualquer time deve encontrar dificuldades contra o Paulistano, ao se bater contra uma torcida que vale por uns quatro jogadores.



Aula de violão e guitarra, 1999

Do prédio novo vêm os sons das aulas de jazz, que se harmonizam com as de sapateado. Mas o classicismo tem vez, porque o balé se alterna nas mesmas salas, em dias diferentes. As que preferem um pouco de sensualidade podem se entregar aos sons orientais e aprender a dança do ventre, forma de expressão e de sedução. A quentura do ritmo espanhol se manifesta nas aulas de flamenco, ao som bravio das palmas e guitarras. O cruza-cruza é intenso nesse edifício moderno, despojado, de linhas retas e vidro espelhado, contrastando com o projeto curvilíneo de Warchavchik. Aliás, cada fase do clube está refletida num estilo arquitetônico. Aulas de inglês, francês, alemão, italiano e espanhol, cursos de história da arte, atualização cultural, ensaios do coral, aulas de violão e guitarra, oficinas de teatro, debates com especialistas de assuntos variados, da saúde a Shakespeare, da cosmetologia à astrologia. Todas as idades se mesclam, gerações se misturam. Crianças e adolescentes – que depois estarão diante do computador, navegando na Internet – debruçam-se sobre tabuleiros de xadrez, introduzido no CAP em 1968 por Ubirajara Martins. Dizem que é um jogo dominado pelo silêncio e pela sobriedade, mas a meninada se diverte, ri e grita. Os adultos são mais concentrados. O xadrez do Paulistano tem participado de torneios internacionais, olimpíadas e jogos estudantis. Aliás, a polêmica se estabeleceu quando órgãos governamentais discutiram a questão: xadrez é esporte ou cultura? Decidido. É esporte.









Depois do meio-dia, começa a aparecer gente mais madura, para o almoço. Recentemente o CAP homenageou, com placa e diploma, cerca de 1200 sócios com mais de cinquenta anos de clube. À tarde, o movimento prossegue, os grupos se trocando, se alterando. Os *experts* em Paulistano dizem que as mesmas pessoas frequentam os mesmos períodos. Cada uma tem seu horário, em geral fixo. Que pode ser mudado com a idade ou em função de interesses. Um caso de amor, por exemplo, modifica a rotina. Grandes romances aconteceram; cada um cita as mulheres mais belas de seu tempo; as mais desejadas; um rol de nomes. Existe a turma da manhã, a do meio da manhã, a do almoço, a do começo da tarde, a do meio da tarde, a da *happy hour*, a do jantar (o pessoal da pizza come mais cedo, os do restaurante do primeiro andar um pouco mais tarde), há os que vêm para o Bar Social, para o Bar do Bilhar, o Bar da Piscina, o Bar do Tênis, o Expresso, o Salad-Bar, o Boulevard, o Terraço e o 1900. Há os que ficam na lanchonete. À noite, podem ser ouvidos os gritos dos que jogam futebol-society.

Passam os que aproveitam exclusivamente o cinema nos finais de semana, os da musculação, os que se apresentam para as aulas de capoeira, os que vieram curtir a sauna, os que gostam de cortar cabelo sempre com o mesmo barbeiro (fala-se até mesmo em "sócio-atleta" da barbearia), as mulheres que se encontram no cabeleireiro, os que aproveitam a fisioterapia, os que treinam para concorrer na natação master. Há a turma da sinuca, fanática. Muitos jovens nadadores costumam fazer ponto na sinuca e acabam se rendendo ao fascínio das caçapas. Fanáticos também são os do Frontão Marcelo Fernandes, onde se alternam a cesta, a paleta e o frontênis. Há sócios revelando que pelo clube transitam muitos solitários, pessoas que chegam, praticam um esporte, comem uma pizza, assistem a um filme e se vão (costuma-se dizer que sócio do clube não assiste cinema fora), ou simplesmente ficam sentadas num banco, sem conversar com ninguém, sem que se saiba quem são seus amigos. Um clube é conjunto de individualidades, excêntridades, personalidades díspares.



Auditório após reforma, 1997





"O atleta", escultura de Millionica

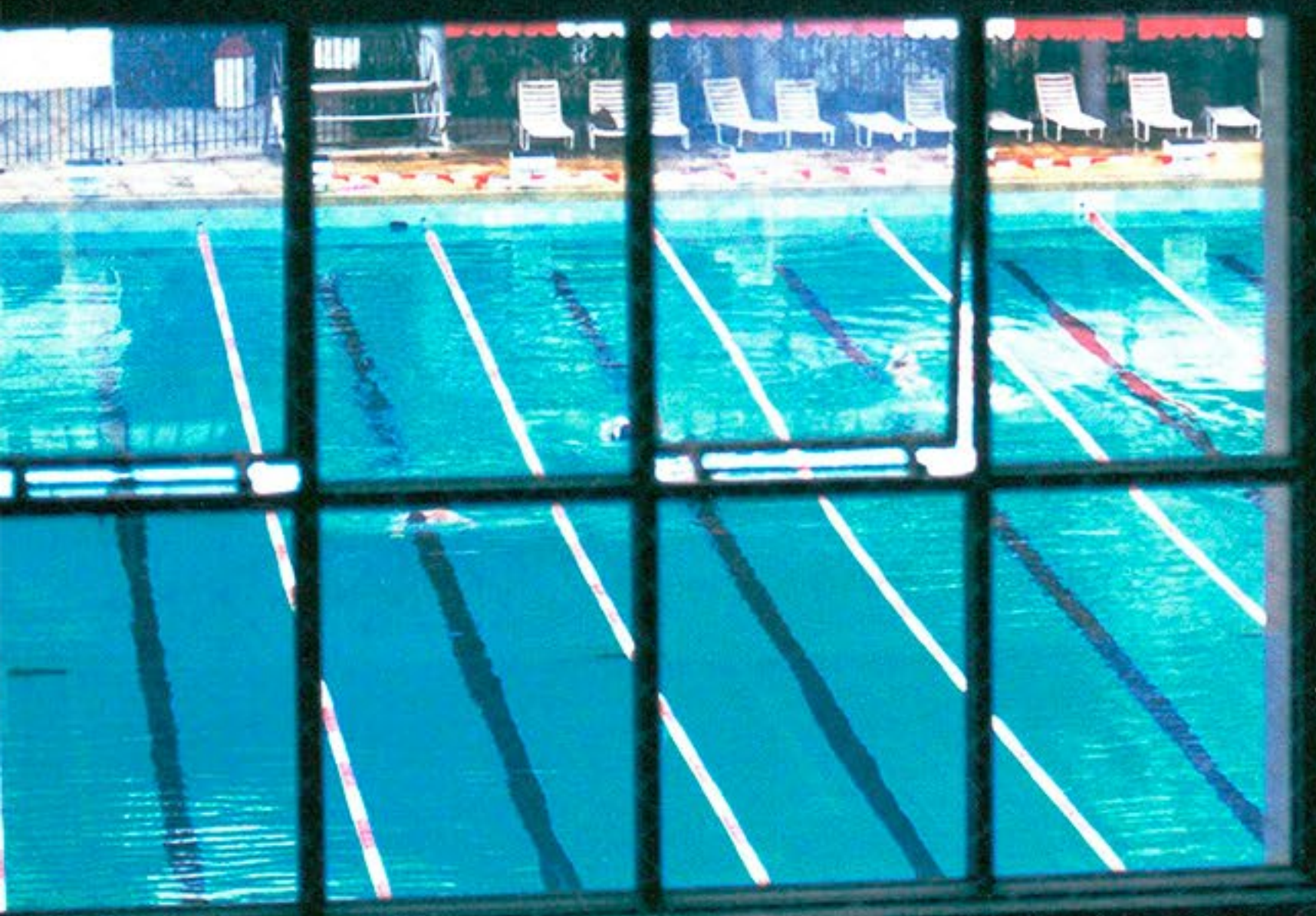
O Paulistano é lugar multifacetado, estilhaçado em centenas de atividades, que acabam formando um conjunto homogêneo. Mães e avós levam os filhos ao teatro infantil, considerado dos melhores da cidade. Existem os que aparecem apenas em shows ou concertos, os que desfrutam das palestras, os que freqüentam as duas bibliotecas, a Social e a Circulante. A primeira, com um acervo de mil livros, foi fundada em 1957; a segunda, que nasceu em 1968 com o nome de Infanto-Juvenil, tornou-se Biblioteca Circulante Ubirajara Martins na década de 70 e possui 10 mil títulos. Periodicamente, uma cota de livros é comprada, atualizando o acervo, que se encontra catalogado em base informatizada.

Quem quiser pesquisar sobre a história do esporte no clube e em São Paulo (e no Brasil) tem de passar pelo Museu. A memória tem sido resgatada, conservada e organizada num país em que se despreza o passado, por medo ou preconceito.

O movimento no clube gira, incessante, o dia todo. As últimas estatísticas mostram uma freqüência mensal de 14 mil associados e anual de 170 mil. Muitos ainda se lembram de quando o porteiro conhecia cada um pelo nome. Outros, dos egos feridos e da revolta provocada pela necessidade de se identificar na portaria e usar cartões informatizados. Ônus pago pelo crescimento.

Pedaços do passado despontam aqui e ali, quando se circula pelo interior do Paulistano, descobrindo por que ele é uma ilha dentro dos Jardins ou por que o chamam de oásis. Os sons do mundo exterior são vagos e diluídos, morrem na hera dos muros, na vegetação dos jardins, que abriga cerca de trinta variedades de plantas, tais como: bromélias, ipês-amarelos, magnólias e sibipirunas. As espécies mais significativas estão etiquetadas; dizem que a idéia foi de Olavo Bilac. Um caminho conduz ao frontão, passando pelas piscinas por baixo da colunata, que lembra a piscina de 1926, e pelo jardim de rosas e pela fonte, que são como pracinhas do interior. Aqui também o tempo parece estacionar, há bancos, gente lendo, namorando.





Quando se olha desse lado, à noite, contempla-se o prédio de Warchavchik refletido nas águas da piscina maior, como um navio no porto. Quando se observa das mesas junto às janelas do restaurante no primeiro andar, vê-se a piscina com a água encrespada pelo vento e os reflexos dos jardins e das luzes.



'Boulevard, 2000

Momento de descontração se dá quando subimos ao salão de estar, no primeiro andar, e contemplamos, de um lado, o painel de Clóvis Graciano e, do outro, os painéis de vidro temperado de Takashi Fukushima. O artista, premiado na XIII Bienal, criou desenhos de inspiração *art-nouveau*, em "sintonia com os anos de fundação do clube", assinalam especialistas. Num canto, sobre um sóbrio pedestal, o busto de Antônio Prado Júnior. Um painel valioso, de Danilo Di Prete, de 1957, data da inauguração da nova sede, foi colocado na parede do Boulevard.

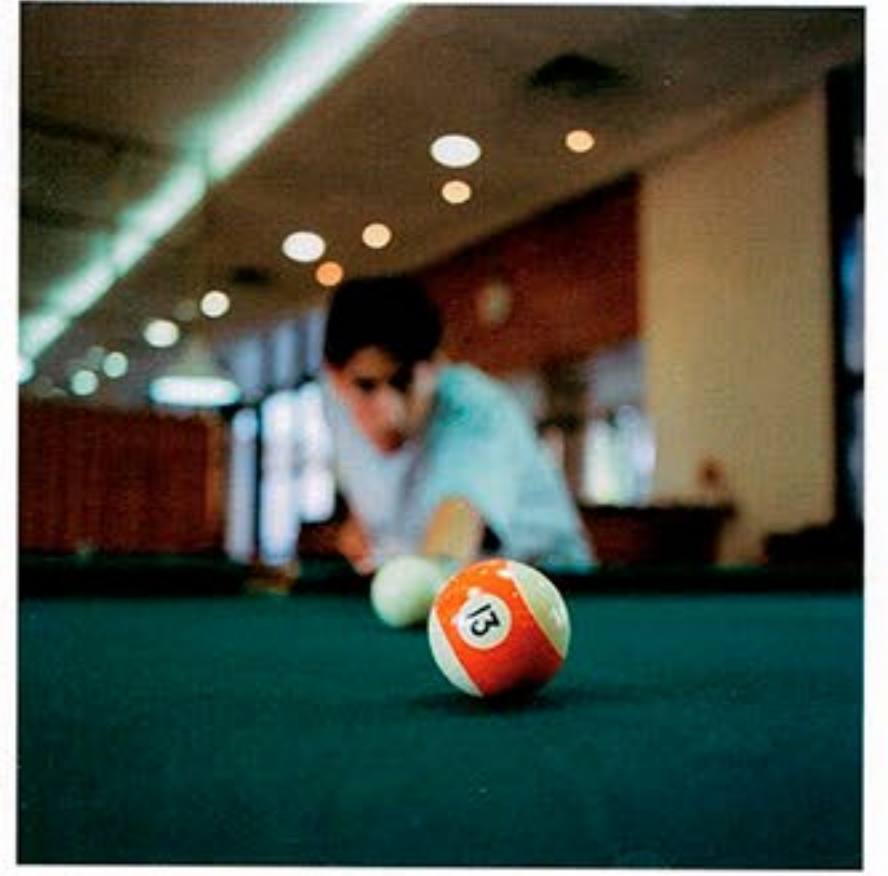
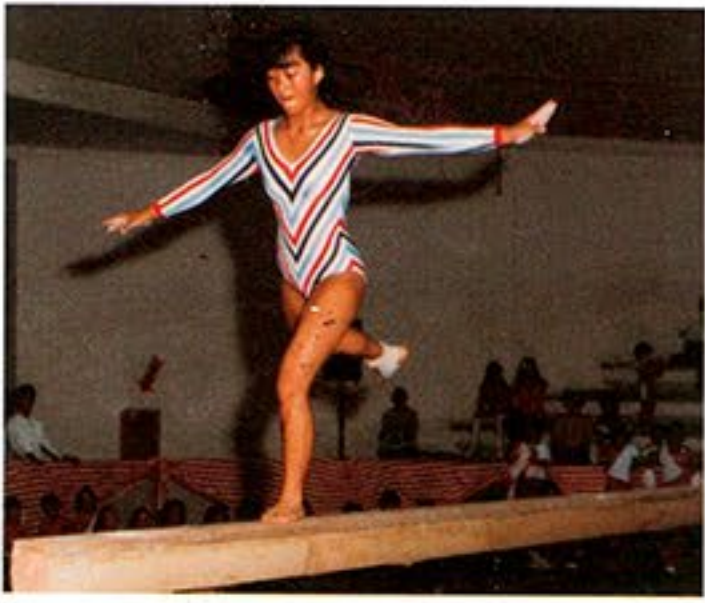
Salão Social, após reforma, 1999



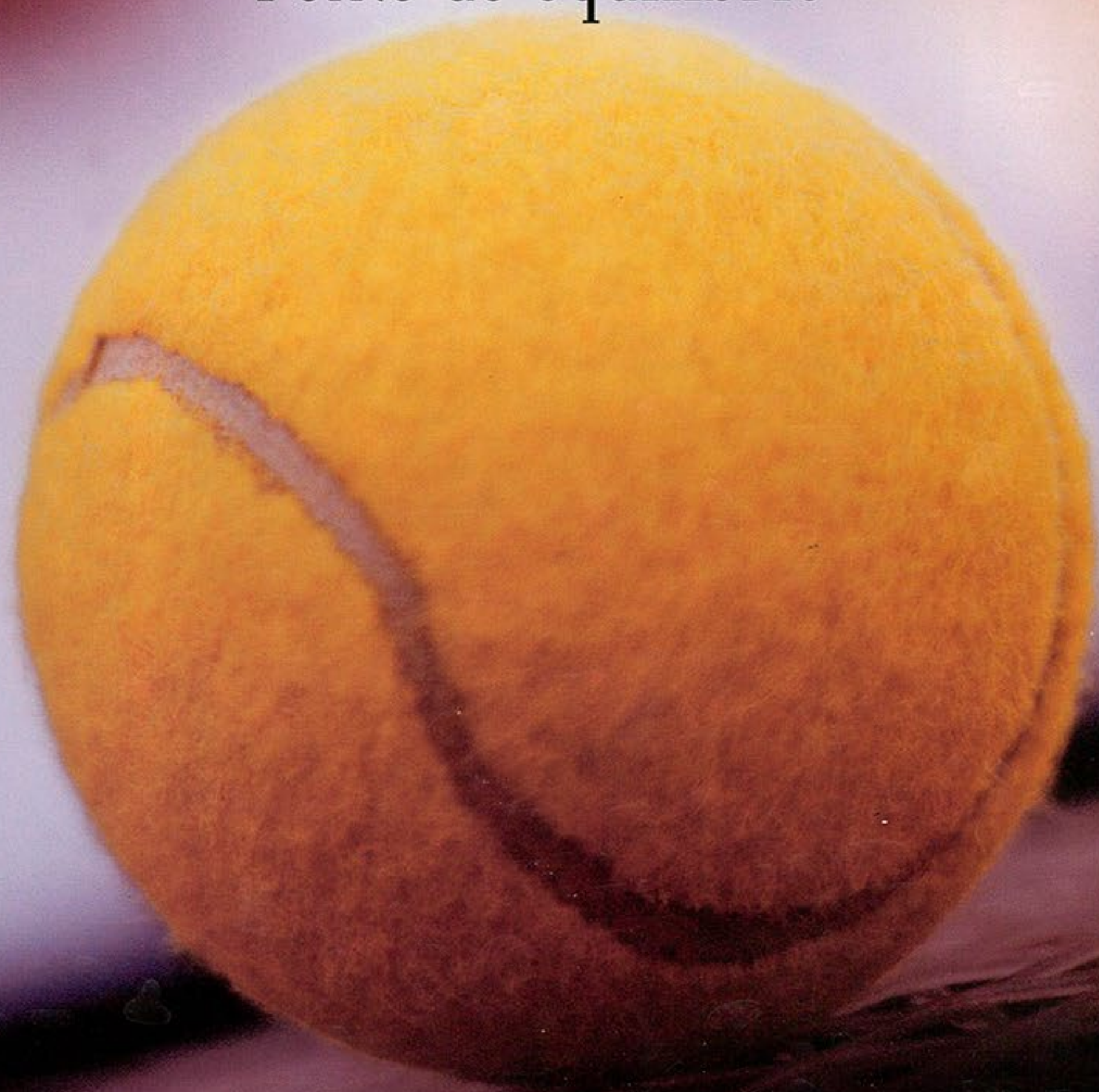
Terraço, 2000







Ponto de equilíbrio

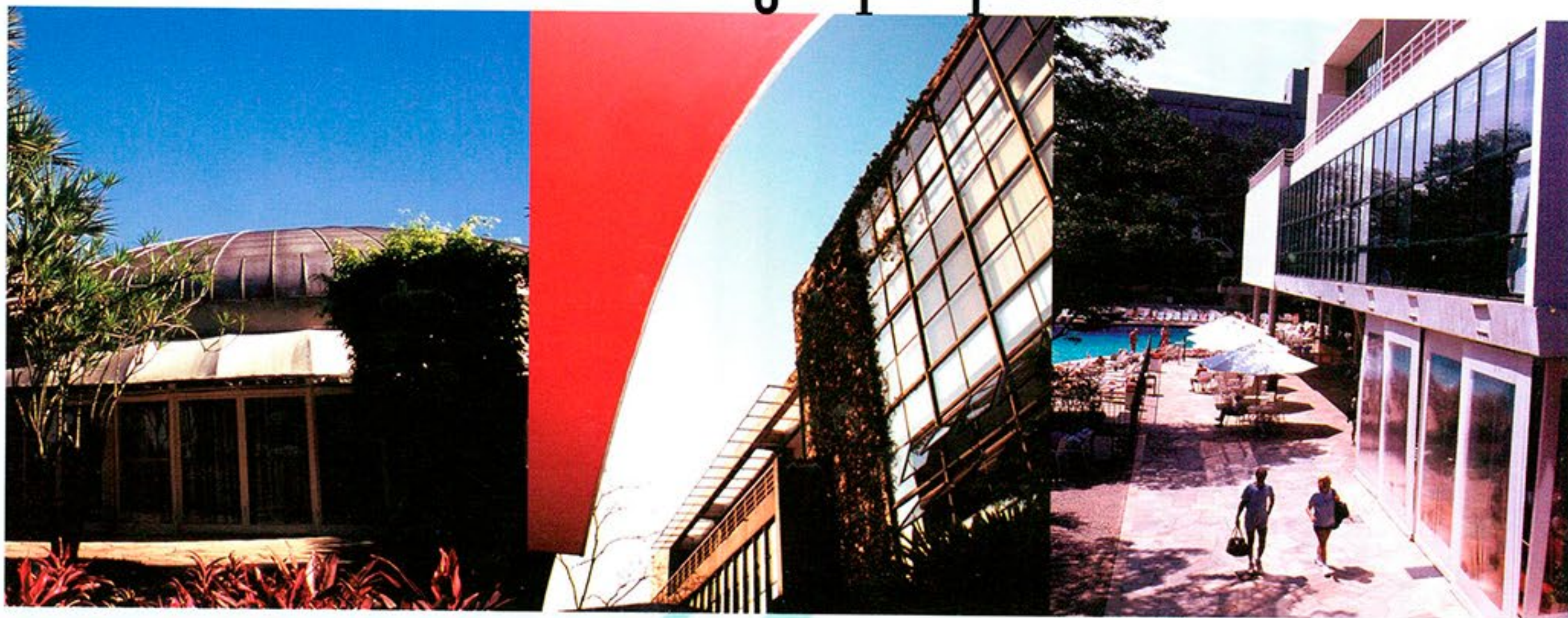


Quase uma da manhã. Dentro de uma hora, as portas se fecham. Há grupinhos por toda a parte. Na lanchonete, andando pelo clube, tomando a fresca da noite, encontrando seguranças de lanternas na mão. Amigos conversam nos sofás da sala de estar. Outros terminam uma pizza, saem do cinema, namoram no Bar Social. O engenheiro Paulo Simardi conta uma rápida – e significativa – história de suas relações com o

clube. Ele ficou anos afastado, sem freqüentar, quando estudava, vivia com os interesses colocados em objetivos diferentes. Achava que nunca mais voltaria. No entanto, assim que se formou, sentiu-se desarvorado, tinha que decidir a vida, o futuro, estava confuso, preocupado, ansioso. Aí, redescobriu o clube e se reequilibrou. O relax levou-o a ver as coisas mais claramente e se orientar. "O Paulistano é um ponto de equilíbrio", definiu.



Visgo: algo que prende



A esta altura, pode-se compreender bem uma das mais sintomáticas definições do Paulistano. Porque uma palavra do homem da terra, aquele que é apegado a seu chão, traduz o relacionamento do sócio com o clube: visgo. A substância natural da natureza que cola, prende, amarra, segura. O que o Paulistano tem? Tem visgo. Pode-se entender o visgo quando se sabe que Armando Ferla, o Ferlinha, como muitos outros, em toda a sua vida jamais deixou de comparecer ao clube um único dia. Houve época em que "vinha apenas para tomar um banho de chuveiro". Era tão essencial quanto respirar. Visgo. A definição é de um sócio benemérito, que viveu a vida toda intimamente ligado ao clube. Ele, que atravessou períodos diferentes da história do Paulistano, com a sucessão de diversas linhas, acentua três que permanecem fundamentais: o bem-viver, o companheirismo e a conservação de tradições, sem perder de vista as transformações do tempo e da história ou deixar de lado a necessidade contínua de reformas administrativas, estatutárias e gerenciais a cada novo momento. Em seu entender, o Paulistano, um clube aberto, deve ser uma entidade de base para a meninada, a juventude. Esse é o olhar para futuro.



Garagem, a obra do século

Deixamos para o final, propositalmente, a garagem. Ela é o *grand finale*, chave que fecha uma história, abrindo uma nova era. Reivindicação de todos os sócios, aspiração de décadas, sonho sempre recorrente ("sonhar o sonho impossível", diz a canção da peça *O homem de La Mancha*, aliás representada no clube), teve uma trajetória que quase completou vinte anos. Começou em 1983, com o projeto de um estacionamento no subsolo. Confinado em seus limites, impossibilitado de crescer pela cidade que se fechara a sua volta, restava ao clube subir ou descer. Distante estava aquele ano de 1908, em que Antônio Prado Júnior e alguns companheiros fizeram a primeira travessia de automóvel entre uma São Paulo de ruas vazias e Santos. Os "automobiles" causavam sensação na cidade desde 1898. Os sócios do Paulistano pertenciam à elite que importou os primeiros carros da Europa, quando aqui chegaram os Benz. Grande parte deles participou da fundação do Automóvel Clube em 1908. Quando o CAP se instalou no Jardim América, existiam em São Paulo cerca de 3 mil carros, e não se cogitava de problemas como os de trânsito e estacionamento. Passados os anos 40, veio o ciclo de desenvolvimento e a expansão da indústria automobilística, na qual estavam envolvidos muitos sócios do clube. Os problemas com estacionamento se agravaram a partir da década de 70, quando as ruas do Jardim América se transformaram em corredores de passagem.

A garagem era assim, e cada vez mais, necessidade fundamental. Uma construção exigida pela modernidade. Um dos "pontos de honra" do Plano Geral de Obras de 1996. Era preciso tornar possível o sonho impossível. Grandes problemas a serem enfrentados do ponto de vista estrutural. O campo de futebol e algumas quadras ficariam paralisadas, o frontão estaria ameaçado, havia a questão da árvore-símbolo e também os



custos. No entanto, a garagem prepararia o CAP para o novo milênio. E as etapas foram se sucedendo. Em 1995, houve o concurso de projetos e a planta de prefeitura. No ano seguinte, o Plano Geral de Obras racionalizou o assunto, e, em 1997, começaram os primeiros estudos sobre fundações, sistemas estruturais, estimativas de custo (a obra foi feita com recursos próprios) e prazos. Em 1998, concorrência e contratação da construtora. Então, numa manhã de abril de 1999, os sócios viram que se despertava do sonho. Começou a ser implantado o canteiro de obras, com a construção do escritório, almoxarifado, vestiários e refeitório. Entre 140 e 150 operários passaram a trabalhar, iniciando as escavações, realizadas somente no período da manhã, para não transtornar o trânsito e o cotidiano do bairro.



Todos viram que algum sacrifício era necessário. A antiga piscina, que se encontrava enterrada abaixo das quadras de tênis vizinhas à rua Argentina, foi escavada e demolida. Abriu-se uma cratera com a retirada de quinhentos metros cúbicos de terra por dia, numa operação inteiramente "limpa". As rodas dos caminhões eram lavadas antes que eles saíssem do clube carregados.

De maio em diante, a revista *O Paulistano* passou a publicar mensalmente o "Boletim da Garagem", informando sobre o cronograma e o andamento das obras, seguidas com volúpia pelos sócios. Construiu-se um muro curvilíneo de concreto armado, que passou a funcionar como vaso protetor para a árvore-símbolo. Em novembro de 1999, uma grande festa agitou o clube. A tradicional chopada da cumeeira atraiu centenas de pessoas num sábado. As obras continuaram dentro dos prazos previstos. De tal modo que, em julho de 2000, já foi projetada a comunicação visual, estudada a movimentação de veículos e planejada a compra de equipamentos.

Considerada a obra do século, a garagem trouxe

alegria e alívio diante de um dos problemas mais cruciais da cidade, o estacionamento. A busca desesperada de vagas em torno do clube, circulando pelas ruas adjacentes, é coisa do passado. O Paulistano, que não podia mais se expandir, cresceu "para cima e para baixo", no dizer de muitos associados. Porque a área do clube foi aumentada em cerca de um terço. Espaço conquistado. Quando se sonha com o pé no chão, se projeta, se tem coragem, não há impossibilidades.

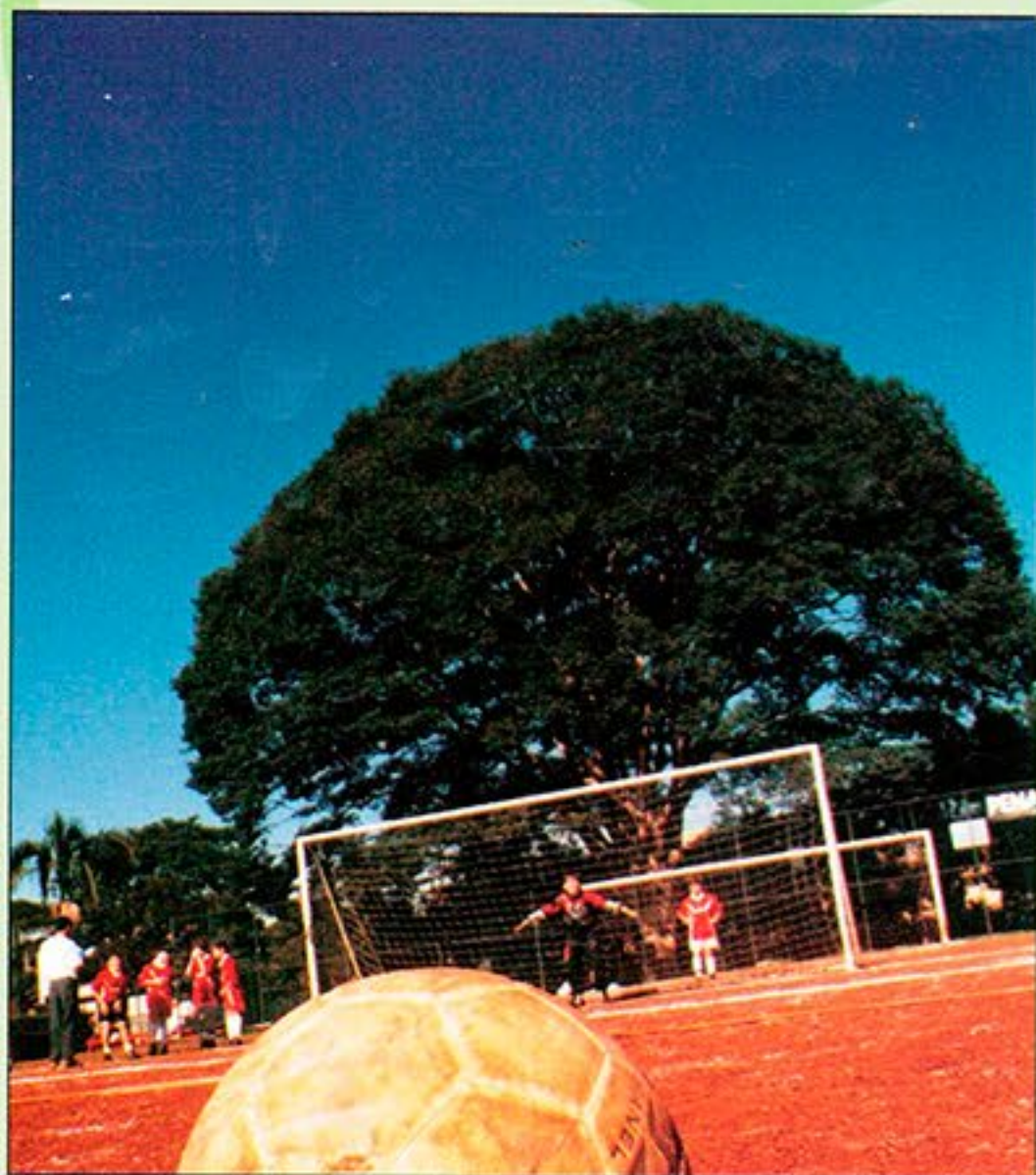
A garagem pronta é o Paulistano 2000.

À esquerda, Dr. Cesar Ciampolini Neto, Presidente do Conselho Deliberativo, e, à direita, Dr. José Manuel Castro Santos, Presidente da Diretoria, durante a cerimônia de inauguração da garagem em 26 de agosto de 2000.





A árvore e a permanência



Todos conhecem a árvore. Tem quarenta metros de altura, trinta de copa. Está ali desde 8 de fevereiro de 1925. Foi plantada para marcar a memorável excursão à Europa, conforme diz a placa colocada aos seus pés em 1985. Alberto de Almeida Lima, redator oficial, digamos assim, de quase todas as placas que no clube comemoram os grandes feitos, ali escreveu: "Para deixar marcada aquela que seria a memorável excursão pelos campos da Europa, nossos valorosos futebolistas, por ocasião da partida, plantaram esta bela árvore ao pé de seu campo de origem. Zelando sempre por ela, desde o primeiro dia - 8 de fevereiro de 1925 - o CAP viu crescerem a sua sombra, nesses sessenta anos de vida, as sucessivas gerações de atletas, inspirados todos nos mesmos ideais que impediram que o "Glorioso" se apagasse de nossos corações. Por tudo isso, sob os auspícios do Departamento Esportivo, ela passou a ser nossa árvore símbolo". Tão amada que mesmo o projeto mais importante do clube nas últimas décadas, o da garagem, gerou polêmicas a partir dela. O projeto foi alterado, para que a árvore continuasse de pé. O pau-ferro é o elo entre todas as épocas. Na simbologia, uma árvore representa a vida, em perpétua evolução para o alto. Perde e recupera as folhas, tem o dom de se refazer e reciclar. A água, outro símbolo de vida, circula por sua seiva. Testemunha dos tempos, das contínuas reformas. A árvore contemplou as transformações a seu redor. A série de reformas e ampliações, efetuadas de tempos em tempos e aceleradas durante as décadas de 80 e 90. Somente a árvore seguiu as mudanças constantes efetuadas ao longo da história, quando o clube entre as ruas Colômbia e Argentina, Honduras e Estados Unidos alterou tantas vezes a sua feição. Pode-se dizer que o Paulistano girou continuamente sobre si mesmo, dentro dos limites dos quais jamais pretendeu fugir. Ele se ampliou e se estruturou para viver sempre o presente, e o presente tem o futuro implantado, em constante germinação. Uma entidade que é como uma árvore, sempre em processo de rejuvenescimento, e que mantém intacto o seu espírito e viva a essência da sua filosofia, tem em si o dom da permanência.

Comissão do Livro do Centenário

Alberto de Almeida Lima (Presidente de Honra)

Mário Amato (Presidente)

Alberto Lopes de Oliveira

Antonio dos Santos Clemente Filho

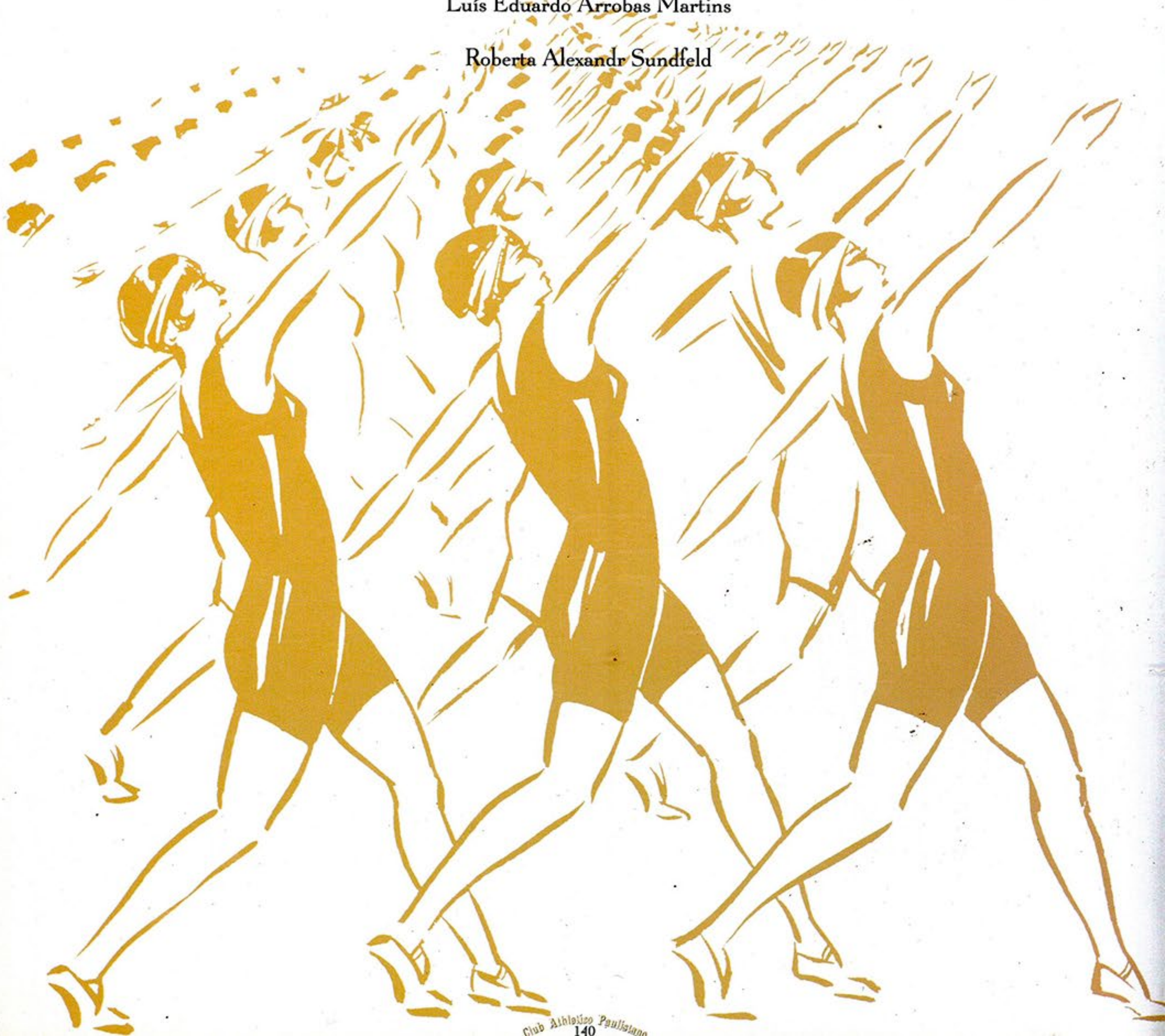
Edgård Scavone

Jeanette Beatriz Rozsavölgyi

Leon Alexandr

Luís Eduardo Arrobas Martins

Roberta Alexandr Sundfeld



Presidentes do CAP

Bento Bueno	1900-1902
Renato Miranda	1902-1903
Numa de Oliveira	1903-1906/1911-1912
Antônio Prado Júnior	1906-1909/1916-1954
José Luiz Guimarães	1909-1910
Arthur Alves Martins	1910-1911
Adolpho Melchert Netto	1912-1914
Antonio Aymoré Pereira Lima	1914-1915
José Carlos de Macedo Soares	1915-1916
Luiz Oliveira de Barros	1954-1961
Luiz Fernando do Amaral	1962-1973
Luis Ferraz do Amaral	1974-1983/1986-1989
Antonio Caio da Silva Ramos Júnior	1983-1986
Horácio Cherkassky	1989-1994
Cesar Ciampolini Neto	1994-1999
José Manuel Castro Santos	1999



Bibliografia

- AMARAL, L. F. Minhas reminiscências do Club Athletico Paulistano. São Paulo: s. ed., 1977.
BRUNO, E. S. História e tradições da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1953.
CLUB Athletico Paulistano: um clube que cresceu com a cidade. São Paulo: s.ed., 1970.
Coleção de jornais do acervo do clube, (1901 a 1940).
Coleção: Revista Paulistano, (1928 a 2000).
COSTA, Alexandre. Tigre do futebol. São Paulo: DBA Books and Art, 1999.
MAZZONI, T. História do futebol no Brasil: 1894-1950. São Paulo: Leia, 1950.
MILLS, J. R. Charles Miller: 1894-1994. São Paulo: Price Waterhouse, 1994.
OCTÁVIO, L. O. R. Elos de uma corrente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
PATUSKA, A. Os reis do futebol. São Paulo: s.ed., 1976
RELATÓRIOS anuais do Club Athletico Paulistano, (1916-1998)

Iconografia

As fotografias e ilustrações estão indicadas de cima para baixo, da esquerda para a direita.

Acervo Club Athletico Paulistano: capa a, b (Pedro Brandão Teixeira), p. 1, 2 e 3, 4 e 5, 8, 10, 13, 14, 15, 16 e 17, 21, 22, 23a, b e c, 25, 26b, 28a e b, 30a e b, 31, 32a e b, 33a e b, 34a e b, 35 a e b, 36a e b, 37b, 38a, b, c e d, 39a e b, 41, 42, 43a, b, c e d, 44, 45, 47 a e b, 48, 50a e b, 51, 52, 53a, b e c, 54 e 55, 56a e b, 57, 58b, 59, 61a e b, 63a e b, 64, 65, 66a e b, 67a e b, 68, 69a, b* e c, 70a e b, 71b e c, 72, 73, 74, 75a, b, c e d, 77a, b e c, 78, 79a e b, 80, 81a, b, e c, 82a e b (Beto Ríginik), 83a*, c, d e e, 84a, b, c e d, 85*, 86, 87*, 88*, 89a*, b e c*, 90a, b e c, 91a* e b*, 92*, 93, 94, 95, 96a e b, 97a* e b*, 98*, 99a*, b* e c*, 100a e b, 101a e b, 102a*, b, c*, d, e (Servfoto), f, g, e i (Servfoto), 103a*, b, c, d (Servfoto), e, f (Servfoto) e g*, 104a, b (Servfoto), c (Servfoto) e d*, 105a, b, c*, d, e, f e g, 106a*, b*, c*, d* e e*, 107a e b, 109a*, b*, c*, d (Servfoto), e, f*, g, h (Servfoto), i* e j, 112*, 113 (Fábio Figueiredo), 114a, b*, c (Servfoto), d (J.L.Mutaf), 118a*, b (Servfoto), c*, d*, e* e f (Servfoto), 119*, 123a*, b*, c*, d*, e* e f*, 124b, 126a, 129 b* e c*, 130a, b*, c*, d, e*, f*, g*, h* e i, 131a, e, e f*, 133 (Maria Fernanda B. S. de Lima), 134a* e b*, 135*, 136a*, b* e c*, 137a (Fábio Figueiredo), b* e c*, 139*, 140 e 144
* (Sérgio Barzaghi)

Acervo FAU/USP: p. 20

Agência Estado: p. 19, 29, 58a, 102h, 108

Arquivo do Estado de São Paulo: p. 24a e b (A Cigarra), 26a (A Cigarra), 27a e b (A Cigarra), 37a (A Cigarra), 46a (Brasil Sportivo), b e c (A Cigarra), 60 (A Cigarra), 71a e 83b

Romulo Fialdini: p. 6, 12, 110, 114e, 116 e, 117, 120, 121, 122, 124a, 125, 127, 128, 129a, 131b, c, d, g, h, i e j, 132, 134c, 138 e 142

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brandão, Ignácio de Loyola, 1936 -

Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário / Ignácio de Loyola
Brandão. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2000

ISBN 85-7234-

1. Club Athletico Paulistano (SP) - História

I. Título

00 - 1589

CDB - 790.0688161

Índice para catálogo sistemático

1. Club Athletico Paulistano: Clubes recreativos:

São Paulo : Cidade : História 790.0688161

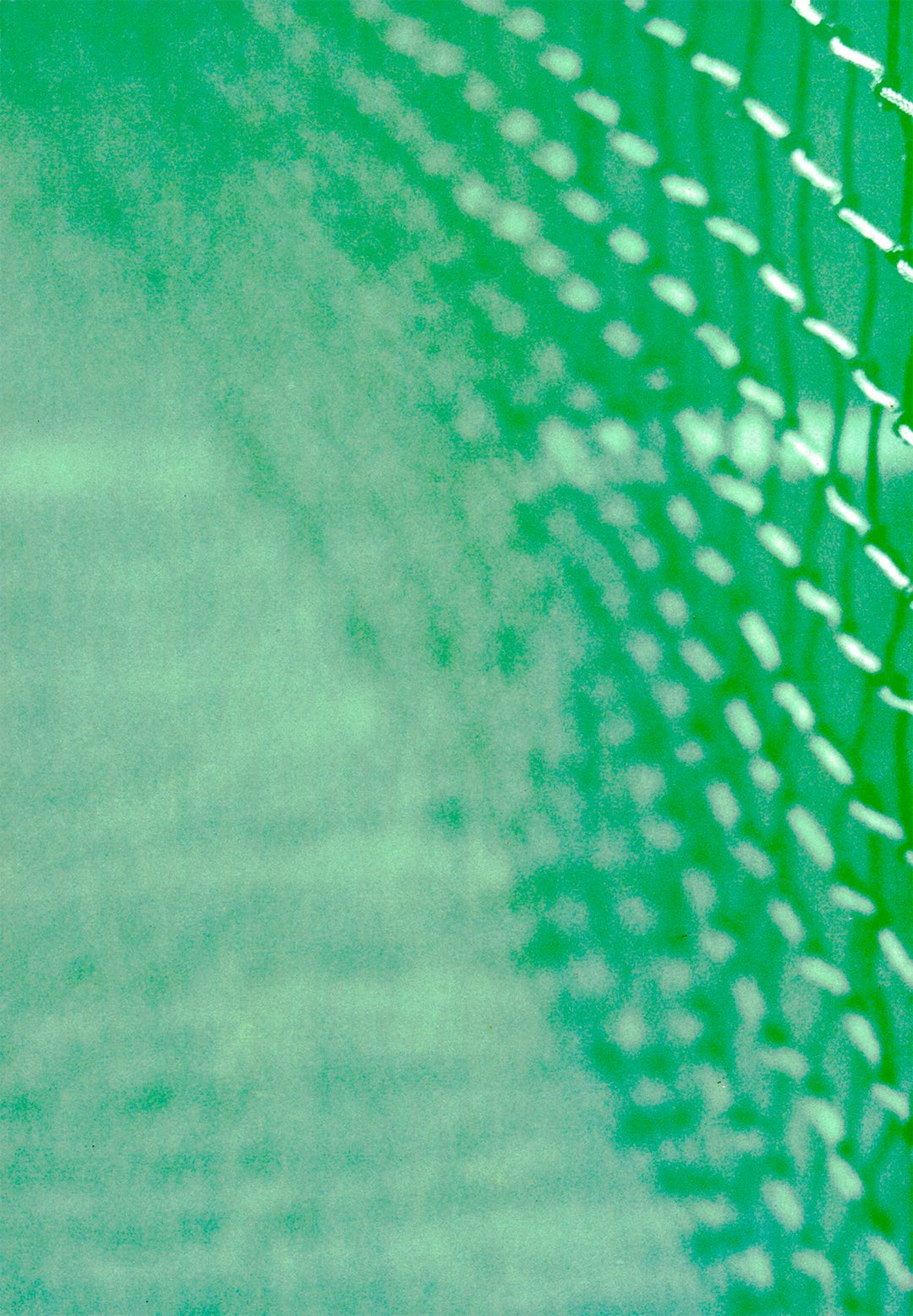
DBA Dórea Books and Art

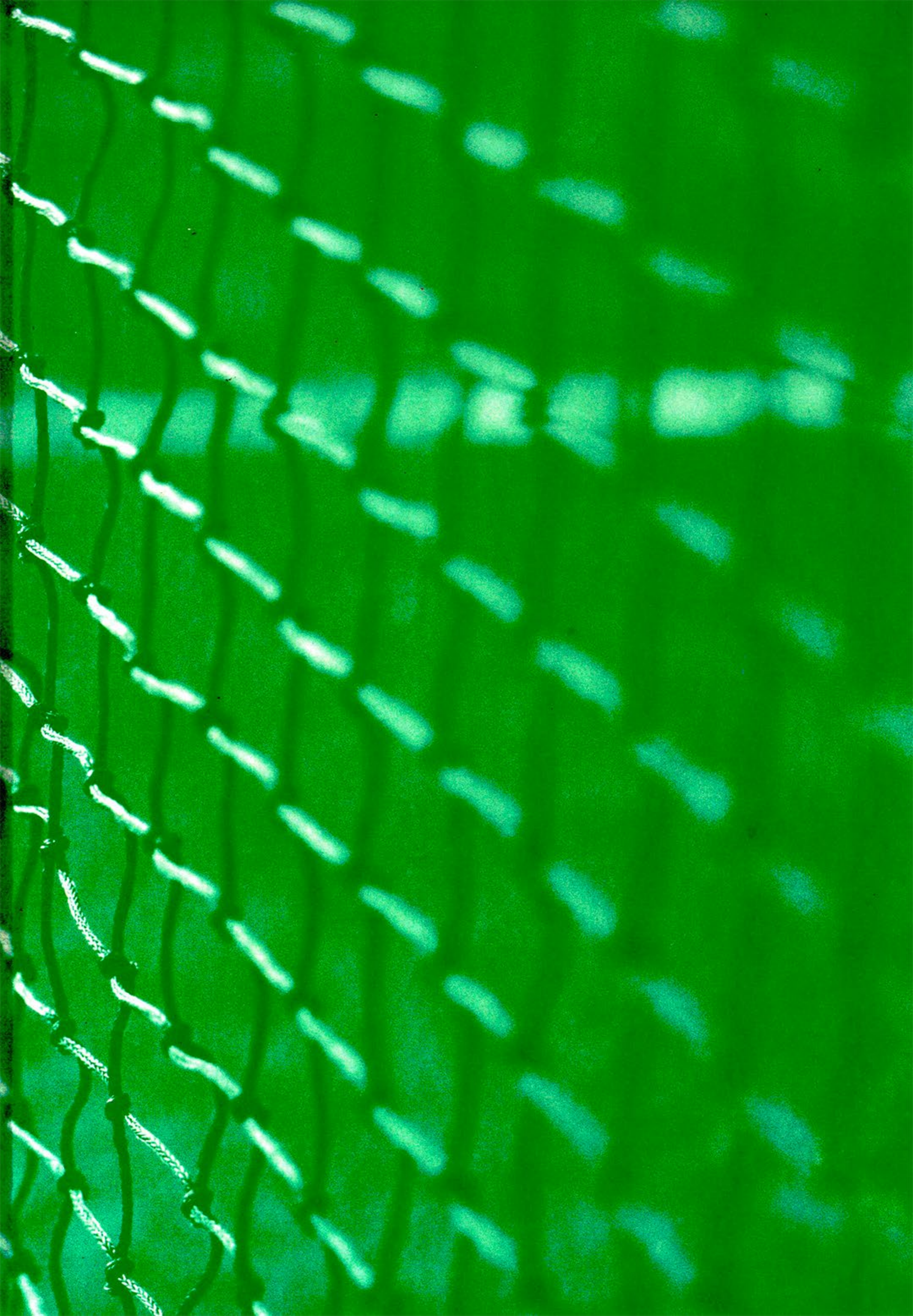
Al. Franca, 1185 cj. 31/32 - 01422-010 São Paulo SP

Tel.: (11) 3062 1643 - Fax.: (11) 280 3361

e-mail: dbabooks@uol.com.br







DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2026



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ